



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS  
HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO



**ANNA PAULA CORREIA FERREIRA E CARDOSO**

**PROCESSOS DE TRABALHO NO TELEJORNALISMO DA TV  
SERGIPE: IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19**

**SÃO CRISTÓVÃO-SE**

**Agosto-2023**

**ANNA PAULA CORREIA FERREIRA E CARDOSO**

**PROCESSOS DE TRABALHO NO TELEJORNALISMO DA TV  
SERGIPE: IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe-UFS para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Franciscato

**SÃO CRISTÓVÃO-SE**

**Agosto/2023**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Cardoso, Anna Paula Correia Ferreira e  
C268p Processos de trabalho no telejornalismo da TV Sergipe :  
Impactos da pandemia de COVID-19 / Anna Paula Correia  
Ferreira e Cardoso ; orientador Carlos Franciscato. – São  
Cristóvão, SE, 2023.  
140 f. : il.

Dissertação (mestrado em Comunicação) – Universidade  
Federal de Sergipe, 2023.

1. Comunicação. 2. Jornalismo local. 3. COVID-19,  
Pandemia de, 2020- .4. Telejornalismo - Produtividade. 5.  
Comunicação de massa. I. Franciscato, Carlos Eduardo, orient.  
II. Título.

CDU 659.3:070.11



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO –  
PPGCOM



ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE  
DISSERTAÇÃO MESTRADO EM  
COMUNICAÇÃO – UFS

**Título do trabalho:** PROCESSOS DE TRABALHO NO TELEJORNALISMO DA TV SERGIPE: IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19

**Aluno (a):** ANNA PAULA CORREIA FERREIRA E CARDOSO

**Data da defesa:** 30/08/2023

Às 15hs do dia 30 do mês de agosto de 2023, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe realizou a defesa de dissertação de Mestrado da discente **ANNA PAULA CORREIA FERREIRA E CARDOSO** intitulada: **PROCESSOS DE TRABALHO NO TELEJORNALISMO DA TV SERGIPE: IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19**, conforme o que estabelece a resolução Nº 4/2023/CONEPE/UFS, que regula o funcionamento do PPGCOM/UFS. A banca examinadora foi composta pelos professores CARLOS EDUARDO FRANCISCATO (PPGCOM-UFS) – presidente da banca e orientador, VITOR CURVELO FONTES BELEM (PPGCOM-UFS) – avaliador interno e LÍVIA CIRNE DE AZEVEDO PEREIRA (PPGCOM-UFRN) – avaliadora externa. Após a discente apresentar seu trabalho, a banca fez os questionamentos e comentários referentes à pesquisa, os quais foram respondidos. Ao final, a banca se reuniu e considerou a discente ANNA PAULA CORREIA FERREIRA E CARDOSO **APROVADA** no Curso de Mestrado em Comunicação da UFS.

Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, 30 de agosto de 2023.

Documento assinado digitalmente  
CARLOS EDUARDO FRANCISCATO  
Data: 25/09/2023 17:49:27-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Banca Examinadora:**

Prof. Dr. CARLOS EDUARDO FRANCISCATO (PPGCOM-UFS)  
presidente da banca

Documento assinado digitalmente  
VITOR CURVELO FONTES BELEM  
Data: 29/09/2023 11:59:40-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. VITOR CURVELO FONTES BELEM (PPGCOM-UFS)  
avaliador interno

Documento assinado digitalmente  
LÍVIA CIRNE DE AZEVEDO PEREIRA  
Data: 02/10/2023 10:50:17-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. LÍVIA CIRNE DE AZEVEDO PEREIRA (PPGCOM-UFRN)  
avaliadora externa

## AGRADECIMENTOS

Ao meu marido Fábio e ao meu filho João pela acolhida em tantas ausências;

Aos meus pais, que me incentivaram aos estudos;

À minha irmã Stella que me animou quando queria desistir;

Ao colega Anderson Barbosa que, sorrindo, me incentivou a fazer a inscrição do mestrado e depois, desesperados, dividimos dores e angústias;

As minhas amigas e colegas de trabalho Carla e Michelle que me ajudaram sempre que precisei;

À minha chefe Rosa Vasconcelos que nunca me negou um pedido;

E especialmente ao meu orientador que pacientemente e sabiamente me conduziu até aqui. Obrigada Mestre Franciscato!

*Dedico esta dissertação a todos os mestrandos que estudam e trabalham*

Anônimo

## RESUMO

A presente pesquisa busca registrar, analisar e compreender as práticas jornalísticas utilizadas pelo telejornalismo com a pandemia de Coronavírus. Com o avanço da contaminação e da imposição de regras sanitárias voltadas para o distanciamento e consequente controle de contaminação, novas rotinas jornalísticas foram se estabelecendo. O modo de fazer jornalismo, como era concebido até então, passou por uma reestruturação de forma circunstancial, alterando singularmente a práxis telejornalística, sendo nos dois primeiros anos marcada por um movimento de ruptura nos processos produtivos para dar lugar ao retorno de práticas adotadas antes da covid-19. Esta pesquisa acompanha o cenário anterior, durante e (entre os anos de 2019 e 2022 e reflete acerca das influências da pandemia para uma redação pós-vírus, com as transformações que foram enraizadas ou não. Com base nessas reflexões, buscamos responder aos seguintes questionamentos: Quais mudanças são consequências da pandemia? Houve ruptura de aspectos na rotina jornalística? Quais aspectos mantiveram continuidade? Quais mudanças se deram de forma circunstancial e retornaram aos padrões anteriores? Quais mudanças introduziram inovações no processo de trabalho do telejornalismo? Sustentamos como hipóteses que os processos de convergência jornalística com base na tecnologia influenciaram significativamente as rotinas produtivas do telejornal e ainda a pandemia gerou uma alteração nas rotinas de produção com a divisão entre o trabalho de rua e o de casa da equipe, com intensificação do ritmo e volume de trabalho e flexibilização de jornada. Consideramos aspectos como o uso da tecnologia da informação, da mutabilidade da notícia e transformações estruturais. O recorte empírico dado é para o telejornal diário *Bom Dia Sergipe*, da *Tv Sergipe*, afiliada da *Tv Globo* em Sergipe, em período anterior, durante e próximo ao fim da emergência de saúde pública decretada pela Organização Mundial de Saúde. Propomos o estudo com base na metodologia de estudo de caso e na Teoria do *Newsmaking*, compreendendo a notícia a partir da construção social dos fatos, das rotinas de produção e da organização jornalística. Corroboramos ainda com trabalhos sobre a cobertura pandêmica, de autores como Emerim et al. (2020), Belém et al (2020), Monteiro e Siqueira (2020), Paulino et al (2020).

**Palavras-chaves:** Telejornalismo; Pandemia; *Tv Sergipe*; Covid-19 Rotinas produtivas.

## ABSTRACT

This research seeks to record, analyze and understand the journalistic practices used by television journalism with the Coronavirus pandemic. With the advancement of contamination and the imposition of sanitary rules aimed at distancing and consequent control of contamination, new journalistic routines were established. The way of doing journalism, as it was conceived until then, went through a restructuring in a circumstantial way, singularly altering the telejournalistic praxis, being in the first two years marked by a movement of rupture in the productive processes to give way to the return of practices adopted before the covid-19. This research follows the previous scenario, during and after it (between 2019 and 2022 and reflects on the influences of the pandemic for a post-virus newsroom, with the transformations that were rooted or not. Based on these reflections, we seek to answer the following questions: What changes are consequences of the pandemic? Was there a break in aspects of the journalistic routine? Which aspects maintained continuity? What changes occurred circumstantially and returned to previous patterns? What changes introduced innovations in the work process of telejournalism? We maintain as hypotheses that the processes of journalistic convergence based on technology significantly influenced the productive routines of the television news and the pandemic also generated a change in production routines with the division between street work and home work of the team, with an intensification of the pace and volume of work and shift flexibility. We consider aspects such as the use of information technology, the mutability of news and structural transformations. The empirical clipping given is for the daily news program *Bom Dia Sergipe*, on *Tv Sergipe*, an affiliate of *Tv Globo* in Sergipe, in a period prior to, during and close to the end of the public health emergency decreed by the World Health Organization. in the case study methodology and in the Theory of Newsmaking, understanding the news from the social construction of facts, production routines and journalistic organization. We also corroborate with works on pandemic coverage, by authors such as Emerim et al. (2020), Belém et al (2020), Monteiro and Siqueira (2020), Paulino et al (2020).

**Keywords:** Telejournalism; Pandemic; *Tv Sergipe*; Covid-19; Productive routines.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Interação com audiência pelas redes sociais no <i>BDSP</i> .....	50
<b>Figura 2</b> – <i>BDSP</i> interagindo com audiência pelo X.....	54
<b>Figura 3</b> – Bastidores de um ao vivo em <i>Home office</i> .....	72
<b>Figura 4</b> – Relato de jornalista em <i>Home Office</i> .....	73
<b>Figura 5</b> – Repórter de máscara na frente da tela a partir de 04 de maio de 2020 ( <i>Globo nacional</i> ) .....	102
<b>Figura 6</b> – <i>Tv Sergipe</i> segue regras da <i>Globo</i> .....	102
<b>Figura 7</b> – Distanciamento de 1,5m, uso de máscara e uso do segundo microfone .....	103
<b>Figura 8</b> – Distanciamento de 1,5m, uso de máscara e uso do segundo microfone .....	103
<b>Figura 9</b> – Repórter Janaína Rezende atualiza notícias de casa .....	105
<b>Figura 10</b> – Médica em entrevista por <i>Skype</i> alerta sobre a importância do acompanhamento cardiológico, durante pandemia.....	112
<b>Figura 11</b> – Especialista fala por <i>Skype</i> de saúde de adolescentes.....	113

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Programação local da <i>Tv Sergipe</i> em outubro de 2022 .....	96
<b>Tabela 2</b> – Equipe de jornalismo da <i>Tv Sergipe</i> antes e durante a pandemia .....	109

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Sistematização das mudanças .....	83
<b>Quadro 2</b> – Período de coleta de dados no <i>Bom Dia Sergipe</i> .....	87
<b>Quadro 3</b> – Funções desenvolvidas.....	91
<b>Quadro 4</b> – Relação entre hipóteses, categorias e índices variáveis .....	92
<b>Quadro 5</b> – Perfil dos entrevistados .....	100
<b>Quadro 6</b> – Descrição das atividades diárias do telejornal nos períodos pesquisados...	116

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 ASPECTOS TEÓRICOS DO TELEJORNALISMO CONTEMPORÂNEO</b>	<b>17</b>
2.1 Jornalismo e mundo do trabalho .....	25
2.2 As transformações da televisão.....	36
2.2.1 O lugar do telejornal.....	41
2.3 Fenômenos e mudanças estruturais.....	46
2.4 Mudanças no Telejornalismo.....	54
2.5 Telejornalismo regional .....	57
<b>3 PANDEMIA E NOVOS PROCESSOS DE TRABALHO NO TELEJORNALISMO.....</b>	<b>62</b>
3.1 Pesquisas sobre telejornalismo e pandemia .....	63
3.2 Rotinas produtivas no telejornalismo.....	65
3.3 Home office como saída na pandemia .....	72
3.4 Audiência e perspectivas da Coprodução .....	74
<b>4 QUESTÕES METODOLÓGICAS .....</b>	<b>77</b>
4.1 Modelo interpretativo da análise: rupturas, continuidades e potencializações	77
4.2 Procedimentos Metodológicos.....	84
4.2.1 Estudo de caso.....	84
4.2.2 Recorte do objeto – Bom Dia Sergipe.....	85
4.2.3 Pesquisas bibliográfica e documental.....	88
4.2.4 A entrevista como técnica de pesquisa.....	89
4.3 Hipóteses e as categorias de análise .....	91
<b>5 A TV SERGIPE COMO ESTUDO DE CASO .....</b>	<b>95</b>
5.1 Cenário contemporâneo da Tv aberta em Sergipe .....	95
5.2 Perfil empresarial e editorial da Tv Sergipe .....	96
5.2.1 Princípios editoriais do Grupo Globo.....	98
5.3 Alteração nas rotinas de produção e fluxo do trabalho.....	100
5.4 Os processos de convergência jornalística com base na tecnologia .....	111
5.5 O telejornalismo pós-pandemia do Bom Dia Sergipe.....	115
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>120</b>
<b>7 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>123</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>137</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde o início, ainda quando na seleção para o Mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), em outubro de 2020, eu já tinha a certeza do que queria estudar : as mudanças provocadas no modo de fazer telejornalismo pela pandemia de covid-19. Por quase três anos, a humanidade enfrentou a maior crise sanitária da história recente. Os primeiros casos do novo Coronavírus foram registados na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China, em dezembro de 2019.

Em 30 de janeiro de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) disparou o nível mais alto de alerta da organização, considerando que o surto de covid-19, em humanos, tornara-se uma emergência de saúde pública internacional. Em 11 de março, o vírus foi considerado pela Organização Mundial de Saúde uma pandemia. A chegada ao Brasil se deu em 26 de fevereiro de 2020 (G1 SP, 2020). Não demorou e em 14 de março de 2020 o alarme foi disparado com o primeiro registro da doença em Sergipe (BARBOSA,2020).

A covid-19 antes da chegada ao Brasil, já era amplamente abordada nos noticiários internacionais. A cobertura recebia atenção maciça da imprensa internacional. No Brasil, ainda era motivo para pouco espaço nos meios de comunicação, concentrando-se apenas nos meios de circulação nacional. Naquele momento, as reportagens traziam relatos do início da circulação na China, de registros em outros países, e de situações de agravamento na Europa e Estados Unidos. A Itália era o país que concentrava mais atenção e divulgações da pauta, afinal, os números davam conta de uma nação com uma atuação e contaminação do vírus de forma agressiva e mortal.

Com a chegada do vírus ao Brasil, a rotina dos profissionais da imprensa sofreu impactos desde o primeiro caso registrado e novas configurações de trabalho alcançaram as etapas de apuração, gravação e edição das reportagens, tanto na mídia impressa, quanto televisiva e on-line. O cenário provocado pela pandemia exigiu dos profissionais uma nova e diferente forma de construção da notícia, essa nova forma me intrigou . Tive dificuldades em relação ao tema, ao corpus e as ideias foram estudadas, descartadas, repensadas mas a única convicção que me rondou foi que a pandemia e a rotina da redação fossem contempladas na minha pesquisa.

Meu percurso profissional foi essencial para a escolha temática, por ser uma jornalista, editora de televisão, tenho interesse pessoal pelo tema, sem qualquer intenção de relativizar algum tipo de afastamento entre quem eu sou e o que eu estudo, mesmo com o inegável risco de envolvimento com o objeto.

Vivenciei todas as etapas da epidemia de covid-19 e seus efeitos. Não só efeitos na sociedade, enquanto portadora das notícias, como experimentando seus impactos enquanto trabalhadora subordinada às medidas sanitárias e novas regras e protocolos sanitários. Participei ativamente experimentando todas as fases da pandemia nas rotinas produtivas do objeto de estudo a que me proponho pesquisar, como editora da *Tv Sergipe*. De imediato não me pareceu nenhum rompimento, colocar-me em dois lados : a jornalista e a pesquisadora desse mercado, mas eu estava profundamente enganada . Os caminhos me mostraram isso, porque as respostas que eu achava estarem prontas, precisei cavar, com muita leitura, com muitas reuniões com meu orientador e com resquícios que confesso sem medo de afetar este trabalho, afinal somos humanos, e em algum momento erramos.

Mas o erro não foi proposital e a todo momento foi vigiado, reflexões que tinha com colegas mestrandos e com colegas de trabalho tentavam me guiar para um caminho que não afetasse a minha metodologia e sobretudo a minha ética.

A ideia de pesquisar o tema, fascinou-me porque eu percebia ali na minha rotina as mudanças em ritmo acelerado que a pandemia impunha na rotina de produção dos telejornais, experimentávamos um jeito diferente de produzir, de gravar reportagens, de entrevistar, de apurar. Era preciso reinventar parte da gramática do Telejornalismo, senão não teríamos o que colocar no ar, em plena enxurrada de notícias e busca de informações pela população. Claro que contando assim e agora, parece até envolvente, tem até ares romântico, mas para ser sincera é que todo o processo foi tomado de incertezas e medo, muito pelo ineditismo do movimento e pela dramaticidade que envolvia a doença, afinal, milhares morriam a cada dia e pouco se sabia sobre o vírus. Fomos aprendendo enquanto fomos perdendo parentes, amigos e conhecidos.

As questões da pesquisa não mudaram substancialmente desde a proposta inicial de seleção do Mestrado, queria estudar a relação da pandemia com a rotina da redação, do fazer notícia, mas o percurso foi alterado por justamente estar ali numa redação, estar vulnerável ao vírus. Houve momentos em que foi preciso trabalhar em casa, houve momentos em que foi preciso voltar para a redação, um rodízio de colegas, de funções que acabava respingando no meu olhar sobre o objeto da pesquisa. Assim é que a pandemia interferiu na coleta de dados e os objetivos da pesquisa foram refinados buscando o melhor cenário para o fenômeno central de interesse: as rotinas produtivas.

A esse respeito, aliás, é importante mencionar que foi preciso entender a minha posição papel enquanto mestrandos de separar os meus papéis: pesquisadora e profissional de mercado, acreditando que só assim, seria possível alcançar o amadurecimento metodológico e científico, e ter melhores perspectivas para a pesquisa.

Aqui trago uma pequena síntese sobre o objeto que analisei, porém ressalto que mais adiante no capítulo quatro o tema será esmiuçado. O *Bom Dia Sergipe* estreou na grade jornalística da Tv Sergipe em 1983, começou com vinte minutos de duração e hoje tem 02h30 de duração. O telejornal matinal começa às 06h00 da manhã e vai até às 08h30. A Tv Sergipe como afiliada da Tv Globo, segue um padrão de linguagem, de apresentação, visual e editorial dos demais telejornais matinais do horário.

Optei por fazer entrevistas semiestruturadas com jornalistas que atuaram no noticiário *Bom Dia Sergipe* durante a pandemia. As perguntas foram feitas seguindo o pré-roteiro, mas também de modo semiaberto, para explorarmos as percepções e experiências de cada profissional. As análises das entrevistas foram feitas por caminhos categorizados na discussão teórica, e analisados com base na metodologia de Palacios (1999,2003,2004).

O ensinamento do jornalista Ricardo Kotscho -“Lugar de repórter é na rua”<sup>1</sup>, um ditame nas redações de televisão e o lema da premiada repórter da Rede Globo de Televisão Sônia Bridi para quem o “bom jornalismo não se faz por telefone, mas indo ao lugar (BRIDI, 2020, p.205), precisou, forçosamente, ser revisto com a instalação da pandemia de covid-19. A cobertura pandêmica nos telejornais foi marcada por repórteres com máscaras, uso de dois microfones, entrevistado segurando o microfone da emissora, distanciamento de 1,5m, reportagens sendo exibidas com uso de vídeos amadores, uma diversidade de recursos para suprir a ausência da equipe de reportagem no local do fato.

Nas redações, não foi diferente, foi imposto o distanciamento físico entre as mesas de trabalho e entre os profissionais o contato físico também foi estipulado a uma distância mínima de 1,5 metros. Profissionais foram trabalhar em casa, na modalidade de teletrabalho. Medidas que convergiram com os decretos governamentais editados a cada etapa da evolução ou regressão da pandemia. Para todas essas situações houve efeitos no modo de fazer notícia. Uma mudança significativa ocorreu no dia 5 de maio de 2020, quando os repórteres das afiliadas *Globo* da Paraíba, Sergipe, Ceará e da própria *Globo Recife* passaram a usar máscara descartável<sup>2</sup>. As mudanças nos processos de trabalho, as novas configurações e práticas que causaram alteração na ecologia dos meios levou muitos profissionais a refletirem sobre como se fazia o jornalismo antes e como se fazia agora. Muitas dúvidas surgiram sobre o que, naquele cenário, seria passageiro e o que não seria, e sobre como isso tudo afetaria o jornalismo.

---

<sup>1</sup> Frase atribuída ao jornalista, Ricardo Kotscho, profissional com premiada trajetória em impressos, revistas e Televisão, mantém atualmente um Blog na internet sobre política e temas de interesse nacional. Balaio do Kotscho : <https://noticias.uol.com.br/colunas/balaio-do-kotscho/>

<sup>2</sup><https://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2580/1453>

Com base nessas reflexões três grandes vertentes podem ser consideradas e todas com implicações na reflexão sobre as rotinas estruturais e as práticas do Telejornalismo: a pandemia trouxe ruptura no ecossistema televisivo, novos métodos se somaram aos já consagrados; a pandemia derrubou regras e tabus vigentes nas etapas de produção da reportagem e por fim, um pós pandemia que mescla esses dois momentos. Quanto ao problema aqui estudado podemos resumi-lo em torno das seguintes questões: as razões para mudanças foram apenas circunstanciais? De que forma o momento vivenciado na pandemia vai se estabelecer em cobertura sem pandemia? Existem sinais que nos conduzam para um novo telejornalismo? E qual o alcance do cenário de pandemia e pós - pandemia? De que forma as práticas, aplicadas na pandemia, moldaram as verdades profissionais dos jornalistas?

O objetivo geral da pesquisa é, então, compreender os possíveis cenários das redações de televisão no horizonte do pós-pandemia, demarcando o Telejornalismo local. Esta pesquisa visa responder a seguinte questão : qual foi o alcance das mudanças no telejornalismo num cenário de pós-pandemia?

Para isso, procuramos conhecer os estudos sobre televisão e Telejornalismo produzidos no século XX e nas duas primeiras décadas do século XXI; a perspectiva dos profissionais que atuaram nessa cobertura. Corroboramos, com a teoria *Newsmaking*, e buscamos encaixar a pesquisa paralelamente ao paradigma da construção social da realidade com a preocupação voltada para os três eixos citados por Wolf (1994): cultura profissional dos jornalistas, organização do trabalho e processos produtivos, nos fornecendo dessa forma o entendimento das rotinas produtivas.

Em nossa pesquisa bibliográfica adotamos autores, na área de jornalismo como Alsina (2009), Pena (2010), Paternostro (1999), Wolf (1994). Ainda, trabalhamos, com Shoemaker (2011), no sentido de que a produção da notícia é um esforço colaborativo, que envolve etapas e rotinas, mas que se mostram eficientes, por reduzirem o processo de avaliar as notícias. Uma base para isso está nos critérios do discurso do jornalista e do Manual de Princípios e Valores da empresa de comunicação objeto de estudo. São elementos que fazem parte de uma praxe jornalística.

Absorvemos ainda, as reflexões de Jenkins (2013) para o jornalismo, quanto às mudanças ocorridas na comunicação e da construção da notícia como consequência da convergência midiática, enfatizando na potencialização das interações sociais e nas relações dos usuários com a tecnologia contemporânea. Utilizaremos trabalhos sobre a cobertura pandêmica de autores como Emerim *et al.* (2020), Belém *et al.* (2020), Monteiro e Siqueira (2020), Paulino *et al* (2020), Prata *et al* (2020), além de pesquisas do campo de Telejornalismo

de Fechini (2014) e Cirne (2015) para entender essa nova realidade de informação na Tv.

Os objetivos específicos são: construir e discutir cenários prospectivos do modo de produção, captação e exibição das reportagens televisivas em Sergipe, no horizonte de um futuro apelo fim da pandemia e vivência de uma normalidade na sociedade além de estudar o impacto da pandemia sobre as rotinas produtivas jornalísticas.

Buscamos compreender de que maneira a cobertura da pauta covid-19 trouxe alterações na práxis jornalística, e instalou possibilidades que caracterizam a fase da pós-pandemia.

Para alcançar esses objetivos o presente estudo foi dividido em seis capítulos. No primeiro capítulo encontramos a introdução e uma breve motivação pessoal que nos levou a escolha ser uma mestranda. No segundo capítulo, além dos aspectos teóricos do telejornalismo contemporâneo encontram-se as transformações e fenômenos vividos pelo telejornalismo. No terceiro capítulo, foi feita a discussão sobre a pandemia que se divide em quatro subpartes. A primeira refere-se às pesquisas sobre o telejornalismo e a pandemia, segunda sobre os novos processos de trabalho na pandemia, a terceira traçamos uma discussão sobre o *home office* e seu alcance e a última subparte trata da audiência, em perspectiva de coprodução. O terceiro capítulo apresenta a metodologia de pesquisa utilizada, o problema e perguntas da pesquisa, assim como descrição do roteiro e os passos utilizados para as entrevistas e a forma de tratamento de dados. O quinto apresenta a *Tv Sergipe* como um estudo de caso e apresentamos as conclusões obtidas com base nos dados empíricos e no cruzamento com o referencial teórico.

## 2 ASPECTOS TEÓRICOS DO TELEJORNALISMO CONTEMPORÂNEO

Propomos iniciar esta discussão alinhados a ideia de autores que defendem que à medida que o jornalismo influencia o cotidiano, ele também é influenciado por essa realidade, quando os jornalistas recebem as notícias, apuram os fatos, priorizam as notícias que são atuais, as mais relevantes e para o público, estão contribuindo para a construção da vida cotidiana.

Para que essas discussões sejam cumpridas, propomos compartilhar conceitos fundamentais do telejornalismo, expondo perspectivas que conduzam a uma abordagem teórico-empírica da dissertação orientada por Alsina, Bourdieu, Traquina e Teorias como *Gatekeeping* e *Newsmaking*.

Entender a prática do jornalismo passa por compreender aspectos fundamentais como a ética na busca pela verdade, a imparcialidade e a responsabilidade social. Princípios essenciais na função de informar sem comprometer a integridade das pessoas envolvidas nas notícias. Mas para entender a ética do profissional, também é preciso entender a Teoria do *Newsmaking*, não separá-las no processo.

Relacionar a abordagem teórica com a prática do jornalismo é fundamental para a compreensão do papel do jornalismo na sociedade. A teoria funciona como uma ferramenta para a prática, capaz de auxiliar o jornalista na produção de conteúdo de qualidade e no desenvolvimento de uma postura crítica diante da realidade. É dessa ligação, que usamos como exemplo que não há como escapar que pretendemos relacionar mais adiante. Citemos aqui, Alsina (2009), que adiante trataremos de forma mais acentuada. O autor propõe uma visão do jornalismo como construção social, onde a notícia não é apenas um relato objetivo dos fatos, mas a construção de um discurso que pode ser influenciada por diversos fatores, como interesses políticos, econômicos e culturais.

O jornalismo é um campo muito específico de atuação, uma área onde a representação muitas vezes acaba se confundindo ou assumindo o papel da narrativa jornalística, é o que salienta Traquina (2005).

Para Corcuff (2001) o que vivemos hoje, o nosso cotidiano e mundo social é uma composição tanto de acontecimentos exteriores quanto de interiores, o autor defende a interação de realidades objetivadas e interiorizadas, onde o mundo social é moldado com base em construções passadas. Os eventos passados são apropriados e produzidos nas interações futuras com o outro onde “as realidades sociais são apreendidas como construções históricas e cotidianas dos atores individuais e coletivos” (CORCUFF, 2001, p. 26).

Para o autor, o mundo social não é uma realidade natural, é uma realidade construída, onde “os elementos são, novas formas de realismo”, Corcuff (2001, p. 29). Em “*A Construção da Notícia*”, Alsina (2009) enfatiza a construção de três mundos: “mundo real”, “mundo de referência” e “mundo possível” (ALSINA, 2009, p. 303), propiciando uma melhor reflexão sobre o construtivismo na prática do jornalismo. Segundo o autor, “o jornalista é o autor de um mundo possível que se manifesta, em forma de notícia (ALSINA 2009, p.303). O mundo real seria então, o mundo dos acontecimentos, dos fatos em si, onde estão ainda as fontes. O mundo de referência surge da dinâmica de se fazer dar um sentido aos acontecimentos, interpretando-os a partir de um modelo de referência (cultural, ideológico, econômico, etc.). Já o mundo possível nasce do que é construído pelo jornalista nos dois mundos ao tratar desse fato, estaria ligado à veracidade do acontecimento, para tornar real o mundo possível que ele mesmo construiu. O construcionismo proposto por Alsina também destaca a importância da análise do discurso jornalístico. A partir desse discurso que são construídas as representações da realidade, “a análise do discurso jornalístico é um instrumento de trabalho indispensável para a compreensão dos significados que os meios de comunicação produzem e difundem” (ALSINA, 2009, p.30).

Como qualquer campo de conhecimento, o jornalismo é dirigido por rotina, regras, códigos, linguagens onde estão inseridas questões ideológicas e políticas, o que para Bourdieu é onde se dá o processo interno das instituições (1997):

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias (BOURDIEU, 1997, p. 57).

Bourdieu (1997) defende que o jornalista ao cumprir as etapas da construção da notícia, selecionando qual fato deve ser relevante e publicizado, a linguagem a ser usada para descrever, o formato, quais fontes consultar, está enquadrando essa notícia dentro de uma realidade em função de suas próprias categorias, “vendo” certas coisas e outras coisas não, e “vendo” essas coisas de uma certa maneira, operando assim uma seleção, uma construção do que é selecionado (BOURDIEU, 1997, p. 25). Para Traquina (2005) os jornalistas quando apresentam uma narrativa, o fazem sob seu ponto de vista, imbuindo ali, uma representação, uma leitura da realidade, confundindo-se com as práticas jornalísticas. . Muitas vezes, isso acontece por meio da linguagem, usada como instrumento, uma representação, tornando-se assim um instrumento

estruturado em função dos meios de comunicação onde trabalham, da organização da empresa, das ligações do veículo de comunicação com outros atores sociais (TRAQUINA, 2005, p. 168-169). Ao trazer essa interpretação da realidade, o jornalismo também é influenciado por esse cotidiano, contribuindo para a construção dessa realidade social.

O jornalismo é resultado de uma construção social, como foi visto, um processo estruturado em interações e negociações entre os jornalistas e os atores sociais, uma ação de caráter coletivo. Cada ator tem seu papel, função na condição desse processo e é daí que surge a notícia. Tuchman (1978) acredita que o noticiário organiza a realidade do cotidiano, do acontecimento noticiável, ao mesmo tempo em que é parte integrante dessa realidade, funcionando como um fenômeno social compartilhado. Para Silva e França (2017) o jornalista trata a informação com base em recursos sociais e culturais, modelados como matéria-prima (2017, p. 4), pelos “[...] embates do mundo, dos valores culturais, da intersubjetividade construída pela comunidade de jornalistas”. Nesse sentido, o jornalismo traz autoridade aos acontecimentos, dando caráter público (TUCHMAN, 1978).

A produção da notícia e a gramática jornalística seriam para Traquina (2005) narrativas marcadas pela cultura do jornalista como pessoa, pela cultura e pela sociedade onde ela está inserida e por um campo específico, como a organização empresarial, todos esses campos seriam assim, acionados no momento da construção da notícia, como uma representação da realidade do profissional. O processo envolve mapas culturais e identificação, mas não são os únicos, porque também devem ser considerados a organização burocrática dos meios e os critérios de noticiabilidade (TRAQUINA, 2005, p.176).

Stuart Hall argumenta que as ideias dos jornalistas estariam preferencialmente ligadas aos grupos hegemônicos, às instituições privadas e da sociedade civil, fora da ação direta do Estado, ou aparentemente fora, mas ainda sob sua influência. “Se tudo está, mais ou menos, sob a supervisão do Estado, é bem fácil perceber porque a única ideologia que se reproduz é a dominante” (HALL, 2006, p. 165).

É da essência do trabalho do jornalista filtrar informações e submetê-las a filtros e *gates*, num processo de controle. Compreender e avaliar de que forma e quando esses filtros agem na construção da notícia é a base da teoria do *gatekeeping*. No jornalismo, esse conceito foi aplicado pela primeira vez por David White, em 1950. A teoria ganhou forma em um estudo de caso, em que David acompanhou a rotina de um editor de primeira página de um jornal norte-americano, com tiragem de 30 mil exemplares numa cidade de cem mil habitantes. “Mr. Gate” (apelido dado para preservar o anonimato do jornalista) seleciona e edita as notícias nacionais e internacionais oriundas das agências Associated Press, United Press e International News

Service. A busca era entender como eram definidos os critérios de noticiabilidade e porque as notícias são publicadas como são. White concluiu que os critérios subjetivos sustentam as escolhas do editor. (WHITE *apud* TRAQUINA, 1999b, p. 167-176).

Wolf (2009) apontou que as normas fixadas pela cultura do profissional prevalecem como critério de noticiabilidade e norteiam a profissão. O autor ainda aponta que também contam as normas de organização da empresa, uma soma, uma espécie de junção de características da cultura profissional e sua organização de trabalho, são esses elementos que definem o conjunto de critérios e requisitos que determinam a noticiabilidade do fato, passíveis de publicação.

Essa visão nos dá um norte para entender os procedimentos adotados pelos jornalistas, notadamente pelos que atuam nos jornais impressos que têm como primeira conduta um processo de seleção inevitável, o de se inteirar sobre os acontecimentos do dia, tornando-se assim, quase como uma pré-seleção de fatos.

A figura do “selecionador” passa a operar com um poder de controlar as informações que se tornarão notícias, é quem determina que fatos que serão notícia e levados ao conhecimento do público e os fatos que serão descartados, nessa tomada de decisão, para SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 14, os *gatekeepers* determinam a realidade social do público, a forma como o mundo será visto. Ao publicar ou descartar uma notícia, o selecionador exerce um controle de informação que “podem ser determinadas nas decisões sobre a codificação das mensagens, a seleção, a formação da mensagem, a difusão, a programação, a execução de toda a mensagem ou dos seus componentes (WOLF, 2005, p. 186).

Ao afetar a realidade social da pessoa, o jornalista exerce um relevante papel na formação crítica, cultural, econômica e política do cidadão, de maneira que ao interferir na realidade social das pessoas, molda opiniões e com possibilidade de influenciar nas tomadas de decisões. Vizeu (2003, p. 108), interpretando a obra de Tuchman, defende que “a notícia está permanentemente definindo e redefinindo, constituindo e reconstituindo fenômenos sociais”, o que a torna um importante elemento da sociedade.

Para Wolf (2005, p.195) “o que não se mostra adequado às rotinas de produção e aos cânones da cultura profissional: não conquistando o quesito público de notícia, permanece simplesmente um evento que se perde na matéria-prima”.

O processo de *gatekeeping* para Shoemaker e Vos (2011), pode ser entendido sob três aspectos, a entrada dos itens no canal, seria o primeiro, o segundo aspecto diz respeito a características dos itens jornalísticas e o terceiro e último trata das imposições e limites que existem nas empresas de mídia.

No contexto de selecionador de notícias, Traquina ressalta que ao analisar apenas a escolha da notícia pelo *gate*, temos apenas um ponto de vista que é o do jornalista. Com apenas uma abordagem, avalia o autor, estaria “ignorando por completo quaisquer fatores macrossociológicos, ou mesmo, micros sociológicos como a organização jornalística” (2005, p.151). O autor lembra que as pesquisas de McComb e Shaw, em 1976, e no ano seguinte, Hirsch, apontaram que o percentual de aproveitamento das notícias foi próximo à quantidade oferecida pelas agências por categoria.

Traquina aponta ainda que em um estudo nos mesmos moldes ao de White foi realizado posteriormente com dezesseis jornalistas e concluiu que o fator que predominou sobre a seleção de notícias esteve ligado à organização (2005, p.152). Nesse sentido, as empresas de comunicação e as restrições impostas aos jornalistas somadas às rotinas produtivas, entendidas como repetidas práticas em um determinado padrão, usadas pelos jornalistas para trabalhar, prevaleceram sobre as opiniões pessoais do editor. É o que também enfatiza BREED (Warren Breed apud Traquina 1999) ao publicar um artigo atribuindo maior peso aos valores editoriais da empresa e à rotina profissional das redações do que às crenças dos jornalistas. Numa pesquisa com 120 jornalistas nos EUA, Breed averiguou que os profissionais afirmavam aprender a linha editorial da empresa “por osmose”

Basicamente, a aprendizagem da política editorial é um processo através do qual o novato descobre e interioriza os direitos e as obrigações do seu estatuto, bem como as suas normas e valores. Aprende a antever aquilo que se espera dele, a fim de obter recompensas e evitar penalidades (BREED (Warren Breed in Traquina. ) 1999, p. 155).

Breed não invalida o poder do *gatekeeper*, mas o situa dentro do contexto do ambiente organizacional, que tem mais peso do que entendimento do jornalista. Ao tratar do ambiente das organizações, consideramos justo notabilizar a abordagem de Soloski (1999), ainda que seja um escape do ponto de vista construcionista. Uma fuga momentânea e partimos do ponto de vista da teoria crítica, que enfatiza a luta contra as formas de opressão e dominação presentes na sociedade, buscando compreender as relações de poder que existem na sociedade, bem como se dão essas relações e de que forma são mantidas e reproduzidas por meio de instituições e práticas sociais. Essa teoria também busca promover a transformação social e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Soloski (1999) aborda com clareza que os jornalistas são frequentemente desviados de um jornalismo crítico e independente por causa de pressões comerciais e políticas que enfrentam em suas organizações de mídia. O autor Soloski (1999) avalia que às rotinas

profissionais operam constrangimentos no trabalho, onde são estabelecidos padrões e normas de comportamento. Para o autor as fontes provêm de um poder emanado da política editorial, sendo assim, ao selecionar a notícia, concentram-se no que não é o normal, “ao concentrar-se no desvio, no estranho e no insólito, os jornalistas defendem implicitamente as normas e os valores da sociedade” (SOLOSKI,1999, p.97). São pressões, parte de um sistema mais amplo de opressão e dominação que favorece os que partem das elites políticas e econômicas em detrimento do interesse público.

Soloski defende a necessidade de uma abordagem crítica para o jornalismo, que possa identificar e denunciar as formas de opressão e dominação presentes na sociedade. Sob essas perspectivas, concluímos aqui nossa fuga, com sentido de agregar a discussão do *gatekeeper* dentro do ambiente organizacional.

Com a Teoria do Newsmaking, nos anos 70, têm-se um outro paradigma, o pressuposto é de que as notícias são como são porque é a rotina industrial que as determina. Dado o grande volume de fatos no dia a dia, a produção de notícias somente se torna possível, mediante a organização do trabalho na redação. A compreensão da teoria do *Newsmaking* como foco no fazer jornalístico nos leva ao entendimento da sistematização de fluxos da organização ao produzir notícias, levando em conta os padrões organizacionais e processuais que influenciaram nessa construção.

Mauro Wolf (2003, p. 194) aponta as bases do *Newsmaking* como sendo a “cultura profissional dos jornalistas; a organização do trabalho e dos processos de produção”. O processo de produção da notícia se dá em uma rotina industrial, onde os veículos de comunicação cumprem etapas e tarefas.

O jornalista apesar de ser voz ativa na construção da realidade, não tem autonomia em sua prática e se submete a essas etapas e tarefas, tendo assim menos importância do que o planejamento de produção, são essas as práticas o objeto de estudo da teoria do *Newsmaking*. A qualquer momento, como defende Chaparro (2007), a lista de atributos e valores-notícia podem mudar, ao sabor de circunstâncias temporais, culturais, sociais, critérios não previsíveis, como a pandemia.

Para a Tuchman citado por Pissarra (2002) as empresas cumprem uma metodologia para a fabricação das notícias, que atende a critérios que tornam possível reconhecer um evento como noticiável, elaborando formas de tratar esse evento, levando em conta as questões temporais e espaciais, para que os eventos noticiáveis possam ser trabalhados de forma plena. Tuchman explica que o tempo é um fator complicador para os jornalistas, exercendo um papel de tirania. Os acontecimentos noticiáveis são imprevisíveis e sem controle, podendo ocorrer, a

qualquer momento e em qualquer lugar, assim os veículos se organizam no sentido de ter uma certa ordem nesse cenário. Para Wolf (WOLF, 2003, p. 265), o veículo de comunicação desenvolve um filtro para o que é ou não notícia, “a relevância de um acontecimento é determinada e comensurada com base nas exigências organizacionais do aparato”.

Wolf (2012) entende que a produção da notícia se dá de forma diversa e que os procedimentos de produção variam conforme a organização estabelecida pela empresa e pelo meio de comunicação. Ainda assim, o autor elenca três fases que são comuns: coleta, seleção e apresentação da notícia. São as etapas que de alguma forma definem os procedimentos comuns às redações para a produção da notícia, o passo a passo da rotina produtiva.

Essas mesmas três etapas estão presentes na descrição de rotina produtiva de Vizeu (2014, p.84), ainda que o faça considerando um meio diferente de Wolf, lá um meio impresso e aqui, um meio televisivo. Para Vizeu, as mesmas três etapas gerais são a chegada à redação, momento para se inteirar da organização do jornal; segundo momento é o meio de manhã, em que os editores de texto já estão editando material ou aguardam material da rua; e por fim, o fechamento, no fim da manhã, quando se aproxima a hora de exibição do telejornal.

Com a chegada da informatização às redações, a rotina produtiva seja de jornais impressos, de redações de rádios ou televisão foi modificada. Sylvia Moretzhon (2002) lembra que a correria sempre existiu, no entanto, o trabalho tornou-se mais exaustivo, dado o acúmulo de funções que o profissional executa, com o aumento de demissões

Com a incorporação dos serviços *on-line* pelos grandes jornais, a sobrecarga é ainda maior. Assim, a vantagem que o repórter de jornal impresso poderia ter em relação ao que trabalha em meios eletrônicos desaparece: se antes havia condições de retornar à redação para redigir a matéria até o horário do fechamento, hoje é preciso fornecer flashes para o serviço “em tempo real” do jornal e, quando for o caso, também para boletins radiofônicos (MORETZHON, 2002, p. 137).

As modificações que vieram sejam em formato, em tecnologia ou em alcance, são uma consequência da evolução da sociedade, à medida que evolui, a sociedade busca por mudanças que são refletidas no jornalismo.

Franciscato (2004) se atenta para a “preservação da solidez da instituição jornalística” diante das grandes mudanças de “caráter estrutural [...] e das reorientações por que a atividade vem passando, com a adoção de novos recursos de produção e expressão do conteúdo, particularmente na produção e transmissão de produtos jornalísticos *on-line*”. O autor traz ainda o debate sobre a dimensão qualitativa da temporalidade jornalística, alavancada pelos avanços tecnológicos

Não nos parece plausível nem um otimismo nem um pessimismo exagerado quanto às novas configurações que o jornalismo vai assumir a curto e médio prazos, inclusive num ambiente de mudança radical de suporte tecnológico (FRANCISCATO, 2004, p. 45).

Corroboramos com Palacios (2003) em não tratar esse percurso histórico por meio de uma visão evolucionista bastante simplista sem nos ater a uma afirmação de um “certo triunfo tecnológico” (PALACIOS 2003, p. 21), optamos por focar no percurso traçado pelo telejornalismo, na importância das mudanças trazidas, do processo vivido com a pandemia, e de que forma as mudanças agora surgidas, são em algum momento, reflexo de um processo histórico ocasionado pela pandemia.

Ao nosso ver, a cobertura dos telejornais na pandemia tem como arcabouço teórico o ensinamento de Wolf (1999) com base teórica no “Newsmaking”. Ao pesquisar o grau de noticiabilidade de um fato o autor defende que quanto maior o número de envolvidos maior é a noticiabilidade e aqui estamos falando de milhões de brasileiros, em diversos setores e cada qual com seu foco de interesse, seja a classe médica, as autoridades, ou os cidadãos. Foi preciso entrar rapidamente num sistema de instrumentalização das notícias, para só assim conviver com o vírus, prezando pela segurança pessoal e dos que estivessem à volta do profissional, ao mesmo tempo que produzimos informações que se mostrassem importantes, eficientes e necessárias para a população. É daí que o esquema de fazer notícias que se adequasse a este momento pandêmico, revelou-se similar a uma linha de produção de uma fábrica, sendo o Newsmaking a teoria que se encaixa nessa perspectiva de modelo de produção jornalística a uma rotina industrial.

A notícia ao dizer da realidade também acaba interferindo nessa realidade, e quem define isso, é o contexto de produção. Tomemos como exemplo a pandemia de covid-19, tema de interesse dessa pesquisa, a depender do contexto de como era publicizada a informação pode agregar ou apenas atrapalhar, praticando um desserviço. Nesse último caso, as fakes news foram imperativas em ocupar esse espaço.

Percebemos que os vários aspectos teóricos aqui abordados ajudam a entender as transformações organizacionais e a entender o estágio que o jornalismo alcançou e ainda deve suportar, principalmente no que se refere aos aspectos sociais, culturais e tecnológicos que envolvem essa mídia. As teorias do jornalismo permitem uma análise crítica e aprofundada das implicações sociais, culturais e políticas. Ao nos depararmos com a Teoria Construcionista, nos permite alcançar a relação entre a mídia e a construção social da realidade, e compreender como a Tv cria e molda a percepção do público em relação aos eventos e fenômenos. A Tv não é apenas um meio de informação, é um agente ativo na produção de significados e na construção

de narrativas sobre a realidade. O *Newsmaking*, nos ajuda a entender como os programas televisivos são criados e organizados. Segundo essa teoria, as notícias são produzidas de forma a atender às demandas do público e dos interesses comerciais e políticos dos veículos de comunicação.

No contexto da Tv, isso pode se manifestar em formatos de programas e na seleção dos temas e abordagens que serão transmitidos, buscando atender aos interesses dos anunciantes e da audiência. É com o *newsmaking* que vamos analisar as mudanças na produção televisiva ao longo do tempo, especialmente com a expansão das tecnologias digitais e das redes sociais digitais. Uma ferramenta para entender as transformações na produção televisiva e sua relação com as mudanças na sociedade e na cultura.

## **2.1 Jornalismo e mundo do trabalho**

A busca aqui é compreender as principais discussões sobre as transformações no capitalismo e as novas formas de exploração do trabalho, que incidiram também no mundo do trabalho do jornalista no cenário brasileiro, criando dimensões. Buscamos sistematizar as ideias, delineando o debate em torno da crise do trabalho, para tratarmos em seguida dos efeitos da globalização e da precarização no mundo do trabalho no jornalismo.

A partir da adoção de políticas neoliberais em 1980 e uma nova ordem econômica mundial traçada com a Globalização, começam marcantes transformações econômicas, políticas, tecnológicas, sociais e culturais que impactaram o mundo do trabalho e provocaram mudanças nas relações de produção. A globalização de acordo com Bauman (1998) deslança um processo de intensificação entre sociedade e tecnologia, criando uma reconfiguração da ordem social, com base no capitalismo informacional, onde a digitalização, para Carroza (2017), é o pilar dessa nova ordem. Em seu livro “A Era da Precarização: Trabalho e Capitalismo Digital”, relaciona a precarização sob a perspectiva do impacto das novas tecnologias no mundo do trabalho defendendo que a digitalização e a automação estão transformando profundamente as relações de trabalho, criando formas de exploração e precarização. Carroza também entende que a precarização afeta não só trabalhadores menos qualificados como também profissionais altamente qualificados, ele argumenta que “os trabalhadores de alta qualificação, como programadores e designers, muitas vezes são contratados como freelancers e têm que competir por projetos em uma economia globalizada e altamente competitiva” (CARROZA, 2017, p. 2).

A economia que estava baseada na manufatura, agora se volta para uma economia dos serviços, para Castells (2002) esse processo se dá juntamente com um ajuste dos mercados que tendem à flexibilização dos contratos de trabalho, emergindo para o trabalho de termo certo, contingenciado, subcontratado e terceirizado. É intensificado como fruto da globalização e da competição internacional, a busca das empresas pela redução dos custos e aumento da produtividade.

Essa transição do modelo fordista para o modelo flexível, segundo Harvey (1992), a flexibilidade permitiu uma reorganização das relações de trabalho, estabelecendo um novo paradigma de produção, e isso teria fragmentado a classe trabalhadora, provocando ainda mais a desigualdade social. A globalização impulsionou esse modelo flexível juntamente com a competição internacional, impactando profundamente a vida social e econômica. Harvey descreve que outro aspecto importante desse momento de transição, é o papel dos governos. Houve a desregulamentação do mercado de trabalho, flexibilização dos horários e redução dos custos de produção, com políticas neoliberais para atender os interesses das grandes empresas:

Na medida em que o aumento da competição internacional em condições de crescimento lento forçou todos os Estados a se tornarem mais “empreendedores” e preocupados em manter um clima favorável aos negócios, a força do trabalho e outros movimentos sociais tinha de ser contida.(HARVEY,1992, p, 158)

Em resumo, não foi um processo natural, mas sim resultado de políticas neoliberais, implementadas pelos governos para atender a interesses do capital financeiro. Uma passagem que serviu de pano de fundo para que as empresas reestruturassem a organização produtiva sedimentada nessas políticas. Antunes (2009) entende que essa “crise do fordismo” e a reestruturação da economia na verdade foram sintomas de uma crise ainda maior do sistema do capital, que gerou o crescimento exponencial do desemprego, condições precárias do trabalho e degradação na relação entre homem e natureza, de modo mais geral (ANTUNES, 2009, p. 17).

As relações de emprego mudaram com o passar dos anos, e com a crescente mudança tecnológica, a utilização em larga escala de equipamentos menores e mais rápidos e a velocidade de acesso à informação mexem nos processos de trabalho. A Organização Internacional do Trabalho, OIT (2021) produziu um relatório para compreender como as plataformas digitais de trabalho transformando o mundo do trabalho e como isso impacta a classe trabalhadora. A pesquisa examina as perspectivas sociais e de emprego, analisando as projeções de como isso afeta a qualidade de vida dos trabalhadores, como muda a forma de

trabalho, a remuneração, a dinâmica de mercado e a economia de maneira em geral, “estas plataformas estão a conduzir a mudanças não só na organização das empresas e dos processos de trabalho, mas também, em muitos casos, na relação entre trabalhadores e empresas” (OIT, 2021, p.3).

Aqui no Brasil, o estudo da precarização do trabalho se dá com mais atenção, a partir de 1990, num cenário de instabilidade econômica e mudanças políticas. Para Maranh (2017) um processo que se intensifica a partir da década de 2000, com a crescente de políticas neoliberais. O autor argumenta que essas políticas neoliberais marcadas pela redução do papel do Estado na economia, pela desregulamentação e flexibilização do mercado de trabalho, têm contribuído para a precarização do trabalho em todo o mundo, “a precarização é uma forma de exploração do trabalhador, em que o capitalismo avançado é o grande beneficiado” (MARANHA, 2003, p. 14). O autor avalia a precarização do trabalho como um processo histórico, atrelado ao modelo econômico e não é um fenômeno restrito aos países em desenvolvimento, mas uma realidade global.

A precarização é uma consequência da aprovação de leis e medidas que ampliam o trabalho temporário e a terceirização das atividades. A palavra precarização significa reduzir, diminuir, tornar escasso e quando se relaciona com o trabalho, quer dizer diminuir direitos e garantias dos trabalhadores, termo ligado assim à globalização e suas metas de redução de custos e aumento de lucros, com a flexibilização das relações de trabalho e impactos diretos na realidade dos trabalhadores.

Oliveira (2003) aponta que essas políticas, que foram intensificadas a partir do governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), resultaram em:

um processo de precarização que se manifesta na redução dos direitos trabalhistas, na fragmentação do trabalho, na instabilidade e insegurança no emprego, na redução dos salários e na flexibilização das jornadas de trabalho (OLIVEIRA, 2003, p.6).

Segundo Bebber (2017), o governo FHC implementou políticas neoliberais baseadas na flexibilização das relações de trabalho e na redução dos direitos trabalhistas. Bebber destaca que “a flexibilização das relações de trabalho e a precarização do trabalho são medidas adotadas para atrair investimentos estrangeiros e promover a competitividade” (BEBBER, 2017, p. 5). Para Antunes (2018), “a precariedade do trabalho se expressa na expansão do setor informal da economia, na subcontratação, na terceirização, no trabalho precário, na flexibilização e na desregulamentação do trabalho” (ANTUNES, 2018, p. 33).

Essas mudanças tiveram um impacto significativo no mercado de trabalho brasileiro, especialmente para os trabalhadores mais vulneráveis, a precarização tem seu lado mais cruel entre os jovens, as mulheres e os imigrantes, deixando-os desprotegidos especialmente com redução de salários, e de direitos trabalhistas. Os reflexos acometeram também a atividade do jornalista, ganhando novos contornos e dimensões.

Buscando a perspectiva do jornalista é importante voltarmos ao entendimento de Carroza, sobre a flexibilização do trabalho, quando ele trata da emergência das plataformas digitais de trabalho, porque se trata do princípio desse modelo, visto como a “uberização”. Plataformas como *Uber*, *Airbnb* e *Rappi* têm levado a uma maior precarização do trabalho, na medida em que os trabalhadores são considerados “parceiros” ou “colaboradores” das plataformas, em vez de funcionários com direitos trabalhistas, onde são contratados em condições precárias, com baixos salários, ausência de benefícios sociais e falta de proteção legal.

O termo “uberização” foi evidenciado em 2015 pelo sociólogo francês Michel Wieviorka, para se referir à tendência de empresas que adotavam um modelo de negócio baseado em plataformas digitais e em trabalhadores independentes. No contexto do jornalismo, a uberização tem sido estudada em empresas jornalísticas que adotam modelos de negócios similares aos da *Uber*, contratando, jornalistas autônomos sem vínculos empregatícios e sem *direitos* trabalhistas garantidos.

Becerra (2019), pesquisador da Universidade Nacional de Quilmes, na Argentina, afirma que a uberização no jornalismo é uma tendência mundial e que se intensificou a partir de 2014, com o jornal britânico *The Guardian*, que lançou um programa para *freelancers* e assim outros veículos de imprensa copiaram o modelo. Os impactos, para o autor, são as jornadas exaustivas e os baixos salários.

De acordo com Peixoto (2019), o salário médio de um jornalista no Brasil é de R\$ 2.790,00 (dois mil, setecentos e noventa mil reais), valor insuficiente que acaba levando o profissional a ter jornada dupla ou tripla para manter melhor padrão de vida, praticando múltiplas funções além daquelas para as quais o profissional foi contratado, como tirar fotos, gravar vídeos, editar matérias.

As plataformas estão impactando as redações e o consumo de notícias. *Google*, *Instagram*, *Facebook*, *WhatsApp*, influenciam a forma como a população está se informando, sobre os acontecimentos diários. A reorganização do processo de trabalho gira em torno da introdução de novas tecnologias da comunicação e informação, com digitalização dos dados e dos processos e na convergência das mídias.

Em se tratando de convergência, adotamos o conceito de Jenkins (2008, 2013) no qual a convergência é um processo , mercadológico, cultural e social que muda os canais de transmissão tradicionais de mídia e transforma a maneira que a sociedade recebe, percebe e reage aos produtos.

A produção jornalística é mediada pelo aparato tecnológico informacional, com organização de funções no trabalho, voltada para mais o acúmulo de trabalho do que para a especialização em si, onde o jornalista precisa ser multitarefa, fazendo de tudo um pouco. Nesse sentido, a pandemia potencializou essa situação, para Fígaro (2021) a pandemia fez com que “comunicadores fossem mais requisitados” no trabalho e em diversas esferas de atuação, tanto profissional quanto pessoal.

Esse modo de produção pede que o trabalho seja cada vez mais flexível, com jornadas de trabalho indefinidas, espaço de trabalho diverso, remuneração variada, perda de direitos trabalhistas, enfraquecimento da organização sindical, dada a individualização da classe trabalhadora (ANTUNES, 2020). Guiam ainda precarização do trabalho, a grande exploração da força laboral, diminuição de remuneração, perda da qualidade de vida provocada por pressão no trabalho e surgimento de doenças laborais. Esse cenário aliado aos avanços tecnológicos impulsionam a exploração do trabalho, com demandas cada vez mais instantâneas e diversas.

Uma sucessão de acontecimentos econômicos e políticos trouxeram o Brasil para uma realidade de flexibilização das relações de trabalho, desemprego e precariedade salarial (ALVES, 2018). Somada ao processo de flexibilização das relações de trabalho, há que se destacar a crise financeira internacional do capital de 2008, denominada de Grande Recessão (ALVES, 2018), atingindo o país mais drasticamente em 2015 “a longa depressão da economia mundial não significa a estagnação” ainda, segundo o autor, já que após 2008, os Estados Unidos, a União Europeia e o Japão cresceram.

Nos estudos de Mascaro (2020) e Trindade (2020), quando a pandemia é registrada no Brasil, em 26 de fevereiro de 2020, o país já registrava aumento do trabalho informal para 41,1% da população ocupada no final de 2019. De acordo com Nery (2020), o país vivia uma crise econômica e política, com crescimento de 1,1% e 12 milhões de desempregados.

Olhando para essa breve perspectiva histórica num contexto de crise, as perdas acabam respingando na classe trabalhadora, que já se encontrava numa batalha para sobreviver em um cenário econômico tumultuado. Para combater a disseminação do coronavírus foram necessárias medidas, como o isolamento social que impulsionaram a reorganização da sociedade e das relações sociais, a pandemia trouxe mudanças de rotinas e novas dinâmicas para as classes de trabalhadores e com os jornalistas não foi diferente.

De acordo com Traquina (2004, p.94 *apud* Figueiredo, 2010), o jornalista também é uma , na medida em que se identifica com cinco atributos em uma profissão: “1) uma teoria sistemática; 2) um sentimento de autoridade por parte dos membros do grupo; 3) a ratificação por parte da comunidade dos agentes especializados; 4) a existência de um código de ética e 5) a existência de uma cultura profissional.” O jornalista enquanto categoria trabalho é preciso ser estudado, dentro de uma perspectiva, do valor mercadoria (FIGUEIREDO, 2010), o jornalismo dentro de uma perspectiva da empresa de comunicação não está dissociado do lucro, “está vinculado à determinada lógica de organização empresarial que o enquadra nos objetivos da lucratividade” (FÍGARO, 2013, p.15). Empresas de notícia, agências de comunicação e de publicidade e assessorias de comunicação transformaram-se para Fígaro (2020) no tocante à estrutura da planta empresarial e organizacional.

No começo da pandemia, os telejornais tinham um perfil monotemático, cobrindo à exaustão a chegada e a proliferação da doença no Brasil. Naquele, momento os repórteres não usavam máscaras durante as reportagens e a única medida protocolar era a não realização de entrevistas com pessoas com sintomas ou com quem tivesse tido contato com alguém contaminado pela covid-19. Não demorou, e em meados de março, já víamos repórteres usando máscara no vídeo, entrevistas feitas à distância, entrevistas gravadas pela internet através do *Skype*. Solução essa, que até o fechamento dessa pesquisa, embora com menos frequência, é uma ferramenta utilizada, pelo telejornal pesquisado.

Além disso, a essa altura da pandemia, os índices de foram alavancados com o conteúdo jornalístico, uma elevação de até 18% se comparado ao mesmo período pré-pandemia (PADIGLIONE, 2020), reflexo disso se deu no aumento do tempo de telejornais da *Tv Globo* em suas afiliadas, com conteúdo nacionais e locais (BELÉM et al., 2020), o aumento também foi acompanhando por sites e impressos de acordo com o Portal da Comunicação (2020).

Este momento, de dificuldades enfrentadas pela sociedade, impactou no *habitus* do jornalista profissional, vindo a fortalecer. Para o sociólogo Pierre Bourdieu, o *habitus* está relacionado ao ato automático em agir, decidir, reagir, uma razão prática (BOURDIEU, 1998, p.61), intuitivamente que dá sentido, sem que haja pré-disposições ligadas a fatores históricos ou culturais. É o conceito mais famoso do autor, o *habitus* está ligado a disposições e expectativas internalizados por meio da socialização que moldam as ações e percepções individuais, “é a incorporação da história, ou melhor, das experiências acumuladas na história, uma incorporação que se faz sob a forma de disposições duráveis de perceber, pensar e agir” (Bourdieu, 1996, p. 72).

Fazendo uso desses conceitos, numa perspectiva da posição do jornalista, nos parece que ao relacionar o trabalho do jornalista, o *habitus* molda a forma como o jornalista vê o mundo e produz suas reportagens. Outro conceito importante se trata do campo social, um espaço social estruturado, onde os indivíduos lutam por capital simbólico, por reconhecimento e prestígio “um espaço social estruturado, dotado de propriedades específicas que dependem das relações objetivas que existem entre as posições que os agentes ocupam no interior dele” (Bourdieu, 1996, p. 134).

Trazendo para o campo do jornalismo, esse campo é uma relação entre os veículos de comunicação, os profissionais, as fontes e público, onde os jornalistas lutam por espaço e prestígio, em busca de reconhecimento, respeito e prestígio pela sua obra. *Habitus* e campo são conceitos relacionados com o trabalho do jornalista, que é influenciado em todo o processo de fazer notícia, desde a escolha da pauta, passando pela produção até a exibição, vai sendo moldado em suas escolhas, percepções e leitura do processo pelo *habitus* e pelo campo que define as regras do jogo.

Oliveira (2020) compreende que entender a relação entre *habitus*, campo e jornalismo é essencial para uma análise mais profunda do papel do jornalista numa rotina de redação do Telejornal. A partir da perspectiva bourdieusiana a autora avalia que as práticas jornalísticas são influenciadas pelos valores e objetivos do campo e o *habitus* dos jornalistas pode afetar o conteúdo produzido e a forma como ele é apresentado ao público. Sob o mesmo ponto de vista, traçamos esta pesquisa.

É importante entender como o *habitus* dos jornalistas pode afetar o conteúdo produzido e a forma como ele é apresentado ao público, trazendo a discussão para o nosso objeto a pandemia é especial notar, que é meio a turbulenta onda de informações na pandemia, o jornalista um filtro, um apaziguar entre tantas e quase infinitas notícias, no cumprimento de seu papel social, de forma neutra, pela verdade em tempos de covid-19, reafirmando o poder simbólico (BOURDIEU, 1998) dos jornalistas e dos meios de comunicação.

O trabalho dos jornalistas durante a pandemia foi impactado, com desafios e novas práticas. Apesar de fundamentos basilares do jornalismo, como o compromisso com a verdade não terem sido alterados com a cobertura pandêmica, a realidade de atuação profissional mudou. Monteiro e Siqueira (2020) percebem que foram impostos desafios significativos para o jornalismo, principalmente para as rotinas de produção de notícias para a televisão, onde “afetou profundamente as rotinas jornalísticas, especialmente em termos de apuração e produção de conteúdo” (MONTEIRO e SIQUEIRA, p. 120).

O destaque é para a necessidade de adaptação às novas rotinas impostas pela pandemia, bem como o uso de tecnologias digitais e de ferramentas de trabalho remoto para a produção de conteúdo jornalístico. O uso das ferramentas digitais também é um destaque para Emerim (2020), que enfatiza uma nova dinâmica de trabalho construída em tempo real pelos jornalistas, com a colaboração de plataformas de produção e distribuição de conteúdo jornalístico em tempos de distanciamento social.

Mas seriam essas mudanças passageiras? Ou estruturais? autores como Pereira e Adghirni (2011) entendem que quando se sobrevêm, alterações socioeconômicas e inovações tecnológicas, essas situações podem ensejar mudanças estruturais. Os autores defendem que essas transformações no modo de produção da notícia, no perfil do jornalista e na forma de lidar com o público afetam diferentes aspectos do jornalismo, podendo ainda alterar a forma de como é praticado. Essas mudanças podem se dar em três aspectos: 1) na produção da notícia, com fluxos de produção e disponibilização da notícia cada vez mais acelerados, com a multiplicação de plataformas para conteúdo multimídia e ainda mudanças na forma de coletar a informação e na forma de se relacionar com as fontes; 2) no perfil do jornalista, impactado pela precarização do trabalho e 3) a forma de se relacionar com o público, que passa a ser um produtor de conteúdo e colaborador.

São transformações que já estavam em curso, porém em passos pequenos, mas que foram acelerados e potencializados com a pandemia, em 2020. Vizeu (2020) argumenta que a pandemia acelerou esses processos de mudança, como a digitalização das rotinas e a adoção do trabalho remoto. Segundo o autor, a pandemia “colocou o telejornalismo em situações extremas, exigindo mudanças de rotina, adoção de tecnologias e redefinição de processos” (VIZEU, 2020, p. 64). O autor destaca também a importância do desenvolvimento de novas habilidades e competências, entre elas a capacidade de produzir conteúdo para diferentes plataformas, dispositivos e trabalhar em equipe de forma remota. No entanto, também é preciso pensar que essas mudanças também se deram como uma saída de emergência, devido ao afastamento de profissionais pela doença que impuseram a flexibilização das funções desempenhadas. Para suprir a ausência de colegas (doentes ou afastados pela legislação pandêmica) foi preciso desempenhar diferentes funções e dar conta de novos, muitas vezes em forma de teletrabalho. O teletrabalho não é uma prática nova na história do trabalho, há autores que afirmam que essa modalidade pode ser observada no século XVIII, com trabalhadores têxteis na Inglaterra que levavam peças para produzir em casa, como forma de complementar a renda. Standing (2013) acentua que o teletrabalho foi posteriormente sido adotado por artistas

e escritores no século XIX e início do século XX, para escapar de pressões das editoras e galerias, que queriam controlar e adequar a obra desses artistas para atender às demandas comerciais do mercado, impondo prazos e exigências, que limitavam novas formas de arte. Ao trabalhar em casa, os profissionais podiam ter liberdade criativa e autonomia em relação às suas obras.

Mas é a partir da década de 1980 que o teletrabalho começa a ser adotado de forma acentuada por grandes empresas, como resposta às mudanças na economia global, à evolução da tecnologia de informação e comunicação. Segundo Lima (2018) afirma que o termo “teletrabalho” foi cunhado por Jack Nilles, na década de 1970 um engenheiro elétrico e consultor americano que com tecnologia de comunicação, que usou o termo para descrever o trabalho que é realizado fora do escritório tradicional, usando tecnologia de comunicação para conectar o trabalhador à empresa. De lá pra cá inclui uma variedade de formas de trabalho remoto e flexível.

Hoje em dia, o teletrabalho é cada vez mais popular, impulsionado pela crescente conectividade e pela demanda por maior flexibilidade no trabalho. No entanto, como qualquer nova forma de trabalho, o teletrabalho também apresenta desafios e riscos, que precisam ser abordados pelos empregadores e trabalhadores. Souza (2018) discute as críticas de Ursula Huws ao teletrabalho e as consequências para os trabalhadores e para a sociedade. O autor destaca que, para Huws, não há uma libertação ou autonomia, mas sim a precarização e a intensificação do controle sobre os trabalhadores, que passam a estar disponíveis 24 horas por dia, 7 dias por semana. É um mito.

Souza traz os argumentos de Huws sobre as implicações para a compreensão das transformações no mundo do trabalho e para a formulação de políticas públicas que promovam a dignidade e os direitos dos trabalhadores, onde “a crítica de Huws é uma crítica à ideia de que o teletrabalho é uma forma de autonomia, de liberdade e de controle do tempo de trabalho por parte dos próprios trabalhadores” (SOUZA 2018, p. 90). O autor ressalta que, para Huws, “o teletrabalho se apresenta como uma solução para as necessidades das empresas em termos de flexibilidade e redução de custos, sem levar em consideração as necessidades e desejos dos trabalhadores” (SOUZA, 2018, p. 89).

Resumindo é uma contribuição no sentido de se pensar no debate sobre o teletrabalho ao apresentar as críticas de Huws para um modelo de trabalho, sem pensar em políticas públicas que promotoras da dignidade e da sustentação dos direitos dos trabalhadores, num mundo do trabalho em transformação, onde de teletrabalho chegamos ao home office.

A transição entre os dois termos reflete essas mudanças com práticas de trabalho voltadas para a crescente adoção da tecnologia da informação. Como aponta Castells (1996), com o surgimento de uma "sociedade em rede", e uma comunicação em tempo real em qualquer lugar do mundo. Esse desenvolvimento tecnológico permitiu a emergência de formas alternativas de trabalho, sendo parte de uma tendência mais ampla de flexibilização. Castells não usa de maneira expressiva o termo *home office*, mas ao descrever o surgimento do espaço de fluxos que permite o trabalho remoto e a colaboração em tempo real, traz a base, a sustentação, de como as tecnologias da informação e comunicação interferem na nossa formação enquanto sociedade contemporânea, mudando o trabalho e sua organização.

Antunes (2009) destaca que o *home office* surge como uma evolução do teletrabalho e “o teletrabalho e, ainda mais, o home office representam uma nova fase do processo de intensificação do trabalho e de controle das empresas sobre a força de trabalho” (ANTUNES, 2009 p. 199). O autor destaca vantagens como a flexibilidade de horários, possibilidade de conciliação com outras atividades, mas frisa que há ainda novas formas de exploração, como a invasão da vida privada pelo trabalho e sobrecarga. Antunes entende que a transição para o *home office* não foi um processo uniforme e nem sempre de forma planejada. Citamos aqui para exemplificar, a pandemia onde o *home office* se tornou uma opção para muitos trabalhadores e empresas em todo o mundo, e provavelmente continuará sendo uma opção no futuro.

A providência, mostrou-se capaz de cumprir o distanciamento social exigido e necessário, porém reforçou a precarização. Uma pesquisa, aplicada em abril de 2020, entre profissionais de comunicação, observou que a pandemia acelerou de forma desorganizada, sem planejamento e sem condições necessárias de infraestrutura para o profissional, com desrespeito “em seus direitos seus direitos e condições de saúde física e mental” (Fígaro, 2020, p.75). Os entrevistados informaram que os equipamentos usados eram pessoais, trabalhavam além da carga horária, e com funções acumuladas. Segundo entrevista concedida ao portal Rede Brasil Atual, uma jornalista, desabafa sobre a nova realidade:

Nunca me senti tão cansada quanto agora. A vida acabou virando o trabalho, e vice-versa. Acho que, presencialmente, isso não acontecia tanto: existia a hora de ir para o trabalho e a hora de voltar. O *WhatsApp* não piscava o tempo inteiro. A redação não ficava no meu quarto. Não existia essa sensação de que todos os dias são iguais. Mentalmente, eu sinto que nunca desligo. MARIANO (2023, s,p)

O desafio do profissional de atuar numa crise sanitária respeitando protocolos de segurança fez do *home office* uma alternativa que num primeiro momento pareceu uma

alternativa segura. Fígaro (2021), ressalta que apesar de ter sido adotada como uma solução para a gestão do risco do trabalho, uma maneira segura de trabalhar, isso não fez dele uma atividade saudável, “pelo contrário, mesmo os comunicadores que reconheceram a necessidade e a segurança do *home-office*, neste momento, admitiram que ele trouxe uma parcela de sofrimento para o trabalho” (FÍGARO, 2021, p,76). A pesquisa do Centro de Comunicação e Pesquisa da USP, em setembro de 2021, apontou para o aumento da pressão e prolongamento das jornadas, com o teletrabalho

Percebemos uma enorme elevação dos profissionais que passaram a ter uma carga de trabalho diária de 10 horas, 12 horas, 14 horas e mais de 14 horas. Entre essas quatro jornadas, o maior aumento se deu entre os comunicadores que atuam 12 horas diariamente – de 26 para 138, um salto de 430% [entre abril de 2020 e abril de 2021], diz o relatório, que Visibeli assina junto a outros dez autores (FÍGARO et al 2021, p 76-77).

No entanto, não podemos excluir a perspectiva que corre paralela às já citadas, é a de que o *home office* favoreceu, alguns profissionais quanto à preservação do emprego, afinal muitos profissionais pela natureza de suas atividades ou pela inatividade das organizações, foram mantidos, por conta da adoção de medidas assim.

A pandemia ocasionou um ambiente de pressão, seja pelo volume cada vez maior de notícias a ser tratado e/ou pela situação em si. O vírus impôs limitações nas redações, reduziu equipes, número de profissionais e equipes de trabalho, mudou as estruturas e sobrecarregou as rotinas produtivas, precarizando as relações de trabalho e enfraquecendo o poder mobilizador e reivindicativo dos profissionais.

O volume de trabalho maior e mais funções e contingente reduzido. Entre os jornalistas a realidade formada de: a) excesso de jornada de trabalho; b) acúmulo de atribuições; c) necessidade de lidar rapidamente com novos formatos e de adaptação constante conforme a evolução da pandemia. Um cenário compartilhado em diversos setores da economia global.

Para ter mais alcance dessa problemática, Sousa et al (2020) recorreram a um inquérito que procurou compreender como as restrições sociais causadas pela pandemia, o afastamento e o isolamento social impactaram, além de, entre outros aspectos, nos processos informativos de produtores. Os autores concluíram quanto às rotinas de trabalho e fontes de informação, que durante a pandemia

Nos processos produtivos 95,4% dos respondentes declararam ter sofrido algum tipo de alteração na rotina de trabalho (entre pouco, medianamente, muito e totalmente), entre elas, a adoção do regime de teletrabalho (65,7% dos respondentes). A restante amostra distribui-se com 8,7% de repórteres na rua e 23,4% em trabalho presencial na empresa jornalística. Os dados da amostra

indicam que 64,9% dos respondentes declararam terem recebido EPIs (Equipamento de Proteção Individual), como máscaras e álcool, ainda que não possamos identificar se a parcela dos respondentes em mobilidade corresponde aos que foram amparados pelos equipamentos cedidos. Apenas um terço dos respondentes não tiveram alterações no tempo de trabalho diário; 23,3% declarou estar trabalhando menos durante a pandemia, e metade deles (51,12%) passaram a trabalhar mais horas por dia. Além das condições precárias na rotina, quase 20% dos respondentes foram impedidos de exercer a sua atividade laboral de algum modo. Dentro dessa amostra, metade deles tiveram o acesso a locais ou a documentos negados, e 34% passaram por situações de ameaça verbal em algum momento da cobertura (SOUSA *et al*, 2020, p. 19-20).

Para Sousa *et al* (2020), o que causa e o que acontece a partir dessas só é possível ser compreendido quando associamos ao conceito de campo jornalístico de Bourdieu e afirmam ainda a impossibilidade de “fazer mais com menos gente a trabalhar e, ainda por cima, mal remunerada, só alterando esse quadro se poderá sobreviver às “fake news” e a todas as ameaças que pairam sobre o sector, uma vez que o jornalista, enquanto mediador, interpreta a realidade para o público” (SOUSA *et al*, 2020, p.27 ).

Após mais de três anos de pandemia, o cenário é outro, tanto do ponto de vista do controle contágio, quanto do ponto de vista da forma de se trabalhar. A vivenciada hoje experimenta uma rotina produtiva que mescla diferentes suportes. A cobertura pandêmica trouxe transformações significativas no fazer telejornalístico. Grande parte do processo dessas transformações já estava em curso e foram intensificadas diante do cenário de transmissão comunitária da doença, assunto em evidência, muito por conta dos efeitos da covid-19 no mercado de trabalho como um todo, no comércio, na indústria, nos grandes e pequenos negócios e não seria diferente nas empresas de comunicação.

## **2.2 As transformações da televisão**

A Tv produz, conforme a experiência de Fechine uma relação que beira o pessoal e íntima, chegando a se comparar como uma companhia social: “me perguntei pela primeira vez por qual razão sempre que mantenho a Tv ligada, ainda que não preste muita atenção ao que se mostra ou ao que se fala não me sinto mais sozinha. Instala-se um tipo de efeito de presença” (FECHINE, 2008, p.108). Bucci vai mais além e coloca a televisão em um lugar em si mesma:

A Tv como lugar nada mais é que o novo espaço público, ou uma esfera pública expandida. (...) se tirássemos a TV de dentro do Brasil, o Brasil

desapareceria. A televisão se tornou, a partir da década de 1960, o suporte do discurso, ou dos discursos que identificam o Brasil para o Brasil. Pode-se mesmo dizer que a TV ajuda a dar o formato da nossa democracia (BUCCI, 2004, p.31-32).

A televisão, em toda sua programação, seja exibindo entretenimento ou gerando jornalismo assume um papel de destaque para a sociedade brasileira, não é apenas um aparelho, no meio da sala, do quarto ou de outros cômodos, é quase uma instituição, cercada em si de valores próprios. É uma das principais formas de comunicação e entretenimento da sociedade atual.

Desde a sua invenção, a televisão vem passando por diversas transformações, que vão desde a tecnologia até a forma como é consumida. Alfredo Vizeu e Giovana Borges Mesquita apresentam suas visões sobre as transformações da televisão em seus respectivos trabalhos. Vizeu (2008) apresenta a evolução da televisão ao longo dos anos e quais os impactos provocados na sociedade, afirmando que “a televisão é uma mídia dominante na sociedade atual, influenciando a opinião pública, a cultura e a política” (VIZEU, 2008, p. 18). Ainda, discute como a televisão vem se adaptando às novas tecnologias e aos novos formatos de consumo, se tornando cada vez mais interativa, o que permite que os telespectadores tenham uma interação com o conteúdo por meio de dispositivos móveis e redes sociais digitais.

Nesse contexto de interação com a internet, Mesquita (2017) defende que a televisão e internet tem uma relação complexa, “a internet mudou a forma como a televisão é consumida, permitindo que o público assista aos programas quando e onde quiser” (MESQUITA, 2017, p. 52). Para a autora, “a televisão tem se adaptado criando novos formatos de conteúdo para a internet investindo em plataformas de streaming, a televisão não morreu, mas precisa se reinventar para continuar” (MESQUITA, 2017, p. 60). Segundo Bolaño (2010, p. 23), “a televisão está experimentando um processo de transformação que afeta a maneira de produzir, distribuir e consumir conteúdos audiovisuais”. Bolaño entende que a digitalização da televisão tem proporcionado a criação de novos formatos de conteúdo e a distribuição por meio de plataformas online, para ele a televisão é o meio que integra diferentes conteúdos e serviços, como internet, telefonia e uma televisão interativa. Além disso, as plataformas de *streaming* têm impactado a televisão tradicional, uma nova forma de consumo de conteúdo audiovisual.

De acordo com Moraes e Rossoni (2019, p. 2), “a crescente popularidade dos serviços de *streaming* representa uma ameaça ao modelo tradicional de televisão”, mas Azevedo e Simões discordam desse pensamento, pois defendem que a televisão tradicional ainda tem seu espaço e relevância, especialmente quando se trata de eventos ao vivo, como notícias e esportes.

Para esses autores “o consumo de televisão ao vivo continua sendo um dos pilares da programação televisiva, principalmente em eventos de grande audiência” (AZEVEDO e SIMÕES, 2019, p.8). Bolaño (2010) segue esse mesmo raciocínio, para ele a televisão consegue se adaptar aos novos tempos, oferecendo novos formatos, “como séries, minisséries e programas interativos, além de estabelecer alianças estratégicas com outras empresas de mídia” (Bolaño, 2010, p. 23).

Essas perspectivas corroboram a ideia de que as transformações da televisão não se limitam à tecnologia e à digitalização, envolvem ainda questões culturais, sociais e econômicas, é o que destaca Mesquita “a televisão e a internet estão em constante evolução e transformação, e cabe aos produtores de conteúdo e às empresas de mídia se adaptarem e inovarem para acompanhar essas mudanças” (MESQUITA, 2017, p.60).

Machado (2000) enfatiza a importância da televisão como um meio de difusão cultural, que abre espaço para novas formas de expressão artística, além de valorizar a diversidade cultural, destacando a importância da televisão como um meio de difusão cultural e de informação “a televisão é um espelho da sociedade” (MACHADO, 2000, p. 18). O autor afirma que a evolução da televisão está relacionada com a cultura e a sociedade aponta que, nesse sentido, as principais mudanças giram em torno da transformação da televisão que passou de um meio de entretenimento para um meio de comunicação de massa, com o objetivo de educar a população e a influência da publicidade na programação, transformando a televisão em uma fábrica de desejos e de consumo.

Os programas mais assistidos são os que possuem maior audiência, e a maior audiência é, justamente, dos programas que mais anunciam. Dessa maneira, a lógica comercial da televisão, ao privilegiar a programação mais rentável, tende a homogeneizar e a padronizar o gosto do público. Assim, os padrões culturais, os valores, os comportamentos e as atitudes que a televisão difunde estão necessariamente ligados aos interesses do mercado.” (MACHADO, 2020, p. 53)

A discussão assim, para o autor gira em torno da televisão como um reflexo da sociedade, um espelho que pode influenciar a cultura e os valores. Cirne (2014) defende que como objeto cultural e social, a televisão não é apenas influenciada por aspectos tecnológicos, mas também por questões políticas, econômicas e culturais.

Cirne (2014) defende que como objeto cultural e social, a televisão não é apenas influenciada por aspectos tecnológicos, mas também por questões políticas, econômicas e culturais. Para a autora, o meio de comunicação é também um espaço de disputa por significados, em que diferentes atores sociais buscam promover seus interesses.

Não é apenas o resultado de uma tecnologia, mas sim um objeto cultural, atravessado por múltiplas dimensões e interesses.

Como ressalta Bourdieu (1997), os produtos culturais não são apenas um reflexo da realidade, mas também contribuem para a construção da realidade social, influenciando os valores, as crenças e as práticas dos indivíduos. Nesse sentido, a televisão é um importante objeto de estudo para compreendermos as transformações da cultura contemporânea (CIRNE, 2014, p.22).

As discussões em torno do tema não escapam, no entanto, do viés da tecnologia e seus efeitos nas transformações da televisão. Melo (2008) avalia a tecnologia como fundamental para a transformação da televisão ao longo do tempo, destacando ter sido o catalisador de novos formatos de programação e por ter proporcionado acessibilidade à televisão. O autor identifica três fases da televisão no Brasil: a Fase Experimental (1950-1959) onde a televisão em fase de testes, era uma novidade, com transmissões eram em preto e branco, de curta duração e tinha programação limitada. Sem um papel definido na sociedade, visto apenas como entretenimento.

A segunda fase - Fase Comercial (1960 - 1989): a televisão se consolida como um meio de comunicação de massa, ganha força como instrumento de propaganda e publicidade. Aumentam os números de aparelhos de televisão nas residências brasileiras, e a programação televisiva passa a ter um papel importante na construção de identidades culturais e na formação de opiniões políticas.

Na última fase - Fase Digital (1990 - atualidade), que é caracterizada pela tecnológica, marcada pela Tv a cabo, por Tv por assinatura e pela Tv digital, surgem múltiplos canais, a interatividade e a convergência entre diferentes os meios de comunicação, como a televisão, a internet e as redes sociais digitais. A televisão se torna um meio complexo com possibilidades para atender a diferentes públicos e demandas.

Cirne (2014) aborda essas fases, com outras três distinções: a fase de consolidação, a fase de expansão e a fase de fragmentação. Entre 1950 e 1960, ocorreu a fase de consolidação, quando a televisão se estabeleceu como meio de comunicação de massa, um modelo de programação linear e rígido. A televisão era um meio de entretenimento, e a publicidade desempenhava um papel fundamental na programação.

Na fase de expansão, 1970-1990, a televisão ofereceu uma programação mais diversificada e segmentada, atendendo a diferentes nichos de mercado, com programas culturais e educativos. A partir dos anos 2000, a televisão passa pela fragmentação da audiência, ofertando mais canais e plataformas de Tv, como a Tv digital e a Tv via internet.

Aqui, a televisão se torna ainda mais interativa e participativa, com a oferta de programas que incentivam a interação do público. Nessas etapas, os autores concordam que é a tecnologia que imprime os saltos, como por exemplo o uso de satélites-papel divisor no cenário televisivo, permitindo a transmissão de imagens e sons em tempo real, quebrando limitações geográficas. O primeiro satélite de comunicações foi o Telstar 1, em 1962, transmitindo imagens ao vivo entre os Estados Unidos e a Europa. A partir daí, houve uma evolução tecnológica que permitiu a expansão da televisão, incluindo o Brasil.

Para Melo (2008) “os satélites se tornaram a infraestrutura básica para os fluxos globais da informação e configuraram uma nova geografia no ciberespaço”. Quando a televisão passa a transmitir eventos ao vivo, grandes acontecimentos esportivos, políticos, programas internacionais, amplia a sua influência e alcance. Machado (2000) também credita aos satélites um poderoso divisor de fases, a tecnologia que ao permitir a transmissão de sinais em tempo real para diferentes regiões e países, contribui para a globalização da cultura televisiva e para o surgimento de novos formatos e gêneros televisivos. Vizeu (2014) acrescenta a esse ponto de vista a possibilidade da produção de reportagens e documentários mais completos e abrangentes.

Da criação até os dias atuais, esse meio de comunicação de massa vem se transformando e a tecnologia tem sido um fator determinante nessas mudanças. Machado argumenta que a televisão vem se adaptando a essas novas tecnologias como forma de manter a relevância, a importância da televisão de tela grande, e não só em dispositivos móveis, como experiência de assistir à programação, acreditando que a televisão precisa estar em todas as plataformas para garantir sua sobrevivência (MACHADO, 2018, p. 12). Cirne destaca a internet nesse processo, que tem permitido a participação ativa dos telespectadores na programação, seja pelas redes sociais digitais ou em *streaming*. Uma interatividade que tem mudado a forma como a Tv é consumida (CIRNE, 2015, p. 87).

O consumo mudou e estabelece outras fronteiras televisão, internet e telefonia com inesperadas formas de interação com o público também no telejornalismo “o acesso à informação por meio das plataformas digitais está modificando a relação dos públicos com as notícias, tornando a informação mais disponível e diversificada, aumentando as possibilidades de interação com a produção jornalística e criando uma nova dinâmica entre jornalistas e público” (CIRNE, 2014, p. 139). A autora argumenta que os jornalistas precisam estar atentos para manter sua relevância e adaptar as práticas profissionais às novas demandas do público.

São mudanças que têm impactado não só a produção e distribuição de conteúdo. Para Vizeu (2016), a digitalização e a conectividade têm impactado não só a produção e distribuição

de conteúdo, mas também a relação entre televisão e audiência. Segundo o autor, “a interação entre produtores e consumidores de conteúdo é cada vez mais intensa e as novas tecnologias ampliam as possibilidades de comunicação entre as partes”, aspecto a ser abordado em outro momento da pesquisa.

### 2.2.1 O lugar do telejornal

O mundo está em constante mudança, falamos em padrões de comportamento, valores sociais, aspectos culturais, físicos, ambientais e geopolíticos. Tudo isso exige do jornalismo uma adequação, para acompanhar e registrar os acontecimentos, que precisa estar sempre emparelhado com a sociedade, quiçá um passo à frente desses movimentos.

Lá se vão sete décadas desde a transmissão, pela *Tv Tupi*, do primeiro telejornal do Brasil. Um compilado de imagens brutas sem edição para inaugurar “Imagens do Dia”, o noticiário, sob o comando de Ruy Rezende e Paulo Salomão, durava o quanto bastasse para que todos os fatos e imagens do dia fossem compartilhados.

Vieram outros jornais como o “Telejornal Bendix”, o “Telejornal Tupi” e o “Tele notícias Panair”, mas o sucesso foi alcançado com “O Seu Repórter Esso”, em 1952, era o Telejornal mais importante da época. Por dezoito anos, Gontijo Teodoro comandou o programa que colocava os brasileiros em frente à Tv. Eram telejornais, que não tinham uma qualidade técnica, mas se destacavam pelo empreendedorismo no setor, faltava um aparato de engenharia de comunicação, tudo era novo e não havia profissionais capacitados neste novo momento, para Rezende (2000) algo justificável também pela falta de recursos. Não havia produção externa, com reportagens gravadas, nem mesmo transmissões ao vivo das equipes de reportagens e, assim, o estúdio ocupava a maior parte do telejornal, com transmissões que se alongavam por longos comentários.

Os profissionais, em sua maioria, oriundos do rádio, traziam uma marca radiofônica de influência, a maior parte das notícias eram notas lidas ao vivo, diretamente do estúdio, os apresentadores tinham no timbre de voz e na narração a marca do rádio e que traziam essas referências daí, ainda a marca era presença em acentuado volume de propaganda de patrocinadores na programação dos jornalísticos, sendo até correto dizer que havia mais anúncios que reportagens, como acontecia no Repórter Esso (REZENDE, 2000, p.105-106).

Com a chegada paulatina de recursos técnicos, especialmente com a utilização do VT

-videoteipe, em 1960-1961, entramos num novo momento, permitindo assim a reprodução/exibição de material que fosse além dos comentários dos apresentadores, marcando assim uma nova fase, para Coutinho (2003) essa chegada confere um novo patamar. A *Rede Globo* foi a primeira emissora a adquirir a tecnologia tendo chegado às demais de forma lenta. Mas até então todas as emissoras lidavam com praticamente com o mesmo tipo de conteúdo, voltado apenas para estúdio e seus apresentadores.

O fim da década de 1960 anuncia no Telejornalismo o começo de uma nova fase, com a entrada no ar, do *Jornal Nacional* em 01 de setembro de 1969, na Globo de Televisão e com o fim do Repórter Esso, na *Tv Tupi* (REZENDE, 2000, p. 109). O JN inaugura os telejornais em rede nacional, um formato até então novo, mudando o Telejornalismo brasileiro. O jornalístico exibido nacionalmente, protagoniza a integração no país, no entanto, Rezende (2000), destaca a chaga que foi atrelada ao telejornal, de estreita relação com o Regime Militar. Afastando-se desse contexto, ressaltamos que o *Jornal Nacional* implantou novidades como as entrevistas das fontes, com áudio e vídeo e a introdução de manchetes e notícias mais curtas.

Os telejornais começam a ocupar papel de destaque, como defende Squirra (1989) e isso se dá paralelamente ao espaço ocupado pelos folhetins desse período “o prestígio e poder da televisão não estavam relacionados somente com o sucesso das telenovelas, mas também com aquele dos telejornais”, SQUIRRA (1989, p.14). São histórias que se interligam, a do Telejornalismo no país e a história da Televisão no Brasil, são sete décadas de Tv e sete décadas de Telejornalismo.

A Tv foi assumindo o papel de mídia de diversão mais importante, dando ao Telejornalismo, o papel mais relevante de fonte de informação. Guerra (2003) considera o jornalismo prática das mais importantes no mundo contemporâneo e “a demanda de informações necessárias para a vida em sociedade” é o que permite essa configuração, trazendo para os telejornais uma função social de relevância. . (GUERRA 2003, p. 37)

O telejornalismo é uma das principais formas de comunicação de massa. Sua importância na sociedade contemporânea é indiscutível, como uma das principais fontes de informação para a população em geral, para Thompson (2011) é uma das formas mais importantes de construção da realidade. É através do telejornalismo que a maioria das pessoas têm acesso às informações que vão moldar sua visão de mundo, segundo o autor. O autor destaca que as notícias são construções sociais, e a forma como elas são apresentadas no telejornalismo pode influenciar a opinião pública, quando o jornalismo executa essa função ao selecionar e enquadrar as notícias que serão transmitidas, além de definir o que é considerado importante ou relevante para a sociedade.

Ao pensar a relação telejornalismo e poder político, Thompson (2011) argumenta que os telejornais são uma forma de exercício de poder, tanto pelos donos das emissoras e veículos de comunicação, quanto pelos governos que utilizam a mídia para veicular suas mensagens, que pode ser usado como uma ferramenta de propaganda política, manipulando a opinião pública e controlando a agenda política, “ é , de longe, o meio mais poderoso para formar e modificar as opiniões políticas, já que a maioria das pessoas depende dela como principal fonte de informação sobre política governo” (THOMPSON, 2011, p. 227).

Lima (1997) entende que o telejornalismo é um campo de luta pelo poder simbólico, onde as fontes disputam espaço para impor suas visões de mundo e interesses. Citando Bourdieu, ele afirma que a televisão contribui para a transformação da política em espetáculo, sendo uma tecnologia da manipulação simbólica e da dominação.

Os autores entendem que a televisão pode ser vista como uma ferramenta de legitimação do poder político e que é preciso estar atento à forma como ela é utilizada na sociedade. Perigoso é o risco de o telespectador adotar como seu o ponto de vista do que está sendo imposto, defende Bourdieu, por estar a Tv num lugar de referência. A televisão é um lugar de referência entre os brasileiros, é como pensam Vizeu e Correia (2008). Para os autores, a televisão pode ser comparada a um familiar, ocupando também o lugar de um amigo, ou mesmo um ponto de apoio para onde as pessoas convergem quando buscam entender o cotidiano. É ainda, uma espécie de fábrica que torna comum e real algo que não nos é familiar dando um sentido para aquela situação (VIZEU & CORREIA, 2008, p.22). A teoria de Vizeu sobre Lugar de Referência aponta para a importância do espaço na construção da identidade individual e coletiva das pessoas.

Os lugares de referência são aqueles que possuem valor simbólico e estão ligados à memória e à história dos indivíduos e das comunidades. A partir da análise do Lugar de referência é possível identificar as práticas culturais que dão significado ao lugar e as relações de poder presentes em um grupo social e segundo Vizeu, a televisão pode ser um espaço de referência para as pessoas, assim como um espaço físico ou social.

Thompson (2011) entende que a televisão é um lugar de referência na medida em que as pessoas a utilizam como fonte primária de informações sobre o mundo. Segundo o autor, o telejornalismo tem um papel importante na construção da realidade social, uma vez que influencia a opinião pública e molda a percepção das pessoas sobre os acontecimentos do mundo. Ele argumenta que as pessoas confiam no telejornalismo como uma fonte de informação confiável e que isso faz com que o telejornalismo seja uma importante fonte de poder na sociedade contemporânea.

Para Vizeu (2013) a televisão passa a ser um lugar de referência, quando os indivíduos se veem representados na programação ou quando a programação apresenta um conteúdo que faz sentido para elas, nessa conexão, a televisão pode se tornar um lugar de referência para essas pessoas, tornando-se um espaço onde elas encontram e pertencimento. Ainda há um referencial, quando a televisão possibilita o aprendizado, sobretudo para pessoas que não têm acesso ao estudo, em regiões isoladas, ou a outras formas de educação e conhecimento, é quando a televisão, segundo Vizeu (2013), torna -se um lugar onde elas aprendem sobre o mundo sobre si mesmas:

A televisão pode ser um importante instrumento de educação e formação, especialmente para as pessoas que vivem em regiões isoladas ou que não têm acesso a outras formas de educação. Ela pode proporcionar informação, entretenimento e cultura, e contribuir para a formação de cidadãos mais críticos e informados. (VIZEU, 2013, p. 59)

Aos poucos a Tv se tornou um componente central da casa, da família, não só por ser esse lugar de referência, mas também por suprir a incapacidade humana de acompanhar tudo que acontece ao redor, todas as discussões e saberes. Assim, como Vizeu (2013), Bourdieu (1997) reconhece a importância da televisão como um espaço de referência para as pessoas, especialmente para aquelas que vivem em regiões isoladas. Para Bourdieu, “a televisão pode ser, para as pessoas isoladas, a única fonte de informação sobre o mundo” Bourdieu (1997, p. 118).

No entanto, o autor também considera que televisão é um meio de comunicação controlado por grandes empresas que buscam manter o poder de moldar a opinião pública, alienando- as, deixando-as presas a uma visão de mundo que não as desafia. Nesse , os dois autores divergem, quanto a televisão ser um espaço de aprendizado e de empoderamento para as pessoas. Segundo Bourdieu, a televisão “não ensina nada, nem informa de verdade, mas dá a ilusão de que estamos informados e formados” (BOURDIEU, 1997, p. 56)

Vivemos tempos de incalculável quantidade de informações, acontecimentos, debates e problemas, é impossível dar conta de tudo à nossa volta. Vizeu (2013) afirma que o telejornal é um dos principais produtos televisivos que pode funcionar como lugar de referência para o público, oferecendo informações que podem ajudar a entender o mundo e a sociedade. Para o autor, além disso, o telejornal pode ser um espaço de construção da identidade coletiva, na medida em que fornece uma visão de mundo compartilhada por muitos:

O telejornal é, nessa perspectiva, um espaço privilegiado de formação do referencial cultural. Nele se veiculam as notícias que podem, de forma direta ou indireta, afetar a vida dos cidadãos, sejam elas de caráter local, regional, nacional ou internacional. O telejornal é o espaço onde o cidadão acompanha as questões públicas e coletivas, onde são fornecidos subsídios para a construção de sua opinião (VIZEU, 2013, p. 57).

É importante, a ressalva do autor quanto ao fato de que o telejornalismo está sujeito a diversas pressões, que podem comprometer a sua credibilidade e enfraquecer o seu papel como lugar de referência. Barbero trata a relação entre a televisão e o lugar de referência, destacando a função do telejornal nesse processo, que ser elevada a um lugar de referência, na medida que cumpre “uma função que, nas sociedades modernas, era desempenhada pelas religiões: proporcionar uma ordem de sentido, uma explicação das coisas que sejam compreensíveis para as massas, uma interpretação do mundo” (BARBERO, 1997, p. 46).

Ao estabelecer essa relação, o telejornal se torna um espaço onde as pessoas podem manter uma relação de confiança com os jornalistas e com a emissora de televisão. Para o autor, o telejornal é um dos principais meios de criação de lugares de referência para o público, é um “espaço de representação da realidade”, com vínculo emocional com o público.

Os telejornais são o produto da televisão que pretendem integrar o indivíduo com a sua volta, fazem a mediação entre o telespectador e o mundo, especialmente quando vivemos no Brasil, onde o acesso à leitura a bens culturais e simbólicos ainda é restrito, o telejornal assume então através dessa lógica, a fonte primária de informação no Brasil (Vizeu, 2008, p.11).

Barbero (1997) afirma que o telejornalismo é capaz de produzir um sentido de realidade e um lugar de referência para seus espectadores, influenciando suas percepções e compreensões. Esse processo se dá através do uso de códigos e linguagens específicas, onde os telespectadores interpretam uma realidade construída pelos telejornais como verdadeira. O autor ressalta que é fundamental avaliar as relações de poder envolvidas na produção e difusão das informações, destacando que “os meios de comunicação são, em grande medida, instituições que organizam a vida social e política e exercem um papel fundamental na construção e na reprodução das relações de poder” (BARBERO, 1997, p. 143).

Thompson, Bourdieu, Vizeu e Barbero avaliam o telejornalismo como uma ferramenta importante na construção e manutenção do poder político e econômico. A televisão, como meio de comunicação de massa, tem o potencial de influenciar a opinião pública e moldar a agenda política, sem minimizar o risco inerente à televisão como lugar de referência. A dependência da audiência em relação ao que é veiculado pelos telejornais pode reforçar a hegemonia dos grupos dominantes, limitando a diversidade de vozes e perspectivas no debate público.

### 2.3 Fenômenos e mudanças estruturais

Silva (2020) aponta que as características herdadas do rádio e adaptadas para a televisão compreendem a primeira fase dessas mudanças, é o momento que vivemos hoje, com a convergência entre o Telejornalismo e o público das redes sociais digitais se encaixa entre as cinco últimas fases. A forma de se fazer Telejornalismo tem estado longe de um modelo engessado. As inovações tecnológicas, o posicionamento da audiência, cenários comunicacionais, mudanças na narrativa e na linguagem, tudo vem se transformando para atrair e conquistar o telespectador com a informação. O Telejornalismo brasileiro vem adotando formatos e rotinas absorvidos pelos profissionais da área e estudados nas academias, práticas que acabam por se constituir em um saber, que se torna uma modalidade de conhecimento tanto para o produtor quanto para o receptor da notícia.

Dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), no mais recente levantamento, de setembro de 2022, apontam que a proporção de usuários de Internet nas áreas rurais cresceu no país em comparação ao período antes da pandemia, passando de 53% dos indivíduos de 10 anos ou mais em 2019 para 73% em 2021.

É um dado da pesquisa TIC Domicílios 2022. A pesquisa também revelou que em 2021, os aparelhos de televisão superaram os computadores, como dispositivo para uso na rede se consolidando como o segundo meio mais utilizado para acessar a internet, passando de 37% dos usuários, em 2019, para 50%, . Chama atenção ainda a prevalência do uso exclusivo do telefone celular para acessar a rede (64% dos usuários de Internet). Principal dispositivo de acesso à Internet desde 2015.

A 17ª edição da pesquisa confirma a relevância do acesso à Internet no contexto proporcionado pela emergência da COVID-19, em especial com o avanço das atividades de trabalho e estudo remotos. Em comparação ao período que antecede a crise sanitária, houve uma ampliação da presença da Internet nos domicílios e de seu uso por indivíduos, sobretudo, nas áreas rurais, destaca Alexandre Barbosa, gerente do Cetic.br|NIC.br (CETIC.Br, 2022, s.p).

O consumo de notícias pela televisão cresceu no início da pandemia, em 2020. A audiência de televisão foi de 17,8% no início de março daquele ano a 22% no fim de março e 21,1% no final de abril. O tempo médio de consumo individual de matérias jornalísticas na televisão também aumentou, variando entre 26:48 min. e 27:26 min., com aumento de cerca de 5 minutos comparado aos 21:56 minutos no início de janeiro de 2020 (INTERNETILAB 2021).

Os números refletem parte das alterações provocadas no funcionamento da sociedade pela pandemia com a covid-19. Diversos setores sofreram mudanças, seja no modo de trabalhar, no modo de consumir, produzir, aprender e se informar, entreter, nada permaneceu ileso na pandemia. Nesse momento de mudanças foi preciso contar com a tecnologia para driblar as necessidades e satisfazer as demandas.

Na pandemia, a tecnologia passou a ser o elo que uniu as pessoas afastadas pelo vírus, mantendo a conexão pessoal e interpessoal, num momento em que a população precisava de distanciamento físico, voltar-se ao digital foi uma alternativa. Nesse sentido, os serviços públicos e privados tiveram que se adaptar ao *online*. No jornalismo não foi diferente!

O jornalismo de Tv com limitações precisou ser feito longe das ruas, contado à distância da notícia, com entrevistados em *home-office*, produzindo e enviando seus próprios áudios e vídeos para as entrevistas, com imagens de arquivo. Um desafio para a rotina jornalística e para o jornalista, que precisou se adequar a um lugar diferente em um novo momento, assimilando as rupturas e considerando a continuidade desse movimento. A pandemia reforçou no público, já existia, mas foi exacerbada, a disposição para atualização das informações em tempo real.

Estar ligado ao tempo presente é um dos fatores que conferem sentido ao jornalismo, é uma qualidade central que as notícias possuem, uma condição de realização.

No jornalismo, as temporalidades desempenham um papel fundamental, para compreender os eventos e apresentar as notícias. Os profissionais lidam com diferentes temporalidades, o presente imediato, o passado recente e o histórico. A contextualização dos eventos se faz importante, como forma de apresentar uma visão mais aprofundada. A temporalidade é um conceito que orienta o jornalista na condução e fechamento do telejornal. Para Oliveira (2020) o modo de vida e as vivências do homem moldam o tempo de cada pessoa, criando temporalidades únicas, cada sociedade define o tempo a partir do seu modo de vida, que assim se define a compreensão do mundo exterior. Dada essa complexidade, é que para a pesquisadora

A fragmentação de linhas de pensamento nos entrega uma difícil rede de conexões, necessária para compreensão de questões do cotidiano. Desses diferentes sentidos de tempo podem surgir conflitos sérios. É, inclusive, muito complexo traçar uma delimitação teórica única a respeito deste tema. O que nos preocupa é deixar claro que o tempo por ser uma construção social e cultural faz com que cada sociedade e, mais, cada grupo social, se relaciona com ele de forma diferente. (OLIVEIRA, 2020, p.22).

Oliveira (2020) define temporalidades como “à coordenada de tempo

própria de uma ação”, nesse contexto, para pesquisadora, todas as atividades e práticas sociais dependem de uma temporalidade. Heidegger *apud* Oliveira (2020) afirma que a temporalidade pode ser definida como algo subjetivo, relacionado ao mundo humano, está ligado diretamente às vivências do homem e pouco tem a ver com o tempo físico e biológico da natureza, mas sim, como o mundo se comporta e como o homem lida com ele. Franciscato (2003) citando Traquina (1993, p. 174), traz a definição de atualidade como “o coração e a alma da atividade jornalística”. Para o autor, a temporalidade do jornalismo está ligada a diferentes dimensões da experiência social com sentidos próprios, por um lado atrelada a uma dimensão pública da vida social e por outro lado atrelada a uma categoria operacional na produção da notícia, a nosso ver acabam convergindo para o que conhecemos como valores-notícias.

A noção de temporalidade no jornalismo está atrelada à rotina da redação e aos ditames da empresa jornalística. Essa vivência de temporalidade presente é aguçada pelos meios de comunicação numa intensa relação com a maximização das rotinas produtivas, no qual quantidade é sinônimo de produtividade (OLIVEIRA, 2020). Em Franciscato (2009), o autor faz uma referência a uma coexistência de esferas temporais dentro do Jornalismo que “indicam o reforço de uma forma específica de experiência do tempo social, que podemos delimitar como a existência de tempos múltiplos” (Franciscato, 2009, p.1).

Pode-se ainda ser pensada como temporalidade jornalística e é ela que organiza os processos, dando credibilidade e aplicando qualidade à produção.

Oliveira (2020) reflete que fazer telejornalismo é participar do imediatismo que os jornalistas buscam por meio da transmissão do fato “participar do presente é, de certa forma, ser portador dele”, recriar o “aqui e agora” por meio do ao vivo é a forma do telejornalismo deixar a fatualidade viva do tempo presente na consciência dos espectadores. Circunstâncias que são operacionalizadas por causa da tecnologia e suas ferramentas digitais que fornecem condições para o profissional alcançar num curto prazo o fluxo contínuo das notícias.

Compartilhamos com Franciscato um aspecto considerável quanto à atualidade, quanto às transformações da sociedade.

As transformações por que a sociedade vem passando em consequência das novas tecnologias da comunicação e da informação afetam os modos de produção da notícia e, em consequência, as maneiras de os jornalistas perceberem e marcarem nos seus produtos a temporalidade presente. As novas tecnologias da comunicação estão, cada vez mais, rompendo os limites temporais dos modelos industriais de produção, disponibilização, circulação, recepção e reelaboração de conteúdo. (FRANCISCATO, 2003, p.51)

As novas tecnologias de comunicação, ao longo dos anos, vêm ocupando uma posição estratégica na sociedade, proporcionando novos arranjos sociais a partir de novas possibilidades de comunicação e interação. E a televisão, principal meio de comunicação, é impactada com esse avanço e com a incorporação dessas novas ferramentas. Mais do que inovações tecnológicas, essas mudanças trazem um novo paradigma de produção de conteúdo para a Tv.

Até pouco tempo, a televisão se destinava a exibição de conteúdos, apenas provenientes do meio televisivo, portanto, produzia apenas o que seria veiculado exclusivamente na televisão. Um outro campo se revelou, a partir de um processo de desconcentração dessa produção de informação, alterando singularmente as relações de poder e domínio da informação ao longo da história.

Um cidadão comum, que se habituou durante décadas apenas a receber as informações através do aparelho de Tv da sua sala, agora, ele mesmo pode produzir conteúdo, ter esse material exibido numa emissora de Tv e ainda assistir a tudo isso do aparelho de celular, enquanto espera o transporte coletivo, tudo feito por meio da Internet que dispomos hoje, que retira essa a exclusividade da produção de conteúdo da emissora de televisão. A partir daí, vão sendo criadas formas de interação social que possibilitam novos cenários de organização e interação da sociedade.

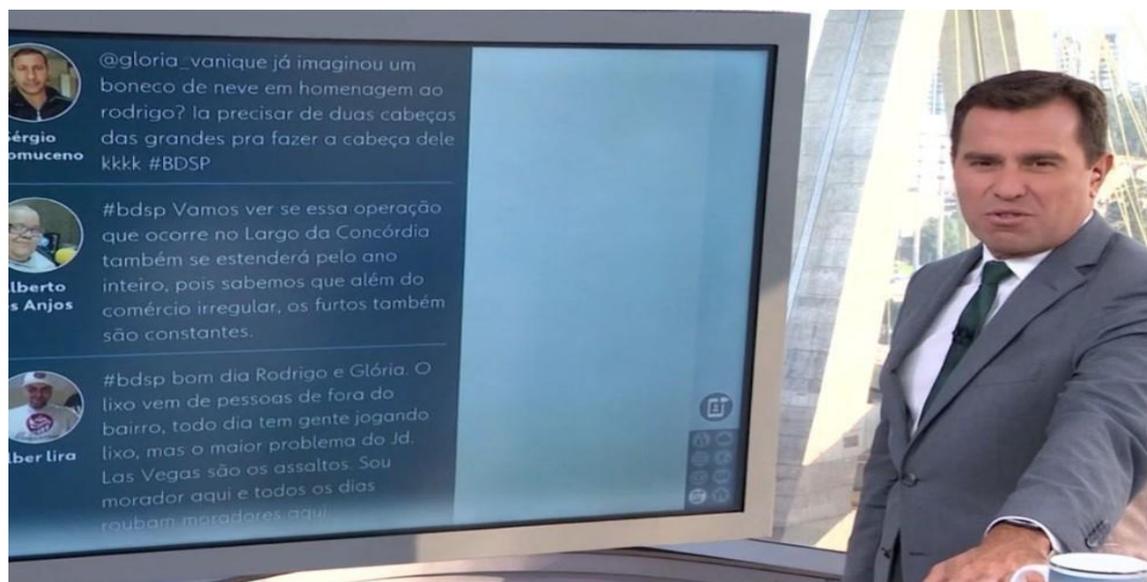
Nesse processo de mudanças da Tv, a convergência, sobretudo de dados, voz e imagem se estabelece como um caminho apenas de ida, num fenômeno abrangente, que envolve mudanças além das tecnológicas, as alterações empresariais com fusões e alianças, editoriais voltadas para multimídia e profissionais. Segundo Salaverría *et al.* (2010, p. 59 ) é um processo multidimensional que respinga no âmbito tecnológico, comercial, editorial e no campo da mídia, promovendo a integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens.

A Tv, junto com a internet, gera inúmeras possibilidades, transformando o indivíduo de consumidor a produtor de informações. Qualquer um pode criar e distribuir conteúdo, numa velocidade imparável, basta ter acesso a um celular conectado, pensemos ainda na facilidade que se alarga em produzir informação para os telejornais, seja por vídeo, áudio, foto, texto.

Em Globo Livros (2019), William Bonner, atual Editor-Chefe do jornal, comenta que quando o JN começou, não existiam nem mesmo os “orelhões” e a telefonia, não recebia o nome de fixa, porque não havia a do tipo móvel. O jornalista relata que desde o lançamento do livro de sua autoria *Jornal - Modo de Fazer*, em 2002, sua releitura “detecta várias mudanças nos nossos modos de fazer o JN, impostas principalmente pelas transformações que a internet imprimiu na vida das pessoas (BONNER, 2019, p. 23).

A internet mudou não só o modo de se comunicar, como reflete William Bonner, mas também a forma como os jornais interagem com a audiência, a dinâmica. Das cartas nas redações às mensagens por *WhatsApp* e post em redes sociais digitais lidas ao vivo pelo apresentador.

**Figura 1** – Interação com audiência pelas redes sociais no *BDSP*



Fonte: Captura de tela, 2023.

Essa possibilidade de interação trouxe mudanças, resultando, entre outras coisas, no conceito de Tv Social. Fechine (2017), considerando os diversos modos de articulação entre televisão e internet, entende que a Tv Social possibilita experiências de troca de opinião, pessoas compartilhando o conteúdo exibido pela televisão através das redes sociais, e isso acontece, independentemente de estarem ou não incorporadas ao televisor (HARBOE, 2009 *apud* FECHINE, 2017, p. 88). Uma estratégia de produção que revaloriza a grade de programação da televisão:

Como muitos formatos televisivos, assim como sua programação, também vão se fazendo no momento mesmo em que se exibem, a TV Social permite, segundo Summa (2011, p.29) explorar essa processualidade inerente ao meio na medida em que incorpora, como parte de suas próprias estratégias, o feedback mais imediato dos telespectadores por meio das redes sociais. A expectativa de interferir naquilo que está sendo exibido por meio de seus comentários, ou mesmo a possibilidade de que seus comentários ganhem visibilidade na tela, torna-se também, frequentemente, um atrativo a mais para os telespectadores mais conectados (FECHINE, 2017, p. 88).

As práticas associadas à interação nas redes sociais digitais que tratam de comentários sobre a televisão foram classificadas com a ideia de Tv Social. Fechine(2017) buscou com mais rigor fazer a delimitação do tema:

Considerar que toda e qualquer interação, realizada nessas condições, pode ser denominada de “TV social” é, no entanto, ampliar demais a descrição do fenômeno ao ponto de não haver mais nenhum sentido em propor uma denominação específica. (Fechine, 2017, p.88)

A Tv social, então para a autora, diz respeito à conversação na rede lançada por estratégias de produção das empresas produtoras de conteúdo ou de tecnologia para fins comerciais e articuladas com a programação da televisão. São estratégias com objetivo de produzir entre telespectadores, em diferentes locais, o efeito de “assistir junto” ao mesmo conteúdo a partir da troca de mensagens em tempo real (FECHINE, 2017).

A internet possibilita um retorno, um *feedback* quase instantâneo do que pensam os telespectadores, apoiando-se na Tv Social. A autora aponta que é um “atrativo” para os telespectadores que desejam “se ver na Tv”, por meio da interatividade e participação no telejornalismo através de seus perfis nas redes sociais.

Desde que a internet se popularizou, conectada a aparelhos, chamados de *Smart TVs*, muita coisa mudou. Aplicativos permitem, ainda, assistir aos telejornais a qualquer momento, com uma resolução considerável e a Tv não é mais apenas um aparelho, é uma central de comunicações.

A tecnologia permite, ainda, estratégias de distribuição de notícias com foco na interação por meio de QR-CODE (um código em imagem) que promove a integração de mídias. O chamado *cross media* funciona com a leitura do código pela câmera do celular, que redireciona para uma página na web, onde recebe mais conteúdo acerca do assunto. É um formato que pretende envolver a audiência nas duas plataformas, além de adicionar o conteúdo que não consegue ser esgotado na reportagem da televisão.

Desde os primeiros estudos sobre mídias sociais até os dias atuais, novas modalidades vêm surgindo, aliadas a novos recursos que vão se incorporando. Muitas são as abordagens e definições sobre o tema, mas este trabalho não pretende se aprofundar nesta discussão, nem definir, formular conceitos sobre o termo. Compartilhamos da posição de Miller *et al.* (2019), os autores não ignoram as pesquisas anteriores, mas reconhecem o movimento de pesquisa sobre plataformas de redes sociais digitais a partir de Miller *et al.* (2019) e Boyd(2008), para os quais sites de redes sociais

como serviços baseados na web que permitem aos indivíduos (1) construir um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema limitado, (2) articular uma lista de outros usuários com quem eles compartilham uma conexão, (3) ver e percorrer a sua lista de conexões e aquelas feitas por outros dentro do sistema. A natureza e nomenclatura dessas conexões podem variar de site para site. (BOYD; ELLISON, 2008, p. 211 apud Miller et al 2019).

O termo foi consolidando conforme características compartilhadas entre várias modalidades existentes como a *MySpace*, *Orkut* entre outras. Para efeitos de uniformização com os fins acadêmicos, vamos adotar o termo redes sociais digitais. Recuero (2009) define uma rede social como “um conjunto de dois elementos: (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”. A autora entende ser uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores, com uma abordagem na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. Enquanto os atores são os nós, as conexões, segundo (2009), são os laços sociais, identificados pela interação social entre esses atores e são essas conexões o principal foco do estudo das redes sociais digitais, pois as suas variações se alteram, para a autora, a estrutura dos grupos. Usando a percepção da autora, estudar a interação, significa compreender a comunicação entre os atores, as relações entre as trocas de mensagens e o sentido dessas trocas comunicativas.

Para além da significação, é importante pensarmos na dimensão que essas redes alcançaram nas duas últimas décadas, sendo uma ferramenta de comunicação para os usuários, entre os quais, pessoas comuns, pessoas públicas, governos, empresas, instituições e grupos de comunicação. Aqui, recai, nosso interesse, especialmente nos veículos do *mainstream* que notou essa necessidade de alcançar esse público - que perceberam a necessidade de distribuir seus conteúdos através das mídias sociais para alcançar determinados públicos. A busca é por falar mais próximo do público e de forma direta, visto que não dá para ignorar esse movimento.

Estar próximo desse público, fazendo uso da rede social digital, passa pelo fortalecimento da estrutura e pelo fortalecimento do capital social do veículo. Em seus estudos, Recuero assim define

capital social como um *conjunto de recursos* de um determinado grupo (recursos variados e dependentes de sua função, como afirma Coleman) que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que individualmente, e que está baseado na reciprocidade (de acordo com Putnam). Ele está embutido nas relações sociais (como explica Bourdieu) e é determinado pelo conteúdo delas (GYARMATI e KYTE, 2004; BERTOLINI & BRAVO, 2001. RECUERO, 2009, p.50).

É o que o indivíduo tem acesso através das redes e o que soma dessas relações, de laços e trocas, compreendendo ainda a soma do conhecimento das informações colocadas em comum. Isso, segundo a autora, seria dividido entre o grupo e as instituições, criando um ciclo de suporte, de valores de laços e interações, que, de certa forma, são “patrocinados” pelo veículo de comunicação quando ele se “apropria” da rede social, como ferramenta de comunicação nas

rotinas produtivas e na forma como se consome o conteúdo do telejornal. O movimento de uso de redes sociais digitais se dá com mais força com o Twitter(X)<sup>3</sup>, não se descartam o *Instagram* e, mais recentemente, o *TikTok*.

O telespectador pode dar opinião sobre as reportagens, sugerir reportagens, criar conteúdo para os telejornais, divulgar reportagens ou trechos pelas redes, viralizando conteúdo. Os jornalistas, por sua vez, usam como fonte de informação, publicando depoimentos, declarações de autoridades, ou fatos, atribuindo a rede social digital, como fonte. É o caso, por exemplo, de decisões de autoridades como governador, ou prefeito, que decretam medidas de interesse público e as divulgam por meio de suas redes sociais digitais.

Essas condições influenciaram a forma como os telejornais informam, interagindo cada vez mais, juntando novas mídias e outras já consolidadas, um percurso amparado pela convergência, alterando a lógica de consumo e processamento de informações.

A convergência refere-se a um processo, não a um ponto final. Não haverá uma caixa preta que controlará o fluxo midiático para dentro de nossas casas. Graças à proliferação de canais e à portabilidade das novas tecnologias de informática e telecomunicações, estamos entrando numa era em que haverá mídias em todos os lugares (JENKINS, 2008, p. 43).

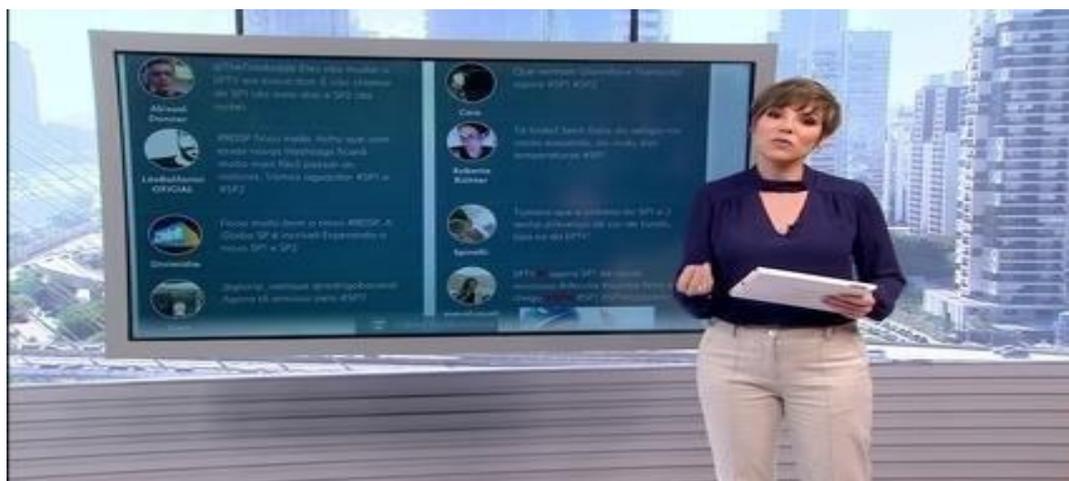
O *Bom dia São Paulo*, da *Tv Globo*, é um exemplo de telejornal que usa as redes sociais digitais para interagir com o público. O telejornal da *Globo* é exibido também pela internet desde setembro de 2013, além de ter seu conteúdo na página do canal *Globo Play* e publicado no portal de notícias *GLSP*, também possui canais que recebem sugestões dos telespectadores e interação com a audiência durante a transmissão do telejornal.

O maior destaque fica para a plataforma *Twitter(X)*, pela qual, os apresentadores estimulam o envio de mensagens com a *hashtag* #bdsp. As mensagens tratam, quase sempre, sobre matérias que foram há pouco, ou mesmo, dúvidas dos telespectadores. Há, ainda, o envio de vídeos de telespectadores por meio de um *WhatsApp*.

Fechine (2017) relata que, é uma promoção de um encontro submetido ao imperativo do *aqui e agora* da enunciação, confirma-se uma convergência das mídias clássicas com o ciberespaço, definido por Lévy (2011). Esses espaços de interação reforçam, para que os telejornais, mantenham uma rotina de interação. Hoje os noticiários percebem esse movimento, ainda que nem sempre com respostas, uns com mais tempo, outros com menos, uns dando mais que outros, mas com algum valor oferecido à essa participação em rede e a reconfiguração dos meios.

<sup>3</sup><https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/07/24/por-que-elon-musk-resolveu-trocar-logo-do-twitter-por-x.ghtml>

**Figura 2** – *BDSP* interagindo com audiência pelo X



**Fonte:** Captura de tela, jun. 2023.

É uma nova forma de promoção de conteúdo, sem perder de vista que compartilhar é comunicar, tempos em que os telespectadores se fazem mais atuantes, demonstram mais sua opinião, seja em redes sociais digitais ou em blogs pessoais, e que as empresas repensam os modelos de negócio sobre consumo, marketing, e como lidar com os novos consumidores, novos gêneros e formatos.

## 2.4 Mudanças no Telejornalismo

“Perda de confiança e fadiga de notícia, as grandes ameaças do jornalismo no mundo”<sup>4</sup>. Com essa manchete, o Portal Comunique-se traz um alerta em seu artigo, para um risco que os telejornais correm. E não se trata de uma fuga de verbas publicitárias, uma debandada dos investimentos para as redes sociais digitais, mas para Gurgel (2022), o perigo é outro. A jornalista escreveu com base na edição 2022 do *Digital News Report*, do Instituto Reuters para Estudos do Jornalismo, que a fadiga das notícias, é o onde o “calo aperta”. Trata-se de um estudo anual, que aponta realidade e tendência, e o resultado é que as pessoas estão se afastando das notícias, além da constatação de que a confiança é de apenas 42% em média nos 46 países

<sup>4</sup>Perda de confiança e fadiga de notícia, as grandes ameaças do jornalismo no mundo. 28 de junho de 2022. <https://portal.comunique-se.com.br/as-grandes-ameacas-do-jornalismo-no-mundo/>

pesquisados. A pesquisa ainda mostrou que 38% das pessoas estão ativamente evitando se informar e no Brasil a taxa sobe para 54%.

Gurgel (2022) aponta que, embora a tenha atraído muita gente para o noticiário, a pandemia também trouxe o efeito desestimulador, impulsionado pela repetição de temas. A pesquisa, segundo a jornalista, não separa o tipo de jornalismo entre tradicional e mídias alternativas de redes sociais digitais, o que coloca o resultado de tudo que é visto pelo público como notícia. Segundo os pesquisadores, os assuntos mais destacados pelos jornalistas como crises políticas, conflitos internacionais, pandemias globais e catástrofes climáticas estão afastando as pessoas das notícias, especialmente entre os mais jovens. A conclusão da autora para essa fadiga de notícia é de que o jornalismo tem que resgatar confiança e ser capaz de agradar mais do que está agradando hoje em dia. Esse é um processo que é anterior à pandemia, e a pesquisa nos revela dados que sinalizam que não é um fenômeno do Brasil. Nos Estados Unidos, o telejornalismo tem passado por diversas mudanças nos últimos anos, principalmente em relação ao uso de tecnologias e a busca por maior engajamento da audiência.

Com o crescimento de canais em *streaming*, como a *Netflix* e a *Amazon Prime*, muitos canais de televisão estão investindo em plataformas próprias para oferecer sob demanda. É o caso da *CBS ALL Access* e *NBC Universal's Peacock*. Para Meditsch (2012), o telejornalismo americano passou por diversas mudanças nos últimos anos, movidas por fatores como a evolução da tecnologia, a concorrência crescente de outros meios de comunicação e a mudança de hábitos dos consumidores de notícias. O autor reflete que “a internet e os dispositivos móveis ampliaram a oferta de informação e a concorrência pelo público, ao mesmo tempo que permitiram novas formas de interação com os telespectadores” (MEDITSCH, 2012, p. 68).

Uma das consequências de fatores assim é a diminuição do público, com um aumento da audiência dos sites de notícias e do público das redes sociais digitais. As televisões contra-atacam investindo em suas plataformas digitais, notícias ao vivo em seus sites e aplicativos móveis. Outra tendência é a segmentação de notícia com o uso do algoritmo que formata uma notícia personalizada conforme o perfil do telespectador, bem como a oferta de conteúdo mais curto e objetivo para um consumo mais imediato e dinâmico.

No Brasil, a situação não é diferente, as novas demandas do público têm levado a mudanças na forma como as notícias são produzidas e apresentadas. É preciso compreender que as mudanças no telejornalismo brasileiro têm vertentes conectadas em questões sociais, tecnológicas, políticas e culturais. Sodré (2002) aborda essas mudanças no telejornalismo incluindo a tecnologia, a linguagem e a participação do público.

Quanto à tecnologia, o autor argumenta que as mudanças têm um impacto significativo no telejornalismo, tanto na produção quanto na distribuição das notícias, destacando o consumo das notícias. Para Sodré o público tem se tornado mais crítico e vigilante em relação aos interesses políticos e econômicos que podem estar presentes na seleção e divulgação das informações.

O processo de mudança nos hábitos de consumo dos meios de comunicação, em geral, e dos noticiários, em particular, resulta da consciência crítica dos telespectadores acerca dos modos pelos quais as informações são construídas, organizadas e apresentadas (SODRÉ, 2002. p. 98).

A consciência crítica é um fator determinante para as mudanças nos hábitos de consumo dos meios de comunicação e nos modos como as pessoas se relacionam com as informações veiculadas pelos noticiários. Em referência à participação do público, o autor argumenta que as mudanças na forma como as notícias são produzidas e distribuídas devem refletir as necessidades e interesses dos espectadores.

Bucci (2014) avalia que essas mudanças no consumo criam desafios para o jornalismo, ele argumenta que com a popularidade das redes sociais digitais e das buscas *online* muitos leitores preferem fontes de informação alinhadas às suas crenças e seus pontos de vista, que demanda um conteúdo mais personalizado e interativo, sem comprometer a integridade jornalística:

Na sociedade da informação, que é uma sociedade em rede, não há mais monopólio do poder discursivo. As pessoas se comunicam e se informam entre si, e não apenas de forma horizontal. Os fluxos de informação que saem dos centros de poder já não são capazes de determinar o que pensamos e que dizemos, nem mesmo os temas que nos interessam ou que nos mobilizam. Nessa sociedade, cada indivíduo pode ser, ele mesmo, um emissor de informação (BUCCI, 2014, p. 27).

Bucci entende, assim, que o poder discursivo não está mais nas mãos dos grandes veículos de comunicação, mas distribuído entre as pessoas, os fluxos de informação saem dos centros de poder, que não têm mais o mesmo centro de controle. Para o autor, as pessoas agora se comunicam de forma horizontal, onde cada um pode ser um emissor da informação. Esse novo modelo de consumir notícias e informações redefine o papel da imprensa na sociedade da informação.

Essa nova forma de consumo e produção de conteúdo foi abordada por Jenkins (2013), sendo a convergência um fenômeno que afeta e transforma não só a maneira como o produto é recebido e consumido pelo público, mas também a forma como exerce influência nas relações

horizontais entre indivíduos de uma audiência e as verticais entre audiência e produção num nível social e humano. Para o autor, há uma mudança a partir da convergência dos canais de transmissão tradicionais de mídia que exigem alterações no mercado da indústria cultural. Isso acontece para suprir o desejo de uma audiência que ressignifica a maneira que recebe, percebe e reage aos produtos.

Nesse sentido, Cirne (2014) aborda que a convergência entre o telejornalismo e as tecnologias digitais pode afetar o formato do telejornalismo, levando a uma maior personalização do conteúdo “podemos considerar, portanto, que todas as reconfigurações da televisão estão relacionadas à sua digitalização e convergência com outros meios” (CIRNE, 2014, p. 30). Para , a televisão está inserida no contexto do digital e tem mudado a forma de produzir, distribuir e consumir, em função do que a autora elege como as três propriedades principais: a convergência, a interatividade e a appficação<sup>5</sup>

## 2.5 Telejornalismo regional

Entre os jornalistas paira um sentimento de funcionalidade social, que se sobressai ao que existe nas demais profissões (PEREIRA, 2008) no momento em que assumem a missão de levar para as pessoas informações de interesse público, de forma independente, transparente e comprometida com os cidadãos para auxiliá-los nas tomadas de decisões.

O interesse por notícias é um “instinto do conhecimento”, precisamos saber do que acontece longe dos olhos e do que não presenciamos para os autores, “precisamos de notícias para vivermos, para nos protegermos, para criarmos laços, para identificarmos amigos e inimigos” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 6). Reside aí, a importância do jornalismo, “fornecer às pessoas a informação de que precisam para serem livres e se autogovernarem” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 9).

Assim como Traquina (2003) defendemos que o jornalismo pode e deve exercer um papel mais ativo na sociedade e, nesse sentido, é fundamental a reaproximação da vida cotidiana e a interação com as pessoas, para assim, produzir informações que tenham sentido para os indivíduos, fomentando o debate público e a cidadania participativa, David Merrit (1995) citado por Traquina, fomenta:

---

<sup>5</sup> De acordo com Cirne (2014, p.55) Appficação designa um fenômeno caracterizado pelo crescente desenvolvimento e consumo de aplicativos interativos (apps) para e em diferentes plataformas eletrônicas.

ir para além da missão de dar as notícias para uma missão mais ampla de ajudar a melhorar a vida pública; 2) deixar para trás a noção do ‘observador desprendido’ e assumir o papel de ‘participante justo’; 3) preocupar-se menos com as separações adequadas e mais com as ligações adequadas; ) conceber o público não como consumidores, mas como atores na vida democrática, tornando assim prioritário para o jornalismo estabelecer ligações com os cidadãos. (MERRIT, 1985 *apud* TRAQUINA, 2003, p.13).

A contribuição do jornalismo para essa construção do cidadão passa pela capacidade de diálogo com o público, dando ferramentas de mobilização aos indivíduos na vida pública, começando por informar e formar cidadãos. Esse debate é maior e não é o foco desta pesquisa, contudo, foi necessária uma mínima abordagem para contextualizarmos o jornalismo comunitário. Cirne (2021) aborda que esse modelo tem sido a estratégia de reestruturação do telejornalismo e vem ganhando força desde meados de 1990, a partir do maior alcance da popularização das Tv’s por assinatura, que chegam trazendo uma maior variedade de canais. Some-se a isso o maior número de programas policiais na Tv aberta em horários de maior audiência e relevância, provocando uma disputa da atenção do telespectador. Surgem, assim, novas narrativas para reter a participação da audiência, especialmente com camadas sociais de contextos populares, negligenciadas pelo poder público.

As emissoras da grande mídia incorporaram em suas grades o jornalismo comunitário como um modelo de proximidade. Camponez (2012) define proximidade como uma espécie de territorialização ligada às realidades sociais em que vivemos e nos rodeiam, entendendo que a proximidade é uma relação entre o usuário e os espaços televisivos de noticiários regionais. Porém, o autor chama atenção que a proximidade não tem apenas uma dimensão territorial, física e geográfica, inclui ainda laços de dimensões temporais, psicoafetivas, socioprofissionais e socioculturais. Sentidos que são explorados estrategicamente pelos meios de comunicação de massa. Essa dimensão geográfica requer, para ser entendida, segundo Camponez (2012), por técnicas como geomarketing, órgãos de comunicação social regional, para explorar estratégias comerciais e alcançar nichos de mercado em potencial, chamados pelo autor como mercados de confiança

Com efeito, independentemente da sua geografia, a informação dita de proximidade pode assumir diferentes significados, tornando-se num conceito excessivamente escorregadio no âmbito do jornalismo que, a nosso ver, importa delimitar com maior rigor enquanto valor informativo, ético e deontológico. (CAMPONEZ, 2012, p. 36).

Os telejornais com este viés de proximidade apostam nas temáticas voltadas para ajudar a resolver problemas de infraestrutura dos bairros, má prestação de serviços públicos além das

reclamações comunitárias em geral. A comunicação comunitária se interessa pela participação e envolvimento das comunidades na produção e divulgação das informações importantes para a sua realidade, considerando as especificidades de cada grupo numa construção de um diálogo inclusivo. Para Filho (2006) é uma ferramenta importante para democratização da informação que a comunicação comunitária não se limite a transmissão de informações, é algo que busca fomentar a construção do diálogo horizontal e participativo, que fortalece as identidades locais e promove a cidadania, “é um espaço de produção e consumo de informação que favorece a formação de redes sociais, a participação dos indivíduos na vida pública” (FILHO, 2006, p.119).

Por comunicação comunitária, Soares (2012) entende ser “uma estratégia de resistência” a comunicação hegemônica, uma forma de fortalecimento à identidade cultural dos grupos e valorização das experiências locais. Os autores convergem no sentido de que essa comunicação constrói uma sociedade justa e igualitária. Peruzzo (2005) traz neste ponto um aspecto oportuno sobre práticas de empresas comerciais regionais que se apresentam como comunitárias, quando nem sempre são, assim como nem toda “comunicação popular tem o propósito de trabalhar com exclusividade com os temas comunitários” (PERUZZO, 2005, p, 73).

Para Vizeu (2019) a Tv regional é uma forma de comunicação comunitária, com objetivo de atender às demandas locais, uma forma de promover a cidadania e fortalecer a identidade regional. O autor define como principal característica da Tv regional a aproximação com a comunidade local, com conteúdo voltado para os interesses da região. A Tv regional é um importante meio de comunicação local que leva informações e entretenimento para as comunidades de uma determinada região. O autor chama atenção para o fato de que é preciso garantir um conteúdo de qualidade e uma programação diversificada, bem como buscar a participação ativa da comunidade na produção dos conteúdos, no sentido de que a Tv adquira e mantenha esse papel regional e se solidifique de forma efetiva.

Podemos entender a Tv regional como um modelo de mídia que atende a uma determinada área geográfica, com uma programação voltada para as demandas locais. Essa noção de proximidade é o foco das discussões sobre esse modelo de comunicação, tendo a relação entre o usuário e os espaços televisivos de noticiários regionais como foco. A proximidade é um valor-notícia que compõe um dos âmbitos do jornalismo, das mídias e da relação com o público. É vista como um elemento teórico para explicar a seleção e apresentação das notícias, assim como a objetividade, a proximidade pode ser vista como um procedimento jornalístico. Peruzzo (2005) entende proximidade como os laços originados pela familiaridade

e pela singularidade de uma determinada região, que têm muito a ver com a questão do lócus territorial.

Silva (2005) afirma que os acontecimentos mais próximos do espaço e da cultura da audiência – incluindo aspectos psicológicos e comerciais, têm mais chances de serem “enquadrados” pelo jornalismo. Outra demarcação possível para se abordar a proximidade é através de estudos que recorrem ao campo da Geografia. Sônia Aguiar (2016) aborda a perspectiva da Geografia da Comunicação e propõe matrizes classificatórias para compreender, considerando que o jornalismo de interior, o jornalismo local ou o jornalismo regional se dedicam “a maior proximidade geográfica em relação aos fatos que reportam, com os leitores que privilegiam e com as fontes às quais dão voz; e a forte identidade sociocultural e político econômica com os territórios em que circulam” (AGUIAR, 2016, p. 18). É interessante observar essa análise de Aguiar (2016) concentrada no uso de escalas geográficas para compreender a área de atuação dos veículos de comunicação, com atuação local ou regional. . A autora considera a pluralidade de jornalisimos locais, ao se aprofundar sobre o conceito de jornalismo local, tanto no campo da Comunicação quanto nas suas inter-relações com outras áreas, como na Geografia e na Sociologia.

Essa se deve, principalmente, pelo fato de o jornalismo adotar diferentes formas de conteúdo e linguagem, conforme o contexto e realidade sociocultural, ou seja, conforme o cenário seja “locais” Nacionais ou Globais.

Aguiar (2016) propõe uma tipologia de cinco escalas para situar os recortes de análise e as escolhas dos níveis de análise:

1) Escala Local, que possui ainda subníveis: hiper local (rua, prédio público, quadra), micro local (quarteirão, sub-bairro, comunidades rurais), mesolocal (município, cidade, centro urbano) ou macro local (metrópole, região metropolitana), de acordo com a abrangência de sua atuação;

2) Escala Regional, com os níveis microrregionais (aglomerado de pequenas cidades), mesorregionais (aglomerado de cidades em torno de uma cidade-polo), estaduais (unidade da federação) e macrorregionais (divisão político-administrativa);

3) Escala Nacional, diz respeito ao país/nação;

4) Escala Internacional, relativa ao continente ou uma região;

5) Escala Global, que se refere ao nível mundial (AGUIAR, 2016, p. 57).

Com base nessa escala, é possível identificar que a mídia televisiva hegemônica brasileira se organiza na escala regional, já o foco de nossa pesquisa, o *Bom Dia Sergipe* por exemplo, telejornais intitulados pela própria emissora como “local” e produzidos pela *Tv Globo*

e suas afiliadas de Norte a Sul do País, seriam, segundo a autora, telejornais regionais, por atuar em um conglomerado de pequenas cidades ou em torno de uma cidade-polo numa escala regional.

Peruzzo (2005) afirma que o conteúdo local sempre esteve presente nos meios de comunicação, sendo impressos ou televisão e chama atenção para três aspectos que envolvem mídia local-regional no século XXI: o primeiro são as relações global-local, local-regional-nacional, local-comunitário e local-global, que diz respeito à noção de fronteiras. Para a pesquisadora, no meio regional as fronteiras se tornam mais sutis, sendo de difícil delimitação entre o regional, o local e o comunitário. O segundo aspecto trata do território, que passa a extrapolar a delimitação geográfica, considerando também dimensões como a língua, as tradições, os valores e a religião, por exemplo. O aspecto se refere à globalização, mais precisamente sobre a relação . A autora defende que o global não sufoca o local, sendo que “a realidade vai evidenciar que o local e o global fazem parte de um mesmo processo: condicionam-se e interferem um no outro, “simultaneamente” (PERUZZO, 2005, p. 74).

Assim mesmo, Peruzzo (2005) diz que “mídia local denota uma comunicação baseada em informação de proximidade” e que o conceito de jornalismo local é amplo e distante de um consenso teórico (PERUZZO, 2005, p. 69). Esse formato não deixa de ser uma alternativa aos meios de comunicação de massa nacional.

Há interesse das pessoas em ver os temas de suas localidades retratados na mídia, como também há interesse por parte da mídia em ocupar o espaço regional com vistas a atingir seus objetivos mercadológicos. Mas, os jornais e as televisões, na prática, estão envolvidos em contradições, motivadas por vínculos políticos e interesses econômicos, que, além de comprometer a informação de qualidade e isenta, acabam por reproduzir estilos e menosprezar a força do local enquanto fonte de informação. (PERUZZO,2005, p.83)

É de se concluir que essa comunicação permite uma conexão mais estreita entre a população local, promovendo a identidade e cultura regional. A compreensão da comunicação regional permite alcançar o modo das pessoas se relacionarem dentro de uma região e de que forma afeta a cultura e a sociedade em geral. Consideramos como elemento de caráter informacional, mas também social, político, econômico e cultural, que pode servir às necessidades da população, particularmente quando promovem a visibilidade dos acontecimentos de interesse público e da comunidade da região.

### 3 PANDEMIA E NOVOS PROCESSOS DE TRABALHO NO TELEJORNALISMO

A sociedade entrou em choque funcional, incertezas tomaram conta de nossas vidas e o jornalismo como parcela da sociedade seguiu esse mesmo fluxo. O modo de fazer jornalismo como era concebido até então, passou por uma reestruturação circunstancial, alterando singularmente a prática telejornalística.

Nesse cenário, as mudanças nos processos de trabalho, novas configurações e práticas que causaram alteração na ecologia dos meios, levou muitos profissionais a refletirem sobre o momento vivenciado. A gramática do jornalismo seguiu o fluxo acelerado do contexto social, histórico, econômico, tecnológico e cultural de meses de contágio, milhares de mortes e do medo. Práticas jornalísticas de apuração, produção e gravação de reportagens, consagradas por décadas, foram revisadas e alteradas.

Nos telejornais, a pandemia provocou mudanças na apresentação das reportagens exibidas, na linguagem e estética que representaram transformações estruturais. Os jornalistas ao mesmo tempo tiveram que lidar com o ineditismo em uma cobertura sem precedentes e com um avolumado de notícias. Um desafio que logo veio à tona foi cumprir a máxima de Vizeu e Correia (2008) de que “o jornalismo precisa molhar-se pela realidade”, mas como então se daria esse mergulho se metaforicamente o mar estava completamente contaminado, mostrando-se um cenário de risco que ultrapassava a esfera do risco pessoal?

Com o crescimento dos casos da doença, os telejornais refinaram uma característica que é própria desse meio de comunicação, que foi a linguagem pedagógica, um formato consolidado no país, (COUTINHO e MATA, 2010), registrando índices de interesses significativos, referendados por pesquisas de audiência de alcance nacional.

Com a confirmação da pandemia no país, a *Rede Globo*, em março de 2020, o aumento da cobertura jornalística e consequentes mudanças na programação. A emissora defendeu que “o jornalismo continuará atuando, e cada vez mais”. Porque é possível fazer jornalismo mitigando os riscos, evitando contatos físicos e redobrando medidas de higiene” (REDE GLOBO, 2020). Com esse pensamento, as emissoras e afiliadas Globo passaram por mudanças para se adequar à realidade vivida.

Aqui, novamente, falamos em novas rotina que levaram à produção telejornalística a se readequar. As alterações contemplaram, entre outras medidas, com mais tempo de duração, programas já consagrados na grade foram - os profissionais desses programas foram absorvidos em outros jornais, implantação do teletrabalho, redução de números de profissionais

de forma presencial nas redações. Automaticamente, a soma desses fatores provocou um novo posicionamento na rotina de produção, no modo de fazer notícia.

### **3.1 Pesquisas sobre telejornalismo e pandemia**

A pesquisa destinada ao estado da arte tem para Ferreira (2002) caráter bibliográfico, com objetivo de levantar dados num inventário de publicações produzidas por pesquisadores da área de conhecimento a ser mapeada. Com característica bibliográfica, o estado da arte se reveste de um desafio, na medida que busca mapear e discutir a produção acadêmica, com intenção de discutir aspectos e dimensões do tema a ser explorado em artigos, periódicos, dissertações de mestrado, teses de doutorado, relatórios e publicações de anais de congressos e de seminários.

Para Ferreira (2002) trata-se de um inventário com uma metodologia de alcance descritivo da produção acadêmica e científica. Pereira (2013) argumenta que o estado da arte se configura como uma “meta pesquisa”: uma pesquisa sobre a pesquisa, cujo objetivo fundamental consiste no mapeamento da produção de conhecimento em determinada área (PEREIRA, 2013, p.223). Esse alcance do que vem sendo produzido sobre o objeto de pesquisa gera uma ampliação nas produções científicas. De posse da relevância dessa fase da pesquisa e do conhecimento, para o estudo em questão, usamos a pesquisa bibliográfica exploratória com base nos descritores, organizados de forma categórica.

Esta pesquisa tem como intuito analisar as transformações que ocorreram nas redações jornalísticas diante das restrições impostas pela pandemia da covid-19 e como os profissionais continuaram informando a população em meio às mudanças nas rotinas produtivas. Para isso, foi utilizada como questão norteadora “Quais foram os impactos da pandemia da covid-19 nas rotinas de trabalho nas redações de jornalismo?”. O procedimento corresponde a um levantamento de aporte literário que serviu de base para a discussão dos resultados demonstrados em alguns estudos de caso.

Foi realizada uma busca bibliográfica por meio das fontes constituídas pelos recursos eletrônicos nos seguintes espaços de divulgação científica: Portal de Periódicos Capes, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e sistemas das bibliotecas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade de São Paulo (USP), adotando os descritores “covid-19 e rotinas de trabalho nas redações”, “rotinas jornalísticas na pandemia”, “jornalismo e covid-19”, publicados no Brasil.

A escolha do Portal de Periódicos Capes e da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) se deu por ambos serem ferramentas agregadoras de conhecimento, onde são disponibilizados acervos valiosos de artigos, teses e dissertações, tudo de alta qualidade num único lugar, facilitando ao usuário encontrar a informação desejada e democratizar o acesso ao conhecimento científico. A pesquisa foi realizada nos bancos de dados da UFPE, UFBA e USP e por serem instituições de renome que possuem grupos de pesquisas mais atuantes em televisão das universidades nacionais. Além de serem instituições que se destacam no campo do conhecimento, na pesquisa e na produção de conteúdo voltado para a Televisão.

Os critérios de inclusão constituíram de artigos, dissertações e teses em português, disponíveis online na íntegra sobre o tema proposto. Foram escolhidos preferencialmente os arquivos publicados no período entre 2020 e 2022, a escolha desse critério temporal se deu por ser o período que data o início da pandemia da covid-19 até um ano após o início da vacinação no Brasil. Contudo, obras e texto-base com data de publicação anterior à supracitada foram utilizadas, dada a importância das informações para embasamento deste trabalho. Fizemos a associação dos termos: jornalismo + covid+ rotinas +pandemia para alcançarmos um resultado mais real do pretendido.

Os critérios de exclusão foram os textos sem resumos, textos incompletos e estudos duplicados. Após a leitura dos títulos e dos resumos também foram excluídos os estudos que não respondiam à pergunta norteadora e os que não tratavam do objeto de estudo da pesquisa. A coleta de dados foi realizada durante os dias 3, 4 e 5 de março de 2023.

A busca resultou em 79 publicações e após a adoção dos critérios de exclusão foram selecionados 48 textos potencialmente relevantes nas bases de dados para a leitura na íntegra e análise completa, os quais compõem a amostra final desta revisão.

Dos 31 estudos excluídos, quatro trabalhos relatavam as rotinas produtivas jornalísticas fora do contexto da pandemia, três artigos analisavam as rotinas de trabalho fora do Brasil (Equador, México e Chile) ,dois citavam as controvérsias sobre a cobertura midiática de saúde na pandemia, três realizaram investigação quantitativa por meio de questionários, que foram excluídos, já que o método desta pesquisa foi entrevista semiestrutura, cinco evidenciaram as mudanças no ensino de jornalismo durante o período remoto, dois tratavam sobre a desinformação durante a pandemia, sete avaliaram a temática da verificação de notícias (*fact-checking*) e desinformação, dois trataram sobre desafios educacionais na pandemia e três sobre convergência midiática fora do período da pandemia da covid-19, por se tratarem de temas que se distanciaram da pergunta norteadora, não encaixavam no perfil pesquisado e com poucas informações a agregar, estes estudos foram descartados da pesquisa.

Foram incluídos 48 trabalhos entre artigos acadêmicos, teses e dissertações nesta revisão. Agrupamos em três principais categorias temáticas e duas subcategorias nesses três grupos temáticos, sistematizamos por temas desenvolvidos- comunicação e rotina do jornalismo, jornalismo convergente e rotinas produtivas. Por sua vez, respectivamente, foram subdivididas em adaptações implementadas às rotinas durante a pandemia, ferramentas tecnológicas implementadas na pandemia e estudos de caso mostrando as principais mudanças ocorridas.

Destas publicações, a maioria (21 trabalhos) foi composta por artigos que discorriam sobre as adaptações da rotina produtiva das redações em meio às restrições impostas pela pandemia, como os trabalhos de Andrade (2020), Affonso (2021), Coutinho, Melo e Finger (2021), Andrade e Saar (2021), Barbosa (2022), Cajazeiras e Souza (2022). Os autores relataram os impactos que atingiram diretamente a rotina de trabalho dos jornalistas durante a pandemia durante o período de desinformação e insegurança.

Siqueira e Monteiro (2020), Thomé e Reis (2020), Silva (2021), Sifuentes *et al.* (2021), Siqueira, Dias e Bandeira (2021) e Thomé *et al.* (2021) relataram as mudanças em jornais locais e em grandes redações como da *Tv Globo* e *Rede RECORD*. Os autores destacaram o *home office* como primeira mudança, seguida das reuniões, uso de aplicativos como *WhatsApp* para discussão de pautas, distanciamento dos entrevistados e maiores cuidados em higiene.

### **3.2 Rotinas produtivas no telejornalismo**

Ao tratar de rotinas produtivas das redações jornalísticas, os textos de Morais e Bez (2004), *et al.* (2016) e Monteiro *et al.* (2020) demonstram que as modificações já vinham ocorrendo há algum tempo, como o *boom* da internet que influenciou todo o processo midiático no mundo e como o fenômeno das mídias sociais transformou a forma de fazer jornalismo.

Cabe aqui, uma inclusão de autores, especialmente, após a execução do estado da arte, que algumas contribuem por sua relevância para a nossa dissertação, por tocarem em questões-chaves para o desenvolvimento da questão central de nossos estudos. É o caso de autores como Wolf (1999), Curado (2002), Vaz (2013), Vizeu e Cerqueira (2019), Emerim, Pereira e Coutinho (2020) que foram utilizados para desenvolvimento do texto inicial sobre meios de comunicação, métodos e conceitos-chave sobre seleção de notícia e telejornalismo, a fim de contextualizar um breve histórico sobre a fase anterior à convergência midiática, na qual é demonstrada pelas publicações de Kischinhevsky (2009), Azambuja (2010), Barbosa (2013)

e Macedo (2016). Precisamos pensar ainda neste tópico em incluir estudos de casos de redações jornalísticas de estados como Maranhão, Rio de Janeiro e São Paulo, que avaliaram as mudanças práticas e normas a que foram incluídas no processo produtivo dos jornalistas. Siqueira e Monteiro (2020), Thomé e Reis (2020), Silva (2021), Sifuentes et al. (2021), Siqueira, Dias e Bandeira (2021) e Thomé et al. (2021) relataram as mudanças em jornais locais e em grandes redações como da *Tv Globo* e *Rede RECORD*. Os autores destacaram o *home-office* como primeira mudança, seguida das reuniões remotas, uso de aplicativos como *WhatsApp* para discussão de pautas, distanciamento dos entrevistados e maiores cuidados em higiene.

A pandemia colocou em “xeque” muitas das rotinas de produção e regras jornalísticas que demoraram demais a serem quebradas, a exemplo de:

Nunca entregar o microfone para o entrevistado; para fazer uma reportagem em vídeo é preciso estar no lugar do fato; a qualidade técnica na captação de imagens é tão importante quanto as informações; a câmera é a segurança da equipe, basta gravar; o rosto do repórter deve demonstrar a seu conhecimento e dar credibilidade à notícia; nada substitui a televisão; a televisão é hegemônica; os jovens não assistem mais televisão; aumenta a audiência dos telejornais. (Coutinho, Mello e Finger (2021, p. 4-5)

Outros tensionamentos como repórteres mascarados, novas formas de captação e edição de imagens e veiculação instantânea da informação em redes sociais digitais, exigiram que as redações adotassem novos procedimentos em suas rotinas produtivas, adaptando-se às exigências da necessidade de informar à sociedade e preservar a saúde de seus profissionais (COUTINHO; MELLO; FINGER, 2021).

Diante dos desafios de produção de conteúdo jornalístico impostos pela pandemia da covid-19, fez-se necessário optar por um intenso processo de pedagogia na construção do noticiário (SILVA; VIZEU, 2019), valendo-se, para isso, de entradas ao vivo com repórteres utilizando máscaras e reportagens explicativas sobre contágio, formas de prevenção da doença, cuidados e propagação da covid-19.

Pereira (2008) afirma que o telejornal é o principal (se não único) meio de comunicação para a maioria dos brasileiros, principalmente os que compõem as classes com menor poder aquisitivo e menor grau de escolaridade. Desta forma, o jornalismo televisivo assumiu um papel central e ainda mais desafiador durante a pandemia.

Com mais pessoas em casa seguindo orientações de isolamento, os meios de comunicação tradicionais no Brasil perceberam maior interesse do público e viram a revaloriza

ação dos conteúdos para Tv num momento de grave crise que refletiu diretamente nas rotinas de produção de Telejornalismo (MELO *et al.*, 2020).

Com a pandemia, as rotinas produtivas das redações apresentaram mudanças, afetando de forma direta o trabalho dos profissionais, desde a reunião de pauta, passando pela coleta, a seleção, a edição e a distribuição de conteúdo. Essas modificações acabaram provocando fusões e revisões nos modos de trabalho, e de definição de padrões de rotinas produtivas (NEGRINI; REDÛ, 2020).

Muitas mudanças foram facilmente perceptíveis ao telespectador, como uso obrigatório de máscara pelos repórteres, entrevistas em espaços abertos ao invés do estúdio e por meio de videoconferências (BARBOSA, 2022). No estágio inicial da pandemia, equipes de telejornais regionais fizeram revezamento, em situação de quarentena parcial, e os repórteres passaram a atuar de dentro de suas casas (VIZEU; CERQUEIRA, 2019).

Com pequenas equipes presentes de forma física nas redações para evitar aglomerações, o trabalho do jornalista em *home office* foi incorporado ao Telejornalismo durante a pandemia, os telejornais passaram a dar mais espaço para boletins de saúde e a fornecer boa parte das informações sobre o enfrentamento da doença (ANDRADE *et al.*, 2020).

Os pesquisadores apontam que entre as principais alterações que impactaram as rotinas produtivas telejornalísticas estão o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) por parte dos repórteres, a comunicação entre a equipe, que antes era presencial, passou a ser feita pela internet ou por telefone, o distanciamento das fontes nas entrevistas, que agora seguram o microfone, algo não recomendado pelos manuais, além do desafio de oferecer informações rápidas a um público variado e abrangente em meio à crescente circulação de *fake News* (ANDRADE *et al.*, 2020).

Barbosa (2022) analisou as transformações ocorridas nas rotinas produtivas da Tv Mirante, afiliada da Rede Globo, situada cidade de Imperatriz, no Maranhão, impulsionadas pela pandemia da covid-19 e constatou que a primeira mudança na rotina produtiva do telejornal foi o aumento de tempo disponibilizado aos programas jornalísticos, mudança que impactou, principalmente na fase inicial, pela necessidade de adaptação à nova realidade e mais tempo de informação, tendo ainda que lidar com as restrições sociais impostas pela pandemia

As mudanças nas redações constatadas por Barbosa (2022) na *Tv Mirante* incluíram: disponibilização álcool em gel na redação, uso de desinfetante de superfícies em aerossol para higienização de microfones, computadores e outros equipamentos utilizados no trabalho, distribuição de máscaras de tecido para os profissionais, distanciamento dos entrevistados e fontes e uso em massa de imagens enviadas pelos telespectadores.

A redação da emissora pública *TVE-RS*, localizada no Rio Grande do Sul, foi investigada por Sifuentes et al. (2021) que constataram a partir da adoção do *home office*, os profissionais precisaram utilizar seus próprios equipamentos e recursos para a realização do trabalho. Em relação à rotina de trabalho na redação, houve um revezamento entre os trabalhadores para ocuparem algumas funções e somente quatro pessoas exerceram suas funções presencialmente: editor-chefe, editor de texto, produtor e apresentador. As reuniões, antes presenciais, passaram a serem realizadas pela plataforma *Zoom* com todos os profissionais da redação, e foram vetadas as reportagens externas. Com frequência, o papel de preparar pauta, produzir texto, gravar e editar imagens passaram a serem exercidas por uma só pessoa, o repórter. Por outro lado, os autores citaram pontos positivos ampliados pelo uso dos recursos *online*, como a possibilidade de as fontes estarem presentes no programa e aumento do alcance das entrevistas realizadas através do *Zoom* e *Skype*, permitindo a participação de pesquisadores geograficamente distantes sem maiores dificuldades.

Uma pesquisa realizada por Capoano e Barros (2020) destacou que entre 227 jornalistas que responderam um questionário sobre a mudança na rotina produtiva durante a pandemia, 65,7% deles declararam que a principal mudança foi a adoção de regime teletrabalho, 64,9% dos participantes declararam terem recebido EPI's das empresas que trabalham e 51,12% passaram a trabalhar mais horas por dia. Além das difíceis condições da nova rotina, quase 20% dos respondentes foram impedidos de exercer a sua atividade laboral de algum modo. Pode-se considerar, portanto, que os jornalistas precisaram se adaptar rapidamente às mudanças consideráveis na rotina de trabalho que a cobertura sobre o Coronavírus lhes impôs.

Com intuito de contribuir para minimização dos danos à saúde dos jornalistas e possibilitar a realização das funções a partir de um caráter preventivo, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará (Sindjorce) elaborou um documento com medidas a serem adotadas pelas empresas jornalísticas do Cariri Cearense, para que os profissionais tivessem condições mínimas de trabalho durante suas rotinas produtivas na pandemia (SINDJORCE, 2020). O guia foi dividido por etapas, contendo o passo a passo de como o jornalista agir nas fases de pré-produção, produção e cuidados sobre a segurança do equipamento e, de acordo com Cajazeira e (2022), simultaneamente foi observado um fenômeno de plataformização do trabalho nas rotinas redacionais locais, que passou a serem desenvolvidos em redações virtuais através de aplicativos de mensagens instantâneas e de ordenamento de tarefas, além de serviços de e-mail. Dessa forma, com a adoção das medidas preventivas pela maioria das empresas, o jornalista da região do Cariri cearense recebeu assistência e garantias de segurança durante a cobertura jornalística em meio a pandemia ocasionada pela covid-19.

É importante ressaltar que muitas das alterações foram abruptas, levando diretamente do processo anterior à pandemia para o novo, em uma convergência marcada pela remediação veloz, ocorrendo em questão de semanas, graças à necessidade de pressa para evitar a propagação do vírus causador da covid 19. No entanto, nem todas as mudanças foram incorporadas ao mesmo tempo, havendo um fluxo de inserção de alternativas no processo produtivo, iniciando com o *home office*, depois uso de dois microfones seguido de máscaras para repórteres em coberturas externas, alterações essas mais evidenciadas nas telas. De certo, o jornalismo assumiu o papel de protagonista na divulgação de informações sobre a evolução da pandemia e, assim como os demais setores produtivos considerados essenciais, passou por alterações imediatas na prática profissional (THOMÉ; REIS, 2020).

A *Tv Equinócio*, repetidora do sinal da *Record Tv*, no do Amapá, passou por várias transformações na rotina das redações e inseriu a participação de novos atores no processo de produção das matérias, a partir do processo de interatividade das fontes, que se mostraram, a partir do processo de interatividade das fontes, que se mostraram solícitas à equipe de produção. O que antes era expertise apenas do produtor de pautas, obteve colaboração remota da população local, a partir da gravação e envio de vídeos caseiros, dando aos telejornais da emissora um teor de jornalismo digital colaborativo (SILVA, 2021). Produtores entrevistados na pesquisa realizada por Silva (2021) afirmaram que na nova rotina produtiva, as fontes enviavam vídeos através de e-mail ou aplicativo de conversa, onde eram salvos e enviados para o repórter que, posteriormente, os enviavam à edição já com o texto contendo os *off* e passagens, auxiliando no processo de construção de novos espaços de apuração, redação e circulação de conteúdos jornalísticos.

A *Tv Correio*, afiliada da *Record Tv*, em João Pessoa, na Paraíba, também sofreu impactos na rotina produtiva, em especial no que diz respeito ao trabalho dos produtores. Para evitar contágio da doença, a empresa distribuiu os produtores, que antes ficavam todos em uma mesma redação, em salas separadas para que houvesse distanciamento social. Os repórteres que costumavam chegar à redação e receber dos produtores presencialmente as pautas diárias e a lista de entrevistados, passaram a receber as informações via *WhatsApp*, tendo ainda que lidar com a resistência dos entrevistados em receber a equipe de reportagem. Os produtores, além de fazer o roteiro para o repórter, precisaram roteirizar para as fontes, onde essa “roteirização” era verbalmente através de contato telefônico para marcar a pauta e passar orientações quanto à produção do vídeo (SIQUEIRA; DIAS, 2021).

Para diversos pesquisadores, o *WhatsApp* foi uma grande ferramenta facilitadora do processo durante a pandemia. Através dele foi possível marcar reuniões, comunicação com toda

a equipe e editores, além do recebimento e utilização do conteúdo produzido pelas próprias fontes e do encaminhamento instantâneo dos arquivos para produtores e ilhas de edição, sem necessidade de contato físico. Diante disso, em todos os meios de comunicação, houve um aumento na quantidade de reportagens que passaram a serem construídas completamente na redação, sem que as equipes saíssem da emissora para gravar com alguém (SIQUEIRA; DIAS, ; DAMASCENO, 2022; SILVA, 2021).

O estudo de caso publicado por Thomé e Reis (2020) evidenciou as mudanças ocorridas nas redações dos telejornais regionais *MG1* e *MG2*, pertencentes à *Tv Integração* (MG), durante o primeiro semestre de 2020. Os noticiários locais passaram por mudanças estruturais diante da pandemia, como a unificação das duas edições que geraram novos arranjos nas equipes e revezamento de pessoal para viabilizar períodos de quarentena aos profissionais e a adoção de gravações em espaços domésticos, em consonância ao que os telespectadores passaram a ver, também, nos telejornais em rede nacional.

Entre as mudanças apontadas pelos autores, a *Tv Integração* passou a usar microfone com pedestal para o entrevistado, gravações das sonoras pelas telas, telejornal com mais entradas ao vivo que reportagens de diferentes cidades, aumento do tempo de duração do telejornal em 1h50min, uso de máscara por toda a equipe dentro e fora da redação, e *home office* jornalístico regional. Tais mudanças que tiveram que serem feitas em curto espaço de tempo, sinalizaram a capacidade de renovação do jornalismo televisivo regional mineiro.

Fígaro (2020) apontou em seu estudo com 557 profissionais da comunicação de 25 diferentes estados, que 307 deles relataram alteração de jornada durante a pandemia, com um acréscimo de horas em seu expediente convencional. Dos jornalistas respondentes, 70% afirmam que o ritmo ficou um pouco mais pesado ou muito mais pesado.

Os telejornais regionais *RJ1* e *RJ2*, do estado do Rio de Janeiro, passaram por momentos relevantes de virada no modo de produção durante a pandemia. Esses programas representam praças de referência por contarem principalmente com o abastecimento da equipe do *Jornal Nacional*. Thomé et al. (2021) analisaram detalhadamente o modo qualitativo aproximado dos modelos de produção desses telejornais e a identificação de fases da cobertura telejornalística regional à medida que ocorria o avanço da pandemia. Diante disso, foram identificadas transformações, retratadas como fase do improviso, desvio do padrão e pedagogia pelo exemplo nas telas, entre outras. Nas redações foram apontadas mudanças nas rotinas produtivas, novas funções demandadas das equipes, tensionamentos sobre divulgação e apuração de dados certificados, critérios de noticiabilidade durante a pandemia e busca por formas de narrar a morte e o medo.

Com o avanço da pandemia, as principais redações de televisão de São Paulo definiram mudanças nas dinâmicas de suas redações para proteger seus colaboradores. A Rede Globo emitiu um comunicado em março de 2020 instruindo o distanciamento social de no mínimo 2 metros, cuidados redobrados com a higienização das mãos e equipamentos, evitar contato físico o máximo possível. A emissora modificou todos os protocolos de higiene dentro e fora da redação e disponibilizou álcool para limpeza de bancadas, microfones, câmeras e para as mãos. Além disso, procedeu com o cancelamento de treinamentos presenciais, suspendeu viagens nacionais e internacionais e exigiu quarentena de 14 dias a todos os colaboradores em retorno de viagens para o exterior (JORNAL NACIONAL, 2020).

Já a *Rede Record*, adotou como medidas a realocação de 550 profissionais para *home office*, a disponibilização de álcool em gel para todos os colaboradores dos diferentes setores, higienização diária dos departamentos da empresa e desativação do ponto eletrônico por biometria. Tais medidas foram adotadas com protocolos semelhantes por outras emissoras de São Paulo como *SBT*, *Rede Bandeirantes*, *RedeTv* e *CNN Brasil* (RECORD, ).

A partir das informações expostas, é possível afirmar que os maiores impactos ocorridos nas rotinas produtivas durante a pandemia foram: a mudança da presença na redação para o *home office*, a utilização de imagens com menor qualidade de som e imagem, enviadas pelo próprio telespectador; a necessidade de uso das mais diversas medidas de segurança; a adoção de entrevistas por aplicativos, a ampliação do horário destinado ao Jornalismo na programação e a reformulação dos programas com a criação de novos quadros (AFFONSO, 2021).

Diante disso, o que se observou na pandemia é fruto de um processo contínuo de transformações pelas quais o jornalismo vem passando. Decerto, esse processo trouxe grandes legados à profissão, pois permitiu que os jornalistas aprendessem a trabalhar ainda mais distantes, não só dos colegas, mas das ruas, tendo o público à distância como colaborador, isso demonstra a versatilidade do jornalismo, o conhecimento adquirido através do tempo e os lugares que se pode alcançar graças a ele (LAZARRI, 2021).

Para Maria José Braga, presidenta da Federação Nacional dos Jornalistas, “os jornalistas brasileiros, mesmo afetados direta e indiretamente pela pandemia, continuaram seu trabalho e cumpriram um relevante papel na divulgação de informações verdadeiras sobre a covid-19, a assistência médica e hospitalar e a vacinação. Assim, contribuíram para que o país não fosse pela pandemia e ajudaram a aliviar a dor vivida coletivamente” (FENAJ, 2021).

### 3.3 *Home office* como saída na pandemia

Vamos iniciar o tópico, retornando a um assunto abordado anteriormente quanto à diferenciação dos termos Teletrabalho e *Home office*. Teletrabalho é a prestação dos serviços fora das dependências do empregador, utilizando tecnologias de informação e de comunicação, regido pela legislação trabalhista com regras específicas. Na modalidade *home office* o trabalho permite que o funcionário trabalhe em casa, ou em outro local, fora das dependências, sendo que do ponto de vista é regido pelas mesmas regras do modelo de trabalho presencial. Não só as redações foram afetadas, de acordo com dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), *home office* atingiu em 2011, 11% dos trabalhadores no Brasil (SILVEIRA, 2021).

Para os jornalistas que cobriram a pandemia em sua fase inicial e mais crítica, o *office* foi a saída do escritório e a biblioteca particular tornou-se a nova - redação para a realização das participações dos jornalistas e comentaristas nos telejornais, em participações com entradas ao vivo e gravação de entrevistas.

Fíguro (2021), como já relatado, trouxe uma pesquisa sobre o tema no relatório “*Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de covid-19*”. As comparações com dados levantados em 2020 mostram que o número de profissionais que aumentaram a carga de trabalho diária de 10 horas para doze, catorze horas. Ou mais foram elevados, denotando que o *home office* passou a ser mais desgastante que o trabalho presencial, para a pesquisadora, os entrevistados relataram que precisam mostrar que estão trabalhando, e isso faz com que eles se coloquem disponíveis em tempo integral.

**Figura 3** – Bastidores de um ao vivo em *Home office*



**Fonte:** Captura de tela, jun. 2023

Em Globonews (2022), os jornalistas relembram com um certo alívio a superação desse momento, pois diversos foram os desafios do *home office* na pandemia, os profissionais de vídeo, principalmente, adaptaram-se para continuar entrando no ar, “em Nova York a gente está trabalhando de casa desde março do ano passado, quando a cidade decretou as medidas mais restritivas da pandemia e eu transformar minha sala numa redação/estúdio” - declarou o correspondente do canal Felipe Coaglio, outro jornalista, o comentarista Valdo Cruz declarou “nada substitui o contato direto com as fontes” (GLOBONEWS, 2022).

**Figura 4** – Relato de jornalista em *Home Office*



**Fonte:** captura de tela, 2023.

Em uma reportagem de 2021, Giovanaz trouxe relatos de jornalistas que atuavam naquele ano em confinamento. Um deles, profissional da mídia impressa paulista falou sobre a jornada exaustiva

- Nunca me senti tão cansada quanto agora. A vida acabou virando o trabalho, e vice-versa. Acho que, presencialmente, isso não acontecia tanto: existia a hora de ir para o trabalho e a hora de voltar. O WhatsApp não piscava o tempo inteiro. A redação não ficava no meu quarto. Não existia essa sensação de que todos os dias são iguais. Mentalmente, eu sinto que nunca desligo. Giovanaz, 2021

O trabalho dos *freelancers* já mostra um modelo de redação para fora das empresas. Com a pandemia, houve uma migração ainda maior. A pandemia acelerou a precarização, em uma tendência de “expulsão” dos profissionais do vínculo formal das empresas de comunicação, algo iniciado em 2010, com os chamados “passaralhos”<sup>6</sup> - demissão em massa.

<sup>6</sup><https://www1.folha.uol.com.br/colunas/sergio-rodrigues/2020/12/o-passaralho-esta-no-cardapio.shtml#:~:text=O%20autor%20de%20%E2%80%9CPor%20Tr%C3%AAs,acontece%20hoje%20em%20toda%20parte.>

A pesquisadora avalia que o trabalho a distância é vantajoso para muitas empresas e dá sinais de se consolidar como tendência, no entanto perdem os profissionais, “foi uma crise do modelo de negócio, só que o resultado recaiu sobre o trabalho. Esse enxugamento gera pressão para quem fica, e precarização para quem sai” (VISIBELI apud GIOVANAZ, 2021, s.p).

### **3.4 Audiência e perspectivas da Coprodução**

Trazendo como característica a grande participação do público nesse jornalismo de proximidade e assentados na teoria do Newsmaking, de modo geral, podemos considerar o contato com os usuários e sua atuação pela interatividade como algo imprescindível nessa prática jornalística. As tecnologias baseadas em recursos computacionais e de telecomunicação, como vimos até aqui, deram ao jornalismo, e em especial ao jornalismo comunitário, possibilidades de manejar e distribuir a informação. A construção dessa linguagem para essa nova mídia, muda não só o formato das publicações, mas o futuro dos meios de comunicação de massa, afetando o jornalista, por meio da interação, como um dos atores dessa cadeia.

Para falarmos em potencial de interação dessas novas tecnologias, fazemos referência não somente ao homem - máquina ou a interação do usuário com o conteúdo, mas consideramos a interação entre jornalista e público, quase como a (ré)criação da informação entre seus usuários. Lemos (1997) avalia a interatividade digital como “um diálogo entre homens e máquinas em tempo real” com base no princípio da microeletrônica, através de uma “zona de contato”, chamada de “interfaces gráficas”. Para o autor, a tecnologia digital possibilita ao usuário interagir não mais apenas com a máquina/ferramenta, mas com a informação, com o conteúdo” (LEMOS, 1997, p.4).

Para Moraes (1998), há uma tendência de se rotular tudo como interativo para trazer ao produto um ar de vanguarda e modernidade. A autora analisa o termo interatividade com os correlatos: interação e interagir, destacando presença do prefixo Inter, com significado do “pôr em comum”, remetendo ao diálogo que é posto em jogo pelas palavras ação, atividade e agir. Conclui, dessa forma, que o termo remete a uma “ação entre entes”; uma relação entre ente, em uma relação mútua.

Para André Lemos (2003), o ciberespaço, promove uma nova configuração no polo de emissão das mensagens, é o que caracteriza a cibercultura, isto é, “vozes e discursos anteriormente reprimidos na edição da informação emergem no contexto da produção informativa através de chats, blogs, e-mails, listas, comunidades virtuais e toda a sorte de

redes sociais” (LEMOS, 2003 *apud* MORAES, 2012, p. 107 – 108). Atendendo ao convite, os telespectadores participam do telejornal e promovem as suas pautas.

Assim, pensar sobre o massivo no popular e vice-versa, nos provoca refletir em que medida o que ocorre no mercado simbólico não remete apenas ao que tem a ver com a lógica dos interesses dominante, mas também com a dinâmica e a complexidade do universo dos dominados (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 323). Cirne (2010, 2014) entende que as tecnologias fomentam um conteúdo onde se valoriza a participação do internauta, forçando o telejornalismo a rever conceitos e paradigmas e criando uma operação de forma interativa e multimídia, os telejornais deixam de lado “um caráter impositivo de pauta” com mais aproximação entre o público e a produção mesmo que de forma indireta.

Ao avaliar a participação da audiência na construção da notícia no *AB 2 e Tv Jornal Notícias* (telejornal da afiliada Globo, em Pernambuco) identifica mudanças a partir desse envolvimento, sendo perceptível para a pesquisadora que a epidemia “modificou a tradicional forma de construir a notícia, que estava cristalizada no jornalismo brasileiro”, baseando-se no envio de vídeos amadores pelos telespectadores, registrando basicamente a situação da pandemia na cidade e acontecimentos factuais (SOUZA 2021).

No *AB 2*, das cinco matérias que tiveram participação da audiência, em três foram identificadas a característica de testemunha da Audiência Potente, o que significa que esse tipo de elemento esteve presente em 60% do total. Enquanto no *Tv Jornal Notícias*, das sete matérias que contaram com conteúdo enviado pela audiência, em seis foram registradas esta característica, o que indica que o testemunho esteve presente em 85% das participações da audiência potente.

Entendemos a audiência potente como um novo agente das práticas e rotinas jornalísticas, com força de propagação da informação, que nem sempre é uma notícia. Essa audiência tem capacidade de ação e transformação, com acesso aos meios de produção e capacidade por meio da tecnologia. São agentes midiáticos que trazem seus olhares para os meios de comunicação. Um conceito que pode se confundir com o da audiência ativa, que trata do papel ativo do receptor no processo de recepção da mensagem, não sendo passivo, é um participante ativo que escolhe o que quer ou não ver, é um da teoria da comunicação que se refere ao papel ativo que o receptor desempenha no processo de recepção da mensagem.

Para Mesquita (2014), é nas situações atípicas que o jornalismo precisa da participação da audiência, já que o jornalista não pode estar presente em todos os locais ao mesmo tempo e ainda entende que o trabalho do jornalista foi modificado ao ser regulado também pela audiência potente, além da regulação pelas empresas.

Em outro estudo, desta vez, com Vizeu (2020), os autores avaliam o papel da audiência potente junto a equipe do telejornal de Recife, da *Tv Globo, NE1*, onde a audiência “entrou em cena” com imagens, depoimentos e envio de informações em lugares onde o jornalista não se fazia presente. O *NE1* também utilizou conteúdos “viralizados” nas redes sociais digitais na pauta do telejornal (MESQUITA; VIZEU, 2020, p. 33).

Esse papel importante de estar presente onde o jornalista não podia estar, por razões de segurança sanitária ou mesmo por motivo diverso, foi destacado em outro estudo, do mesmo telejornal. Belém, Cirne et al. (2020) afirmaram que a audiência teve o papel de trazer informações de outras cidades do Estado, onde o jornalista não estava presente” (BELÉM; CIRNE et al., 2020, p. 11).

As discussões sobre esse aspecto do jornalismo como modelo vão longe e giram em torno, principalmente, no cumprimento do papel, há realmente algo comunitário nesse jornalismo? Ou apenas uma espetacularização como estratégia de marketing, numa guerra de audiência entre emissoras? É um ponto a ser aprofundado.

## 4 QUESTÕES METODOLÓGICAS

Adotou-se para essa investigação a pesquisa teórico-empírica e descritiva, utilizando além da pesquisa bibliográfica, a análise de entrevistas semiestruturadas com o editor-chefe, os editores de texto, os produtores e repórteres. Para cada cargo foram entrevistados profissionais que compõem a equipe do telejornal: editor-chefe, dois editores-assistentes, dois , um apresentador , produtor e a diretora de jornalismo.

A coleta de relatos que apontem para nossas hipóteses, será confirmada com exemplos dessas mudanças, bem como com a descrição das rotinas nos diferentes momentos da pandemia que foi pesquisado. A análise destas entrevistas é fundamental para que possamos identificar e interpretar os fatos, buscando chegar a um entendimento completo e abrangente do objeto e, ao mesmo tempo, buscar desenvolver enunciados teóricos gerais sobre o processo e as mudanças estruturais envolvidas.

### 4.1 Modelo interpretativo da análise: rupturas, continuidades e potencializações

Como vimos, houve uma adaptação, em virtude da pandemia, do que se tinha em termos de formatos e rotinas, no telejornalismo. Percebemos nesse movimento características de superação - de ruptura, assim como, de continuidade e potencialização, conforme os ensinamentos de Palacios (1999, 2003, 2004). Um processo de articulação dinâmica envolvendo diversos formatos jornalísticos, em uma convivência de diversos suportes, numa complementação, para dar conta das notícias em um cenário pandêmico e recheado de restrições sanitárias e regras de distanciamento.

Consideramos oportuno trazer, ainda que de forma sintética, os principais elementos definidores de cada categoria, tendo em vista que adotaremos Palacios como motor de análise e modelo analítico para apontar o ponto nevrálgico desta pesquisa, quanto ao alcance da pandemia na rotina jornalística da *Tv Sergipe*, respondendo aos nossos questionamentos em relação aos processos produtivos se houve ruptura, continuidade ou aspectos de potencialização.

Não há como apartar os três conceitos que, segundo Palacios, estão interligados e podem ocorrer simultaneamente em processos de mudança e transformação. A ruptura é definida pelo autor como a quebra ou interrupção de um estado ou padrão estabelecido.

Trasel (2020), citando Palacios, busca compreender os modos de articulação e transformação das características dos múltiplos suportes existentes, não realizando uma discussão aprofundada dos conceitos de ruptura, continuidade ou potencialização. Para Trasel, a compreensão de Palacios poderia ser resumida dessa forma:

Entendido o movimento de constituição de novos formatos midiáticos não como um processo evolucionário linear de superação de suportes anteriores por suportes novos, mas como uma articulação complexa e dinâmica de diversos formatos jornalísticos, em diversos suportes, “em convivência” (e complementação) no espaço mediático, as características do Jornalismo na *Web* aparecem, majoritariamente, como Continuidades e Potencialidades e não, necessariamente, como Rupturas com relação ao jornalismo praticado em suportes anteriores. Com efeito, é possível, argumenta-se que as características elencadas anteriormente como constituintes do Jornalismo na *Web* podem, de uma forma ou de outra, ser encontradas em suportes jornalísticos anteriores, como o impresso, o rádio, a TV, o CD-ROM (TRASEL, 2020, p.28-29).

O entendimento é que não cabe superação de um suporte em detrimento ao suporte abolido, mas sim um incremento, uma complementação de suportes entre o jornalismo impresso, o rádio e o telejornalismo. É preciso estarmos atentos ao contexto social em que esse jornalismo está inserido, para se entender a ruptura, continuidade e potencialidade - é o percurso que pretendemos traçar.

Palacios (2004) analisando as características da web jornalismo argumenta que nem todas as características são inovadoras, algumas já existiam em outros meios de comunicação, e a versão de agora é apenas uma continuidade em um novo suporte. Para o autor, “a multimodalidade” na web é a continuidade de formatos da Tv que conjugam imagem, som e texto, que são potencializados pela web. Essa potencialização aconteceu ainda com o CD-ROM e as enciclopédias.

Perceber as especificidades dos vários suportes midiáticos não implica colocá-los em contraposição. Parece-nos oportuna, como ponto de partida, a distinção estabelecida por Dominique Wolton (1999, p. 85) entre uma lógica da oferta, que caracteriza as mídias tradicionais (rádio, TV, imprensa), que funcionam por emissão de mensagens (o chamado modelo Um - Todos) e uma lógica de demanda, que caracteriza as NTC, que funcionam por disponibilização e acesso (o chamado modelo Todos - Todos) (PALACIOS, 2004, s.p).

Wolton *apud* Palacios (2004), o autor ressalta que as diferentes modalidades midiáticas são complementares e não ascendentes. Palacios, entende o movimento de constituição de novos formatos midiáticos, como uma articulação complexa e dinâmica de variados formatos jornalísticos e suportes, convivendo e complementando-se, sendo uma ruptura, um momento de descontinuidade na narrativa midiática, quando uma notícia desafia e questiona o status.

Exploremos melhor na prática esse conceito de Palacios. O autor argumenta que as mudanças no mundo do trabalho resultam de uma série de fatores, incluindo a globalização, a tecnologia e as mudanças nas relações de trabalho, aspectos que têm levado a uma ruptura com o passado. Nesse sentido, não se podem deixar de lado, fatores como a precarização do trabalho, um aspecto central, aliás, para se pensar em ruptura, continuidade e potencialização. Gauriau (2021) aborda que vivemos uma era de decadência social e ideológica, com a extensão do neoliberalismo, voltada para o lucro e consumo, baseada na desestabilização dos mercados, na “hiper performance e auto exploração” no e do trabalho, com instabilidade nas relações profissionais. Um cenário favorecido pela chamada Revolução Industrial - Revolução 4.0<sup>7</sup>, onde prevalece o hiper é dominante “à prevalência do “hiper” (hiper-reatividade, hiper conexão, hipersensível, hiperativo, etc.), ao digital e ao efêmero” (GARIAU, 2021, p.90.).

A pandemia veio intensificar uma crise no trabalho e emprego<sup>8</sup>, que já existia no Brasil, ampliando taxas de desemprego e aumentando a informalização do trabalho. Com a paralisação das atividades produtivas, os trabalhadores informais perderam o sustento, as atividades formais demitiram, num contexto de um ano, com previsão de cortes de verbas destinados a programas sociais<sup>9</sup> é de se esperar pelo pior. Em abril de 2020 foi editada a Medida Provisória nº 936, de 2020, pelo governo brasileiro, criando um Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda, reduzindo a jornada de trabalho e proporcionalmente o salário e suspendendo temporariamente contratos de trabalhos, mediante um acordo individual escrito ou negociação coletiva e com duração máxima de noventa dias, que depois foi prorrogado por mais noventa dias. Porém, do ponto de vista do trabalhador, a medida contribuiu ainda mais para a precarização do trabalho com “uma grande lacuna e ausência de efetiva e generalizada garantia de emprego aos trabalhadores e trabalhadoras, independentemente de estarem incluídos no Programa” (DIEESE, 2020, p.11.).

A Organização Internacional do Trabalho -OIT (2020) estimou o aumento significativo do desemprego e subemprego como consequência do vírus, com diferentes impactos da covid-19 no PIB global

As estimativas preliminares da OIT indicam um aumento do desemprego global de entre 5,3 milhões (cenário “baixo”) e 24,7 milhões (cenário “alto”) de um nível base de 188 milhões em 2019. O cenário “médio” sugere um

<sup>7</sup> A Quarta Revolução Industrial, conhecida como Indústria 4.0, é um conceito que dá nome a um processo de integração entre tecnologias digitais, físicas e biológicas nos processos produtivos e de negócios. O termo foi cunhado pelo engenheiro e economista alemão Klaus Schwab em seu livro: A Quarta Revolução Industrial.

<sup>8</sup> Em um ano, mais de 8 milhões de brasileiros perderam seus empregos | Economia | EL PAÍS Brasil (elpais.com)

<sup>9</sup> <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/bolsonaro-corta-orcamento-do-minha-casa-bolsa-familia-e-fies-em-2020/>

aumento de 13 milhões (7,4 milhões em alta renda países). Embora essas estimativas permaneçam altamente incertas, todos os números indicam um aumento do desemprego global. Para efeito de comparação, a crise financeira global de 2008-9 aumentou o desemprego em 22 milhões (ILO, 2020, p.2-3.).

O impacto é mais severo para os trabalhadores desprotegidos e para os grupos mais vulneráveis e que estão na economia informal. Ou seja, além da crise sanitária, uma das consequências da pandemia foi o aumento do desemprego, com a consequente elevação da informalização do trabalho, dos terceirizados, dos subcontratados, dos flexibilizados, dos trabalhadores em tempo parcial e do subproletariado.

Um cenário desafiador, com o que Antunes (2009) trata como consequências da informalização do trabalho. O autor argumenta que a informalização do trabalho é uma das principais características do capitalismo contemporâneo e que tem se intensificado nas últimas décadas, sendo uma forma de precarização do trabalho que gera a perda de direitos trabalhistas e redução da qualidade de vida dos trabalhadores. Estar fora do mercado é um ponto crucial para a qualidade de vida do trabalhador, o afastamento reduz a percepção quanto aos aspectos de capacidade emocional, físico, saúde mental e estado geral de saúde.

O trabalho é dado como essencial, uma atividade que traz dignidade ao homem, a sua vida em aspectos individuais e sociais, mediando essa inclusão na comunidade, no ambiente social, gerando um papel central na definição da identidade do indivíduo. Nesse contexto, para Dutra (2016) a permanência e manutenção no trabalho gera qualidade de vida, com necessidade de políticas econômicas e sociais incentivadoras do emprego que combatam os efeitos negativos da exclusão do mercado de trabalho. Ramos et al (2008) avalia que afastamento do trabalho por adoecimento é um processo de ruptura continuidade nos modos de viver

“O afastamento do trabalho fratura uma relação construída, na qual o trabalhador atende o chamamento das demandas do trabalho, sente-se satisfeito por poder atendê-las, espera o reconhecimento do outro e, a partir dele, investe novamente.” (RAMOS et AL, 2008, p.11).

Nessa análise, o autor tomou por base a noção de acontecimentos-ruptura, citando Carretero, para quem “o acontecimento que causa impacto na existência traz em si uma potência disruptiva” (CARRETEIRO, 2003, p. 268 apud RAMOS et AL, 2008, p. 3).

Ao ser afastado do emprego, o trabalhador rompe com os vínculos de emprego, salário e ainda com as relações sociais mantidas naquele ambiente. Ao ser afastado se rompe uma cadeia produtiva, perde-se um lugar conquistado no processo de trabalho enquanto um ser trabalhador.

A ruptura traz uma ameaça não só em relação ao poder aquisitivo, mas também às relações sociais, ao convívio em família e com colegas (RAMOS et AL, 2008). A pandemia revelou um processo de ruptura entre aqueles que podem e os que não podem trabalhar. Gariau (2021) avalia esses efeitos, notadamente os impactos do teletrabalho na saúde física e mental do trabalhador durante a crise sanitária.

Recuperando o conceito de teletrabalho, já exposto aqui por Lima (2018), ao afirmar que termo foi cunhado na década de 1970, pelo engenheiro elétrico Jack Nilles, descrevendo como o trabalho que é realizado fora do escritório tradicional, usando tecnologia de comunicação para conectar o trabalhador à empresa, é a forma de enviar o trabalho ao trabalhador em lugar de enviar o trabalhador ao trabalho.

No Brasil, foi a reforma trabalhista de 2017 que legitimou o teletrabalho com a regulamentação do trabalho intermitente, permitindo que a empresa contrate um funcionário para trabalhar eventualmente sendo remunerado apenas por esse período. Na legislação, teletrabalho é assim definido:

Prestação de serviços preponderantemente fora das dependências do empregador, com utilização de tecnologias de informação e comunicação que, por sua natureza, não se constituam como trabalho externo (BRASIL, 2017, s.p).

O termo inglês *home office* tem sido generalizado para descrever esse tipo de trabalho, mas Antunes (2015) destaca que o *home office* é uma evolução do teletrabalho, como uma nova e intensificada fase do processo de trabalho, onde essa transição não foi um processo uniforme e nem sempre ocorreu de forma planejada. Podemos tratar assim como o ocorrido na pandemia, um processo feito às pressas e sem planejamento, trabalhadores foram enviados para casa e submetidos a um novo modelo de trabalho. Com o aumento do desemprego e a diminuição da oferta de empregos, muitas pessoas tiveram que trabalhar mais horas para manter seus empregos. Além disso, muitas empresas tiveram que reduzir o número de funcionários e aumentar a carga de trabalho.

A dinâmica profissional mudou. Um estudo da ADP *Research* entrevistou quarenta e três mil trabalhadores em todo mundo e apontou que antes da pandemia, os brasileiros responderam que trabalhavam, uma média de 4,3 horas sem remuneração por semana. Correspondendo ao período que ficavam a mais no emprego sem receber pelo serviço. Após o começo da pandemia, a quantidade de horas extras não pagas subiu para 5,3 por semana.

E ainda indicou, pelas respostas, que em todas as regiões do mundo analisadas houve aumento da carga de trabalho após a crise sanitária, sendo a América do Norte o continente

onde o crescimento foi mais acentuado, passando de 4,1 para 7,1 horas (Correio Braziliense, 2020, s.p.).

O estresse e a intensificação do trabalho se acentuaram com o isolamento, provocando a perda de identidade e a solidão, considerados indicadores de risco de deterioração da saúde mental. Tomando-se como operador analítico os processos de ruptura e continuidade para entender esses efeitos, a autora adota o conceito de desmaterialização - entendido como o desaparecimento do suporte, como o modo de organização do trabalho que serviu de suporte nesse processo. Assim, deu-se a ruptura primeiramente pela desmaterialização das relações humanas e de trabalho, onde as relações foram rompidas, e a proximidade, o convívio social, familiar, laboral foi substituído pela tecnologia por meio de softwares. Continuidade para o teletrabalho quanto ao fato de que ele já existia antes da pandemia, o novo foi o uso em escala global (GARIAU, 2021).

A pandemia do covid-19 trouxe muitas mudanças para o mundo do trabalho. Com o aumento do desemprego e a diminuição da oferta de empregos, muitas pessoas tiveram que trabalhar mais horas para manter seus empregos. Além disso, muitas empresas tiveram que reduzir o número de funcionários e aumentar a carga de trabalho.

No telejornal em análise, Bom Dia Sergipe, que mais à frente iremos avaliar com profundidade, isso ocorreu, por exemplo, através da redução da equipe, houve pessoas que foram colocadas em *home office*, outras tiveram a suspensão do trabalho, outras a redução da remuneração salarial. Do ponto de vista de Gariau (2021) são elementos que formam uma ruptura.

Podemos falar em potencialização e continuidade, quando avaliamos o uso da tecnologia como ferramenta de suporte nas rotinas produtivas. Continuidade porque antes da pandemia era um suporte amplamente utilizado, como o uso do *WhatsApp*, como porta para a interatividade com a audiência nos quadros do telejornal. Potencialização se deu com as entrevistas via internet por meio do Skype, antes era raro ou até inexistente, mas se tornou uma ferramenta fundamental para tratar dos assuntos do dia.

Outro aspecto atrelado à tecnologia e que marca uma ruptura na rotina produtiva, dá-se na inserção de vídeos enviados pelo telespectador, sem o mínimo de qualidade, descumprindo o “padrão Globo de qualidade” que ainda assim foram amplamente exibidos, como único meio de registrar situações, por exemplo, dentro de unidades de saúde, ou relatos de pacientes doentes, internados. Esse movimento provocou uma ruptura quanto à questão da qualidade desse material exibido. Até então, primava-se por um mínimo de padrão na exibição de áudio e vídeo, preservando aspectos formais estéticos, que foram sendo flexibilizados, marcando

marcando assim uma quebra. Uma ruptura pode abrir espaço para a potencialização de novas formas ou possibilidades. A potencialização refere-se ao aumento ou amplificação de recursos, oportunidades ou recursos (PALACIOS, 1999).

É um processo pelo qual algo existente é fortalecido, aprimorado ou expandido. Pode ocorrer por meio da combinação de diferentes elementos, da descoberta de novas habilidades ou conhecimentos, do acesso a recursos adicionais ou do aproveitamento de oportunidades conquistadas. Ela está relacionada ao desenvolvimento de potencialidades latentes ou à maximização do uso de recursos disponíveis.

Mielniczuk (2004) defende a ideia que o limite entre potencialidade e ruptura é muito tênue, particularmente, especialmente no caso da Web. Para a autora, o jornalismo deve estar concatenado com áreas como a semiótica e artes a fim de compreender os processos, sejam de ruptura ou potencializações. Com base no modelo interpretativo de análise que tomamos elaboramos a seguinte sistematização :

**Quadro 1** – Sistematização das Mudanças

<b>RUPTURA</b>	<b>CONTINUIDADE</b>	<b>POTENCIALIZAÇÃO</b>
<i>Home office</i> - surge como forma de cumprir o isolamento social e manter a redação trabalhando;	Equipes de reportagem nas ruas, fazendo ao vivo, ainda que com limitações e restrições;	Novos quadros- surgem como forma de contribuir com o conteúdo, trazer variedade temática e atenção da audiência;
Suspensão do estúdio- em seu lugar é usada ferramenta <i>Skype</i> , que aqui pode ocupar também o lugar de potencialização;	Linha editorial do telejornal em mostrar o que vai ser notícia naquele dia e repercutir as principais notícias do dia seguinte;	<i>Skype</i> - surge como alternativa <i>ao estúdio</i> , que passa a trazer assuntos relevantes onde a equipe não possa estar e o ineditismo de entrevistados de outros estados e até países, sendo entrevistados ao vivo
Uso de máscara pelo repórter e do segundo microfone pelo entrevistado;	O contato com a audiência pela emissora de Tv, a qual sempre manteve um canal aberto de interação com seus públicos	Uso das tecnologias de comunicação instantânea disponíveis como o <i>WhatsApp</i> que estreitou e aumentou a relação com a audiência;

**Fonte:** elaboração própria

Em 2020 a tendência de uso de material enviado pelo público para suprir a ausência de material gravado pelas equipes de reportagem foi potencializada, com volume de material exibido cada vez maior à medida que o contágio da doença aumentava e as regras sanitárias ficavam mais rígidas. Elementos que até então manifestavam-se de forma subsidiária na edição dos telejornais.

A continuidade pode ser observada tanto em contextos individuais como em processos

coletivos. Ela pode estar relacionada à preservação de tradições, valores, normas ou instituições, bem como à continuidade de práticas ou comportamentos individuais

Ao estudar esses conceitos, Palacios busca compreender como os indivíduos e a sociedade lidam com a mudança, como aproveitam as oportunidades de rupturas, como preservar elementos e como potencializar seus recursos. Essa abordagem permite uma compreensão mais abrangente e integrada dos processos de mudança e transformação em diferentes contextos.

Existe uma situação de continuidade em relação ao formato pré-pandemia, pois, o conteúdo jornalístico a ser explorado é o mesmo, tomemos como exemplo a entrevista na reportagem - a função na reportagem ainda existe e é da mesma forma. A ruptura, por outro lado, estaria na quebra de um certo padrão, a da entrevista de rua a ser conduzida pelo repórter que passa a ser dividida com o entrevistado. Em outro caso, o Skype, com as constantes oscilações de sinal, não permite que o apresentador estando no estúdio, faça interrupções na fala do entrevistado, no entanto, a ferramenta permite, por exemplo, que uma pessoa em outro país seja entrevistada ao vivo, proporcionando um grau elevado da potencialização de seu uso, criando possibilidades.

Outras rupturas podem ter ocorrido, assim como potencialidades e continuidades, e onde isso tudo impacta na rotina produtiva é o que moveu esta pesquisa, sabemos ser um percurso complexo que possivelmente só poderemos alcançar após o fim da pandemia.

## **4.2 Procedimentos Metodológicos**

### **4.2.1 Estudo de caso**

Para Yin, “Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos da vida real” (2010, p.19).

Esse modelo representa a estratégia adequada quando buscamos respostas para “quando” e “por que”, há pouco controle sobre os eventos analisados e se trata de fenômenos contemporâneos de um contexto real, como a pandemia. Gil (2002) acrescenta que o estudo de caso avalia profundamente o objeto e o detalha em conhecimento. Assim, há o encaixe do estudo de caso, com o nosso objetivo de alcançar a compreensão total do fenômeno estudado e imprimir um enunciado teórico geral sobre o alcance deste fenômeno.

Entendemos por estudo de caso a metodologia de pesquisa que “explora em profundidade um programa, um fato, uma atividade, um processo ou uma ou mais pessoas” (CRESWELL, 2007, p. 32). Segundo Duarte, o estudo de caso “deve ter preferência quando se pretende examinar eventos contemporâneos” (DUARTE, 2010), p. 217). Nesse mesmo raciocínio, Yin (2010) alega que as transformações das coberturas jornalísticas na pandemia se enquadram em evento atual e o método pode trazer uma descrição sobre essas mudanças.

A metodologia do estudo de caso se apoia na necessidade de compreensão de uma realidade complexa. Para Yin (2010, p. 12), “o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real”.

Embora os estudos de casos e as pesquisas históricas possam se sobrepor, o poder diferenciador do estudo é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências — documentos, artefatos, entrevistas e observações — além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional. Além disso, em algumas situações, como na observação participante, pode ocorrer manipulação informal.

De acordo com a metodologia, o primeiro passo é a própria definição do “caso”, também chamado pelo autor de unidade de análise.

O autor exemplifica com estudos na área de Saúde, onde cada paciente é um “caso” ou uma “unidade de análise”. Se a análise a ser realizada é com um paciente, teremos então um “estudo de caso simples”, para além disso, dois ou mais pacientes, caracterizaria um estudo de casos múltiplos. Transpondo essa lógica para nossa pesquisa, como o caso a ser explorado refere-se, como já mencionado, a rotina produtiva dos jornalistas ligados ao telejornal *Bom Dia Sergipe* da *Tv Sergipe*, temos pela frente um estudo de caso simples.

Apoiando-nos nas reflexões de Yin (2010, p.32) “o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Ressaltamos que essa metodologia, como “explicação”, surge como proposta para possibilitar a compreensão do que foi submetido à análise, obtendo novas interpretações, instrumentalizando novos pensamentos e reflexão.

#### 4.2.2 Recorte do objeto – *Bom Dia Sergipe*

A *Tv Globo* exibe grandes telejornais nos três turnos: *Bom Dia Brasil*, *Jornal Hoje* e

*Jornal Nacional*. As afiliadas exibem versões regionais, adaptadas às particularidades de seus estados. Pesquisamos aqui, o *Bom Dia Sergipe*, que tem a versão local, seguindo um formato próximo ao *Bom Dia Brasil*. Por ser o maior jornal da emissora em tempo de duração e por apresentar diariamente quadros ao vivo, gravados, reportagens, entrevistas de estúdio e de externa, traz maiores possibilidades de categorias de análises.

O telejornal matinal é exibido das 06:00 às 08:30, de segunda à sexta-feira e tem como marca trazer as primeiras notícias do dia sobre polícia, tempo, política, trânsito, economia e esporte, antecipando ainda os fatos que vão estar em destaque ao longo do dia.

O telejornal está no ar desde 1983, quando começou com 20 minutos na grade da Tv Globo, hoje o telejornal tem 02h30 de duração, tendo aumentado em mais meia hora de duração no mês de março de 2020, durante a pandemia. O noticiário segue o padrão da Globo em termos de linguagem, de visual, de arte, de videografismo, porém com foco na realidade local e ao longo de sua existência foi sofrendo mudanças, na pandemia não foi diferente.

A afiliada, até o momento presente, conta apenas com a matriz na capital do estado, não tem sucursais que equivalem a filiais, redações ou escritórios correspondentes em outros municípios. Segundo a última pesquisa divulgada pela emissora, com dados do Ibope Kantar Media, divulgado no segundo semestre de 2021 na Grande Aracaju, entre telejornais e programas de entretenimento, o telejornal atingiu 60% dos telespectadores ligados, contra 13% do concorrente da emissora B, resultado divulgado no *Instagram* da emissora.

O jornal conta desde 2019 com uma editora-chefe, uma apresentadora, uma comentarista do tempo/mobilidade urbana e um comentarista de esporte que dividem a apresentação do noticiário. Somem-se a isso as duas equipes de reportagens, que cobrem ao vivo os assuntos do factual das primeiras horas da manhã em entradas externas e uma repórter que participa remotamente de casa, com entradas ao vivo. Ainda conta com um repórter para um boletim de notícias, gravado pela equipe do *GI Sergipe*, trazendo notícias de destaque do portal de notícias que é ligado a emissora. A equipe é formada ainda por 03 editores de texto, 05 editores de imagens e dois produtores. Perfazendo um total de quinze profissionais. Durante a pandemia, essa equipe sofreu alterações, em virtude do afastamento dos profissionais. Precisou haver um revezamento entre os profissionais das equipes de todos os telejornais da emissora para poder exibir a programação.

Houve um esforço maior, e em alguns casos acúmulo das funções. Hoje o telejornal tem cinco blocos, não há um padrão fixo de duração de cada bloco, mas giram em torno de 20 minutos e uma média de 09 e 12 reportagens, sendo a maioria formada por material exibido na noite anterior que é reeditada para o dia seguinte.

O jornal conta com entrevista de estúdio que dura em média 10 a 12 minutos, abordando temas diversos, podendo ir desde um assunto de saúde a um tema policial, político ou econômico. Na quarta-feira, há uma entrevista fixa, exibida no quadro “ideias e negócios”, comentando por um especialista fixo, que trata sobre economia criativa, empreendedorismo e temas voltados para o grande e pequeno empresário.

Quanto às entradas ao vivo, a cada bloco são pelo menos 04 entradas, cada uma com duração média de cinco minutos. O telejornal tem ainda comentaristas - um para o tempo e mobilidade e outro para o esporte, há uma espécie de Co- apresentação apesar de serem comentaristas, eles dominam a apresentação do telejornal repassando as informações de seu tema, além de comentar, chamam reportagens, interagem com telões, com a apresentadora e inclusive chamam entradas de repórteres ao vivo.

O comentarista do tempo tem duas entradas perfazendo 20 minutos, já a comentarista do tempo/mobilidade varia em torno de 30 minutos divididos em três entradas. Importante ressaltar que como se trata de um telejornal de duas horas e meia, não há um formato padrão pré-definido para todos os dias, ele vai se formando ao longo do dia e especialmente ao longo da manhã, já que a duração possibilita que as equipes sejam deslocadas geograficamente para cobrir os mais diversos assuntos factuais. Cada equipe de reportagem tem seu equipamento para entrada ao vivo. Para alcançar nosso objetivo, as entrevistas foram fundamentais na validade ou não de nossas teses de argumentação .A pesquisa foi dividida em quatro etapas, para avaliarmos as rotinas produtivas em cada uma delas. Assim temos:

**Quadro 2** – Período de coleta de dados no Bom Dia Sergipe

<b>Fase da pesquisa</b>	<b>Período temporal</b>
1ª etapa	junho-julho /2019
2ª etapa	junho-julho/2020
3ª etapa	junho-julho/2021
4ª etapa	junho-julho/2022

**Fonte:** elaboração própria

Esta estratégia proporciona que a amostragem seja equitativa e ampla, diminuindo as possibilidades de distorções. A preferência por tais meses como referência para a observação se deve ao maior número de caso da covid-19, tendo sido o mês de junho de 2020, o pico da pandemia. Em cada recorte serão analisadas todas as edições do telejornal.

Assim na primeira etapa serão 43 edições (20 de junho e 23 de julho de 2019), na segunda, 45 (22 de junho e 23 de julho de 2020), na terceira, 44 edições (22 para cada mês de 2021) e na quarta e última etapa, 44 edições (22 de junho e 22 de julho de 2022). Perfazendo assim um total de 176 (cento e setenta e seis edições) que representam cada fase da pandemia, sendo a anterior a fase antes da pandemia. A segunda fase nos mostrará como se deram as rotinas produtivas no auge da contaminação e das regras sanitárias. A terceira fase é representativa porque marca uma etapa com os efeitos da vacinação contra a covid-19 no estado<sup>10</sup>, uma etapa que serve para entender seus efeitos nas rotinas da redação. Por fim a última etapa que abarca um cenário onde a vacinação já atingia a aplicação da dose de reforço na maior parte da população <sup>11</sup>e com o registro de casos da doença e internação já arrefecidos.

Importantes ressaltar que não adotamos a análise de conteúdo como método nas produções, mas elas foram consultadas à medida em que precisamos de casos ilustrativos que demonstrassem os procedimentos das equipes de produção, reportagem e edição durante o período pesquisado, tendo em vista que uma das hipóteses se refere a formato. Trazendo assim a observação, elementos necessários para a constatação da validação ou não da hipótese. Avaliamos que a dissertação traz a atualidade como um aspecto de relevância e com força para objeto de pesquisa.

#### 4.2.3 Pesquisas bibliográfica e documental

Appolinário (2012) explica que toda pesquisa tem uma fase documental e que quando o que se é pesquisado refere-se a um documento, livros, revistas, filmes, áudios, prontuários, fotografias, mapas etc., esse tipo de estudo é classificado como pesquisa documental. Ainda, quando o pesquisador descreve o que outros autores publicaram em relação ao tema, em livros ou revistas, por exemplo, isso não torna a pesquisa, necessariamente, um trabalho documental,

---

<sup>10</sup>Vacinação contra Covid-19 começa oficialmente em Sergipe.<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2021/01/19/vacinacao-contracovid-19-comeca-oficialmente-em-sergipe.ghtml>

<sup>11</sup> Covid-19: Aracaju vai iniciar vacinação da dose de reforço para adolescentes nesta segunda <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/05/28/covid-19-aracaju-vai-iniciar-vacinacao-da-dose-de-reforco-para-adolescentes-nesta-segunda.ghtml>

uma vez que, a pesquisa documental não se restringe às revisões bibliográficas. Para Silva e Menezes (2005) a pesquisa documental e a bibliográfica são próximas, isso porque ambas possuem como objeto de estudo o documento. A diferença consiste na essência desses documentos, enquanto a pesquisa documental se baseia em material sem tratamento analítico, a bibliográfica se vale a chancela de diversos atores sobre determinado assunto e tem como premissa de estudo e base material, livros e artigos científicos (GIL, 2002).

Na bibliográfica os documentos são de domínio científico, as contribuições para a pesquisa advêm de diferentes autores, de fontes consideradas secundárias. Silva (2005) entende a pesquisa documental como um procedimento com métodos e técnicas para apreender, compreender e analisar os mais diversos tipos de documentos escritos – ou não escritos, dizem que:

Quando um pesquisador utiliza documentos objetivando extrair dele informações, ele o faz investigando, examinando, usando técnicas apropriadas para seu manuseio e análise; segue etapas e procedimentos; organiza informações a serem categorizadas e posteriormente analisadas; por fim, elabora sínteses, [...], na realidade, as ações dos investigadores – cujos objetos são documentos – estão impregnadas de aspectos metodológicos, técnicos e analíticos (Silva e Menezes, 2005, p. 4).

Os pesquisadores descrevem os termos pesquisa, método, técnica e análise documental quando usam documentos na investigação, de acordo com Silva e Menezes (2005). Para a pesquisa documental, serão fontes desta pesquisa, além de livros que tratem do assunto e correlacionam com o referencial teórico, periódicos da área de comunicação e de grupos de comunicação, artigos publicados em congressos, encontros e jornadas da área, assim como anais de eventos profissionais. Também foram utilizados artigos e reportagens jornalísticas sobre a pandemia.

Assim, é que tanto a pesquisa bibliográfica, quanto a documental, tornam-se ferramentas adequadas neste percurso metodológico, seja na busca do tema em autores já consagrados ou mesmo em banco de repositórios de universidades ou textos gerais de internet.

#### 4.2.4 A entrevista como técnica de pesquisa

Considerando o objetivo desta pesquisa, optamos pela entrevista semiestruturada. Consideramos ainda, para esta escolha o tempo hábil e o custo com material, avaliando que a maior da entrevista semiestruturada é produzir uma melhor amostra da população objeto de

interesse. O que não ocorre, por exemplo, com questionários enviados por *e-mail* ou via formulário eletrônico, que podem apresentar um baixo índice de devolução. Podemos ainda contar com a possibilidade de correção de enganos dos entrevistados, o que não acontece no caso dos questionários escritos (BONI E QUARESMA, 2005).

De acordo com Manzini (2003), na entrevista semiestruturada o pesquisador pode traduzir suas dúvidas e angústias em questões, pois possui um roteiro de perguntas estabelecido que faz referência aos interesses da pesquisa. Para Boni e Quaresma (2005) sua principal vantagem é combinar perguntas abertas e fechadas, a partir das quais, dando margem a perceber um determinado assunto que necessita de maior explicação. Quanto à entrevista, ela foi realizada no local de trabalho do entrevistado com o objetivo de trazer o ambiente como parte da pesquisa, utilizamos o recurso do gravador para o registro.

O roteiro de entrevista foi elaborado considerando a função e cargo do entrevistado, visto que muitas vezes em um só cargo, o jornalista pode desempenhar mais de uma função dentro da redação. Após cada entrevista, foram feitos os resumos das observações percebidas para não perdermos as impressões, assim questões que não foram esclarecidas com as respostas. As transcrições foram feitas pelo entrevistador e mantidos os vícios de linguagem, repetições e erros de linguagem e gramática. Foram retiradas as respostas obtidas por meio de perguntas tendenciosas, conforme leciona Duarte

Entrevistas podem e devem ser editadas. Exceto quando se pretende fazer análise de discurso, frases excessivamente coloquiais, interjeições, repetições, falas incompletas, vícios de linguagem, cacoetes, erros gramaticais etc. devem ser corrigidos na transcrição editada. É importante, porém, manter uma versão original e uma versão editada de todas as transcrições (DUARTE, 2004, p. 221).

No sentido de observar a rotina produtiva do telejornal por meio das falas dos participantes, entendemos ser essencial essas informações originais com o pesquisador. As respostas foram comparadas com as obtidas por outros métodos de coleta de dados (observação pessoal, análise dos telejornais, reportagens sobre o tema), para alcançar uma maior compreensão.

Tomando por base o termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelos entrevistados, não anexaremos a dissertação a transcrição das entrevistas, buscando manter o anonimato. Apenas a diretora de jornalismo será identificada, diante de sua posição e cargo possuir características determinantes para o trabalho para todo o grupo.

Foram realizadas 07(sete) entrevistas, sendo uma com a diretora de jornalismo, uma com editora-chefe, uma com a apresentadora, uma com uma editores-assistentes/comentarista ,

dois repórteres e uma com produtor.

**Quadro 3** – Funções desenvolvidas

<b>CARGO ATUAL</b>	<b>ATIVIDADE QUE DESENVOLVE</b>
Diretora de jornalismo	Gestão da equipe, definição da linha editorial, contratação de pessoal, desenvolvimento de projetos.
Editora-chefe	Coordenação e fechamento da apresentação do telejornal.
Editor-assistente	Revisão e preparação de textos e notas, finalização de reportagens, elaboração de notas cobertas (reportagem sem a participação do repórter lida pelo apresentador do telejornal).
Comentarista	acompanha o apresentador com opiniões mais técnicas e análises aprofundadas.
Produtor	Planejar e controlar produção de reportagens, marcação de entrevistas ao vivo.
Repórter	Produção de reportagem e entradas ao vivo.

**Fonte:** elaboração própria

### 4.3 Hipóteses e as categorias de análise

A hipótese é de que nos anos de emergência de saúde pública da pandemia, compreendido de 2020 até o começo de 2023, as rotinas produtivas se reconfiguraram, em alternância de modelos híbridos na redação do telejornal em análise. O fazer jornalístico foi realizado por profissionais que precisaram se mostrar polivalentes distribuídos em meio presencial e não presencial, flexibilizando uma produção convergente com maior participação da audiência. Um enfoque abordado, como já falamos, pelo modelo de integração horizontal apontado por alguns autores, tais como Filho (2016), Bucci (2014), Jenkins (2013).

A adoção de rotinas produtivas adequadas ao fazer jornalismo em pela crise sanitária pandêmica é marcada porque não dizer por “experimentos”, em busca de alternativas, recontando assim parte da história das transformações no telejornalismo brasileiro, em que as alterações são aparentemente sutis, mas que marcam e fazem história, num momento que pode ser até inaugural. Neste sentido, estabeleceu-se essa pesquisa com o intuito de identificar e compreender a produção de notícias do jornalismo de Tv e rotinas produtivas em duas hipóteses norteadoras da pesquisa.

**Quadro 4** – Relação entre hipóteses, categorias e índices variáveis

HIPÓTESES	CATEGORIAS	
<p>A pandemia gerou uma alteração nas rotinas de produção com a divisão entre o trabalho de rua e o da casa da equipe, a intensificação do ritmo e volume de trabalho e flexibilização de jornada.</p>	<p>1) Rotinas de trabalho - a sequência organizada e repetida da mesma maneira das atividades realizadas pelos profissionais em sua jornada de trabalho.</p> <p>2) Jornadas de trabalho - o tempo que o profissional está à disposição da empresa, seja produzindo ou aguardando ordens.</p> <p>3) Reportagem de rua - execução da reportagem em ambiente externo ao da redação.</p> <p>4) <i>Home office</i> – execução do trabalho, seja de reportagem, produção ou edição, fora do ambiente da empresa de comunicação, e normalmente se dá na casa do jornalista;</p>	<p>Para analisar essa hipótese, os dados foram colhidos com base nos seguintes índices: aumento de jornada de trabalho; excesso de jornada extra; impactos financeiros causados por redução salarial; possíveis distúrbios mentais; Exposição à riscos externos.</p>
<p>Os processos de convergência jornalística com base na tecnologia influenciaram significativamente as rotinas produtivas do telejornal durante a pandemia.</p>	<p>1) Tecnologias de conexão/transmissão - são os <i>softwares</i>, redes e equipamentos que viabilizam a conexão entre a equipe e entrevistados e como o público nas rotinas produtivas tanto na externa quanto na redação do telejornal;</p> <p>2) Tecnologias de equipamentos - são os equipamentos utilizados pelas equipes de reportagem no trabalho de gravação em externa e equipe de edição no trabalho de finalização da reportagem;</p> <p>3) Tecnologias de interação – aplicativos ou ferramentas utilizadas pelo telejornal para aproximar a audiência das</p>	<p>Para analisar essa hipótese, os dados foram colhidos com base na integração multiplataforma como modelo de negócio; alcance da redução de custos para uso da tecnologia; a forma de custeio dessas tecnologias para o jornalista foi do profissional ou veio da empresa; percepção da qualidade do produto com uso da tecnologia; oferta da tecnologia pela empresa;</p>

	edições jornalísticas, como o Vc na Tv SE <sup>12</sup> ; 4) Novas ferramentas jornalísticas - categoria para avaliar a implementação de novas ferramentas tecnológicas para aproximar a audiência durante a pandemia .	
--	--	--

**Fonte:** elaboração própria.

Hipótese 1 – A pandemia gerou uma alteração nas rotinas de produção com a divisão entre o trabalho de rua e o da casa da equipe, a intensificação do ritmo e volume de trabalho e flexibilização de jornada.

Categorias de análise desta hipótese:

- a) Rotinas de trabalho - a sequência organizada e repetida da mesma maneira das atividades realizadas pelos profissionais em sua jornada de trabalho;
- b) Jornadas de trabalho - o tempo que o profissional está à disposição da empresa, seja produzindo ou aguardando ordens;
- c) Reportagem de rua - execução da reportagem em ambiente externo ao da redação;
- d) *Home office* – execução do trabalho, seja de reportagem, produção ou edição, fora do ambiente da empresa de comunicação, e normalmente se dá na casa do jornalista;

**ÍNDICES:** Para analisar essa hipótese, os dados foram colhidos com base nos seguintes índices: aumento de jornada de trabalho; excesso de jornada extra; impactos financeiros causados por redução salarial; possíveis distúrbios mentais; exposição à riscos externos.

Hipótese 2 : Os processos de convergência jornalística com base na tecnologia influenciaram significativamente as rotinas produtivas do telejornal durante a pandemia.

Categorias de análise desta hipótese:

- a) Tecnologias de conexão/transmissão- são os softwares, redes e equipamentos que viabilizam a conexão entre a equipe e entrevistados e como o público nas rotinas produtivas tanto na externa quanto na redação do telejornal;
- b) Tecnologias de equipamentos -são os equipamentos utilizados pelas equipes de reportagem no trabalho de gravação em externa e equipe de edição no trabalho de finalização da reportagem;

<sup>12</sup><http://redeglobo.globo.com/se/tvsergipe/noticia/2016/03/nova-versao-do-aplicativo-voce-na-tv-sergipe-ja-esta-disponivel.html>

c) Tecnologias de interação –aplicativos ou ferramentas utilizadas pelo telejornal para aproximar a audiência das edições jornalísticas, como o Vc na Tv SE ;

d) Novas ferramentas jornalísticas- categoria para avaliar a implementação de novas ferramentas tecnológicas para aproximar a audiência durante a pandemia .

ÍNDICES: Para analisar essa hipótese, os dados foram colhidos com base na integração multiplataforma como modelo de negócio; alcance da redução de custos para uso da tecnologia; a forma de custeio dessas tecnologias para o jornalista foi do profissional ou veio da empresa; percepção da qualidade do produto com uso da tecnologia; oferta da tecnologia pela empresa;

## 5 A TV SERGIPE COMO ESTUDO DE CASO

### 5.1 Cenário contemporâneo da Tv aberta em Sergipe

A Tv aberta no Estado começou a ser transmitida na segunda metade da década de 1960, com a instalação no Morro do Urubu, na Zona Norte da Capital do estado, A antena repetidora foi montada repetindo o sinal que chegava da *Tv Jornal do Comércio*, de Recife, em Pernambuco. Apesar de ser um sinal sem qualidade foi suficiente para seduzir os poucos abastados que possuíam um aparelho de Tv. Segundo Mota e Bolaño (2013, s.p), Irineu Fontes, um representante comercial da empresa *Empire de Rádio e Radiolas* no Estado, articulou com Godofredo Diniz, prefeito de Aracaju, a compra e instalação da primeira antena de transmissão no estado. A prefeitura também assumiu as dívidas antigas e futuras, como forma de incentivar o negócio e iniciar a distribuição do serviço. Os aracajuanos recebiam assim, pelo sinal da antena, programas da *Tv Jornal do Comércio*, de Recife (PE) e da *Tv Itapoã Canal 5*, de Salvador (BA).

É importante dizer que ao dar as condições básicas para a instalação da Tv, o governo da época fomentava em Sergipe a formação de um mercado consumidor que tentou, de alguma maneira, reproduzir o modelo nacional, o que chamou a atenção dos empresários e empreendeu uma nova dinâmica para o mercado local. (MOTA e BOLAÑO, 2013)

Posteriormente, com a liderança do radialista e publicitário Nairsom Menezes, com experiência acumulada na *Tv Excelsior/SP*, um grupo de nove empresários protagonizou a instalação da primeira emissora de televisão local.

O capital necessário, NCr\$ 160.000,00 [cento e sessenta mil Cruzeiros Novos], foi dividido em 10 cotas. Nove foram adquiridas pelos empresários fundadores, e a décima foi dividida em 900 ações ordinárias e vendidas a quem se interessasse. Nascia a primeira emissora de *Tv do Brasil* com participação popular (RODRIGUES, 2017, p. 198 *apud* ROCHA (2019, p.17). Foi criada uma associação anônima, na qual dez por cento das ações foram leiloadas ao público e 90% das ações pertenciam ao grupo de empresários idealizadores que criaram a emissora *Rádio e Televisão de Sergipe*, a *Tv Sergipe Canal 4*. Rocha (2019) reforça que a primeira transmissão da emissora ocorreu em 1967 e que um ano depois ela recebeu permissão para funcionar por três meses: “outras permissões foram concedidas 1969 e 1970, e assim os sergipanos assim os sergipanos puderam assistir à chegada do homem lua e a Copa do Mundo

do México, respectivamente” (ROCHA, 2019). Em 1971, a emissora recebeu a permissão definitiva para funcionamento, tendo sido afiliada da *Tv Tupi* até 1973, para após se tornar afiliada à *Tv GLOBO*.

## 5.2 Perfil empresarial e editorial da Tv Sergipe

De todos os televisores ligados no estado, 49% estão sintonizados na Tv Sergipe, segundo a última pesquisa divulgada pela emissora em agosto de 2021., enquanto A emissora B contou com 13%, contra a terceira colocada, com 12%. A Tv Sergipe é líder em audiência em todos os horários, conforme pesquisa (Tv SERGIPE, 2021, s.p).

A emissora é uma empresa do Grupo Sergipe, das acionistas Carolina Franco e Lourdes Maria Franco, mãe e filha, respectivamente. O Grupo hoje é formado ainda pela FM Sergipe, Portal G1 de Notícias e pela Seven Oficina Criativa. Em novembro de 2021, ao completar 50 anos, a emissora possuía cerca de 200 funcionários com um faturamento em comercial local de cerca de um milhão de reais/mês.

A grade da emissora hoje é composta por programas jornalísticos, de esporte, rural e de entretenimento, conforme tabela abaixo.

**Tabela 1 – Programação local da Tv Sergipe em outubro de 2022**

JORNALÍSTICO	PROGRAMA	EXIBIÇÃO	DURAÇÃO
JORNALÍSTICO	Bom Dia Sergipe	De segunda a sexta	02h30
JORNALÍSTICO	Se 1	De segunda a sábado	01h05min
JORNALÍSTICO	Se2	De segunda a sexta	30 min
JORNALÍSTICO	Bom Dia Sábado	Sábado	24 min
RURAL	Estação Agrícola	Domingo	24 min
ESPORTE	Globo Esporte	De segunda a sábado	25 min
ENTRETENIMENTO	Giro Sergipe	Sábado	30 min
ENTRETENIMENTO	Combinado	Sábado	30 min

**Fonte:** Elaboração própria conforme observação na semana de 02/10/2022 a 08/10/2022

Essa programação coloca a emissora na liderança do mercado no estado. Para alcançar esse nível de liderança e se manter, a emissora tende a conduzir as atividades da empresa jornalística num cenário de proximidade ao público. Essa proximidade confere mais consistência aos valores da organização, citados anteriormente, e, com o avanço da tecnologia e da comunicação, o público pode estar conectado à emissora por diferentes canais. . Mais recentemente, o usuário tem a chance de se manifestar por um aplicativo em 2014 para o

o jornalismo e entretenimento da emissora, o *Vc na Tv Sergipe*, que funciona recebendo pelas duas plataformas fotos, vídeos, textos<sup>13</sup> ou pelo *WhatsApp*.

A partir dessa situação se constrói o que Gomes (2007) atribui à identidade do sujeito. Conforme a autora, “o local do qual se fala é também o local onde o receptor está”. Em seus escritos, Hall (2006) reflete que a identidade precisa ser pensada e repensada por um viés de identificação, na qual ela é reconhecida quando parte de um ideal comum com outros grupos ou pessoas. O autor fala que:

[...] O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser mais bem conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. (HALL, 2006)

Para Castells (2006), essas identificações são chamadas de papéis e podem modificar o comportamento do indivíduo e as identidades são fontes de significado para os próprios atores. “Identidades são fontes mais importantes de significado do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individualização que envolvem. Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções” (CASTELLS, 2006, p.23).

A Tv Sergipe se consolidou ao passar do tempo como a principal emissora de televisão do Estado. A segunda emissora de televisão aberta a ser fundada no estado foi a Tv Atalaia, quatro anos após a primeira. Por meio do canal 8, a Tv Atalaia foi inaugurada em 17 de maio de 1975, pelo então senador Augusto Franco, que era proprietário da emissora concorrente. A transmissão inicial foi pela Tv Tupi, que havia encerrado a parceria com a Tv Sergipe dois anos antes. Em 1980, com a extinção da Tv Tupi, a Tv Atalaia passa a ser afiliada da Rede Bandeirantes (SANTANA, 2014). Desde 1997, a Tv Atalaia é afiliada da Tv Record e, ainda que não signifique uma ameaça em termos de audiência para a Tv Sergipe, é a principal concorrente da emissora.

O setor de empresas de atividades de televisão aberta em Sergipe em 2022 é formado por quatro emissoras: a Tv Sergipe (afiliada Rede Globo), a Tv Aperipê (Fundação Aperipê de Sergipe, de caráter público integrante do governo estadual), a Tv Atalaia (afiliada Rede Record de Televisão) e a Tv Canção Nova (pertencente à comunidade católica Canção Nova). Das quatro emissoras, a única pública é a Tv Aperipê, que se trata de uma fundação estatal ligada

---

<sup>13</sup> <https://globoplay.globo.com/v/3193411/>

ao governo; as demais são privadas (SANTANA, 2014). Dentre as transformações que marcaram essas empresas, podemos destacar três processos e todos eles atrelados à implementação da tecnologia: o uso do videoteipe, a passagem da imagem em preto e branco para a imagem colorida e de forma mais recente a digitalização da Tv.

Para Bolaño (apud SANTANA, 2014) são fases que marcam a abertura de novas fronteiras de desenvolvimento que trariam enriquecimento cultural. Santana (2014) afirma que tais inovações são fundamentais para as emissoras de televisão, trazendo condição de sobrevivência para as empresas e que a evolução do padrão técnico acompanha o desenvolvimento tecnológico atrelado aquele dominante nos setores determinantes do progresso técnico para a televisão, “inovações trazem sempre expectativas sociais e econômicas, e, por isso mesmo, não somente questões técnicas devem ser levadas em consideração, mas também as humanas, e o quanto isto pode elevar a qualidade de vida das pessoas (BOLAÑO apud SANTANA 2014).

Corroboramos com o pesquisador ao concluir que o desafio é se adaptar ao novo e às transformações que moldam o jornalismo e a sociedade.

### 5.2.1 Princípios editoriais do *Grupo Globo*

Em cinquenta anos, o veículo atravessou a história da comunicação no estado, do preto e branco ao digital. São cinco décadas de tecnologia, de formatos, de entretenimento, com mudanças de cenários e linguagens, profissionais e gestores. A emissora hoje imprime como valores da organização: Paixão pela gente do estado; Integridade; Liberdade e respeito ao ser humano; Excelência; Responsabilidade social, ambiental e empresarial; e como afiliada *Tv Globo* segue os princípios editoriais do *Grupo Globo*. Destacamos entre outros aspectos a Seção II, que trata de como o jornalista deve proceder diante das fontes, do público, dos colegas, do veículo para o qual trabalha e das redes sociais digitais. Para o *Grupo Globo* (2015) o jornalismo é um conjunto de atividades que segue regras determinadas e princípios que produzem conhecimentos sobre fatos e pessoas.

Qualquer fato e qualquer pessoa: uma crise política grave, decisões governamentais com grande impacto na sociedade, uma guerra, uma descoberta científica, um desastre ambiental, mas também a narrativa de um atropelamento numa esquina movimentada, o surgimento de um buraco na rua, a descrição de um assalto à loja da esquina, um casamento real na Europa, as novas regras para a declaração do Imposto de Renda ou mesmo a biografia das celebridades instantâneas. O jornalismo é aquela atividade que permite um primeiro conhecimento de todos esses fenômenos, os complexos e os simples,

com um grau aceitável de fidedignidade e correção, levando-se em conta o momento e as circunstâncias em que ocorrem. É, portanto, uma forma de apreensão da realidade. (GRUPO GLOBO, 2015)

Não cabe aqui discussão sobre o conceito de jornalismo enquanto a busca pela verdade dos fatos, mas o fato é que o *Grupo Globo* afirma sua opção pelo caminho da “verdade” alcançada pelo jornalismo, “um conhecimento que será constantemente aprofundado, primeiro pelo próprio jornalismo, em reportagens analíticas de maior fôlego, e, depois, pelas ciências sociais, em especial pela História” (GRUPO GLOBO, 2015).

Para as rotinas, foram traçados princípios norteadores que elencamos aqui, de forma sucinta os mais próximos ao tema pesquisado. Por essa razão, o *Grupo Globo* (2015) entende que:

Da agilidade:

- a) Os veículos do Grupo Globo terão sempre como prioridade investir em tecnologia capaz de dar celeridade ao trabalho jornalístico e à sua difusão. Deverão estar atualizados com o que de melhor houver em maquinaria, equipamentos, softwares e meios de transporte.

Diante dos colegas:

- a) De jornalistas de um mesmo veículo do Grupo Globo, espera-se espírito de colaboração. Todos numa redação têm de cooperar entre si, para que o trabalho seja o melhor possível;
- b) As redações dos veículos do Grupo Globo são absolutamente independentes umas das outras e competem entre si pelo furo, pela reportagem exclusiva. Esta é uma tradição que vem desde a origem do grupo e que tem se mostrado profícua: evita a pasteurização do noticiário e estimula o pluralismo de abordagens. Isso não quer dizer que, levando-se em conta a convergência de mídias, não seja possível a construção de sinergias em torno do chamado noticiário básico – aquelas notícias obrigatórias a que todos os veículos têm acesso. Em outras palavras, faz sentido a disputa por assuntos exclusivos, faz sentido dar mais ênfase a determinados temas e não a outros, mas não há mal algum na troca de informações sobre a dimensão de um temporal ou a ocorrência de um assalto, por exemplo.

São princípios que deixam claro para os jornalistas e para a sociedade a base do trabalho do jornalista e de sua atuação, e como dissemos é o mesmo guia traçado pela *Tv Sergipe* para seus profissionais

### 5.3 Alteração nas rotinas de produção e fluxo do trabalho

#### Análise das entrevistas

Conforme adiantamos em capítulo anterior, adotamos para essa pesquisa, além de outras metodologias, a análise de entrevistas semiestruturadas com o editor-chefe, editor de texto, produtor, apresentador, comentarista, repórter e diretor de jornalismo.

Escolhi as entrevistas semiestruturadas, que, apesar de apresentar um roteiro, permitem flexibilizar para novos caminhos não programados, a partir de pausas, e falas que são lançadas pelos entrevistados. Estando atenta a essa possibilidade, observei a atmosfera da conversa, que em alguns momentos, pela proximidade da relação pessoal e/ou profissional com o entrevistado tivemos interseções e trocas de experiências pessoais, exemplos vividos na pandemia, que também ficaram evidenciados pelo ineditismo da minha posição como pesquisadora.

A análise destas entrevistas foi fundamental para que identificasse e interpretasse os fatos, entendendo a abrangência do objeto e, ao mesmo tempo, buscando alcançar o processo e as mudanças envolvidas.

Os trechos das falas foram retirados das entrevistas com sete jornalistas que vivenciaram as transformações da pandemia nas rotinas de redação e de externa, assim como no trabalho em *home*, a equipe é formada desde o período anterior em 2019 até o arrefecimento com a declaração pela Organização Mundial de Saúde com o fim da emergência sanitária global de em maio de 2023.

**Quadro 5** – Perfil dos entrevistados

ENTREVISTADO	SEXO	IDADE	ÁREA DE ATUAÇÃO
Entrevistado 1(E1)	F	42	Reportagem
Entrevistado 2(E2)	M	41	Reportagem
Entrevistado 3(E3)	F	42	Edição/Apresentação
Entrevistado 4(E4)	F	38	Comentarista/Edição
Entrevistado 5(E5)	F	39	Apresentação/Edição
Entrevistado 6(E6)	M	52	Produção
Entrevistado 7(E7)	F	51	Direção de Jornalismo

**Fonte:** elaboração própria 2023

Considerando a necessidade do contexto das entrevistas, é imperativo dizer que as mesmas foram realizadas sem o conhecimento prévio do entrevistado sobre o conteúdo das perguntas, sendo apenas informado o motivo da entrevista e o assunto. Foi também lido antes

de todas as entrevistas o termo de consentimento livre e esclarecido, que se encontra no apêndice deste trabalho, com o intuito de informar aos mesmos de seus direitos e dos deveres do entrevistador junto aos dados coletados e que as entrevistas foram gravadas.

Gostaria de ressaltar que as falas foram transcritas sem alteração, e que em muitos momentos é possível observar uma certa coloquialidade, o que presumo estar ligado à minha relação com o entrevistado, no entanto, não percebo que a mensagem tenha sido prejudicada pela ausência de uma oralidade mais prolixa. Acredito até, que os entrevistados sentiram-se mais à vontade para tratar de um tema que traz recordações doloridas.

Após a análise das entrevistas, percebemos que a descoberta maior entre os profissionais foi fazer o novo, enquanto esse “novo modo de fazer ia acontecendo”. Na fala do entrevistado 6, “a gente teve que rapidamente se apropriar de processos de gravação, de receber material e de transição pela internet pra conseguir se tornar possível o nosso trabalho porque senão não era possível”. Nesse mesmo sentido o entrevistado 2 afirma :

Eu fiz e procurei não criar mais nóia(sic) já desde pelo menos um impactar ainda mais a minha saúde mental, que eu sabia que eu precisava uma vez que acordava muito cedo precisava decorar muitos número e longos então eu precisava cuidar muito de mim naquele sentido né? Porque era o meu único trabalho então precisei me fortalecer nisso. (E2)

A adaptação teve que ser quase que instantânea, à medida que surgiam decisões sanitárias governamentais e até mesmo empresariais sobre à rotina de comportamento dos profissionais dentro e fora da redação. A *Tv Sergipe* seguia as orientações da *Globo*, às quais eram repassadas aos colaboradores pelas chefias, implantou medidas sanitárias como o uso de máscaras, pelos profissionais de toda emissora .

**Figura 5** – repórter de máscara na frente da tela a partir de 04 de maio de 2020 (*Globo nacional*)



Fonte: Na Telinha<sup>14</sup>

**Figura 5** – *Tv Sergipe* segue regras da Globo



Fonte: Twitter<sup>15</sup>

As regras também alcançaram os entrevistados, que só eram reportados com máscaras e ainda assim respondiam com um segundo microfone, a uma certa distância, para evitar a contaminação.

**Figura 6** – Distanciamento de 1,5m, uso de máscara e uso do segundo microfone

<sup>14</sup> Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2020/05/04/globo-muda-protocolo-e-manda-reporteres-usarem-mascara-na-tv-144584.php>

<sup>15</sup> <https://twitter.com/tvsergipehdtv/status/1273389381924147204>. Acesso em: 17 jun. 2020.



Fonte: G1 Sergipe<sup>16</sup>

**Figura 7** – Distanciamento de 1,5m, uso de máscara e uso do segundo microfone



Fonte: autoria própria, mar. 2022.

<sup>16</sup><https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2021/01/07/governo-mantem-medidas-adotadas-e-nao-anuncia-novas-flexibilizacoes-de-setores-da-economia-em-sergipe.ghtml>. Acesso em: 07 jan. 2021.

Na sequência, vamos expor e interpretar as falas dos entrevistados conforme a categorização, para discutir o impacto das mudanças nas rotinas e nas percepções sobre o trabalho, a fim de mapear a validade ou não das hipóteses de nosso estudo.

É o caso do uso da máscara que, apesar de proporcionar a segurança para os repórteres, representou um momento complicado e de difícil adaptação. “Todo mundo que utilizou sabe a dificuldade muitas vezes que você tem de falar por muito tempo e tentar controlar a sua respiração de maneira que aquele aspecto ofegante não atrapalhe na sua dicção. Isso foi algo que também ficou em evidência”, comentou o entrevistado 2. Para a entrevistada 1, a dificuldade foi a mesma: “era difícil, principalmente ao vivo, manter o fôlego, especialmente pra quem faz três, quatro, entradas ao vivo, de seis minutos no mínimo, e ainda tinha que falar mais alto pra o entrevistado entender, já que ele ficava mais distante “

Assim, as normas da empresa citadas no parágrafo anterior foram colocadas em prática em março de 2020 e deixadas de serem aplicadas paulatinamente, conforme a pandemia foi arrefecendo. De fato, apenas o distanciamento e o segundo microfone foram abolidos, porque o uso da máscara é uma opção do profissional até o momento desta dissertação. Algum profissional que apresente sintomas gripais pode ir trabalhar com máscara, mesmo sendo repórter.

Outra medida adotada foi o afastamento de profissionais acima de 60 anos e/ou com algum tipo de comorbidade (asma, diabéticos, ou outra doença prevista pelo Ministério da Saúde)<sup>17</sup>. As medidas adotadas pela *Tv Globo* eram automaticamente replicadas pela *Tv Sergipe*, de modo que em março de 2020 os profissionais que se enquadrassem em algum desses casos foram colocados em *home office*. Com a Medida Provisória 936 do governo federal<sup>18</sup>, os profissionais que não conseguiam cumprir suas funções em casa foram inscritos nesse programa e os demais foram colocados em *home*. Não tivemos acesso à quantidade de profissionais que aderiram a esse modelo de contrato trabalhista (suspensão) .

### **Figura 8** – repórter Janaína Rezende atualiza notícias de casa

<sup>17</sup>Jornalistas com 60 anos ou mais são afastados  
<https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/coronavirus-globo-afasta-jornalistas-com-mais-de-60-anos>

<sup>18</sup><https://agora.folha.uol.com.br/grana/2020/07/mp-936-vira-lei-confira-o-que-muda-para-o-trabalhador.shtml>



Fonte: Globoplay<sup>19</sup>

Na ocasião, a repórter Janaína Rezende foi uma das primeiras a ir trabalhar em *home office*, por ter uma comorbidade, e em sequência, engravidando, permanecendo um ano trabalhando de casa para o *Bom Dia Sergipe*.

O receio da contaminação aparece com frequência nas falas dos jornalistas, mas não como algo impeditivo de executarem seus trabalhos, afinal precisavam estar nas ruas. Esse receio passou a ser um elemento constitutivo da identidade profissional, se adequando à rotina, contando com o aparato da segurança e dos protocolos. Nos discursos dos entrevistados, percebi reiteradamente a mudança no desempenho do trabalho como adaptação ao que vivenciavam.

O meu relato pessoal -saindo do papel de pesquisadora e assumindo o papel de jornalista, é de que no *home* fiquei seis meses (março a setembro de 2020) por ser diabética, mas retornei ao trabalho após sentir-me segura em relação à situação da pandemia e às medidas tomadas pela emissora. Além disso, já não suportava mais trabalhar em casa, estar distante dos colegas, apenas mantendo contato visual, sem poder dividir as angústias; em casa não havia hora de trabalho, me sentia tomada por uma sensação de que algo estava acontecendo e precisava me atualizar, e a todo instante buscava informações nos grupos de *WhatsApp*, nos sites; trata-se de uma experiência que não gostaria de repetir. É possível que numa eventual necessidade de temporada curta se faça necessário, mas de outra forma não vejo razões para uma repetição. Esse mesmo pensamento foi compartilhado pelo entrevistado 2.

Eu tava trancado em casa, não podia sair até a lugar nenhum, o que eu podia fazer? Ajudar, então eu usava do meu trabalho pra isso, então eu cheguei a passar assim horas e horas é por conta própria, né? Buscando, estudando,

<sup>19</sup> <https://globoplay.globo.com/v/10226110/>

pesquisando e tentando produzir algum material pra tentar ajudar a salvar vidas. Então, foi muito isso. Foi um tempo também de muita pesquisa. Né, eu aproveitei pra ler muito sobre o tema. Então, acho que como eu trabalhava também com sites, né, e tem que fazer o canal, ligar o site com a Tv então eu tentava estudava é formatos estudava linguagens né? Pra tentar não ficar tão cansativo porque imagine eu tinha antes todo um aparato. (E2)

A entrevistada 1 afirmou que o impacto do distanciamento de pronto foi o mais impactante para executar o trabalho, mas que foi preciso descobrir uma forma de driblar essa barreira.

[...]Eu acredito que quando você trabalha com empatia pode parecer um tanto clichê, mas ao se colocar no lugar da pessoa, muitas vezes você sabe qual é a palavra se eu estivesse no lugar dela. Então você começa a quebrar esse gelo por meio dos escuros, mais amigável e por muitas vezes eu consegui. Eu acho que a barreira maior que deu ao longo do tempo quando eu entrevistava pessoas que se mostravam contrárias à pandemia, quando eram negacionistas, aí nesse momento é que eu encontrava um conflito maior. (E1)

O entrevistado 2 salientou as variáveis que teve que lidar, como manter as regras sanitárias e ao mesmo tempo fazer a reportagem:

Eu tinha um hospital pra fazer uma matéria. Eu tinha um posto de saúde pra visitar, tinha que entrevistar alguém, é na rua que utilizava o microfone, né? Com cabo, o meu era com fio. Então tinha que administrar várias coisas. E tinha o medo. Então assim foi essa nova rotina de sair de casa, ir pras(sic) ruas me trouxe muito medo. (E2)

Esses fatores acabam interferindo no processo e na finalização do material. Para Gil (2008), a entrevista é uma ferramenta flexível e eficiente para obtenção de dados a respeito do comportamento humano. Para Denzin e Lincoln (2008, p. 900),

É um texto negociado, um lugar onde poder, gênero, raça e classe se cruzam. É quando o entrevistador tem a capacidade de explicar o significado das perguntas, caso o entrevistado não a entenda imediatamente, além de poder se adaptar com mais facilidade ao contexto da entrevista e observar as reações da fonte de informação diante dos questionamentos e das respostas dadas. (DENZIN e LINCOLN, 2008, p. 900)

Como já foi dito na introdução da pesquisa, a pesquisadora faz parte do fenômeno analisado, uma situação atípica de investigação, apesar de não ser raro nas pesquisas, mas que assumimos como mais um desafio ao nosso trabalho de pesquisador, tanto do ponto de vista ético quanto dos cuidados para operar as perspectivas de distanciamento crítico sujeito-objeto.

Ao longo da conversa, seguimos as perguntas do roteiro, mas caso os entrevistados tratassem de outros assuntos ligados ao roteiro, inseríamos sem problema. Não posso deixar de mencionar que a proximidade dos entrevistados me trouxe facilidades e dificuldades na coleta das entrevistas. Por um lado, a realidade de termos vivenciado as mesmas angústias, pelo fato de sermos colegas de redação, dividido problemas pessoais e profissionais trouxe confiança. Contudo, eram entregues respostas menos detalhadas, especialmente das rotinas, imagino eu pelo fato deles perceberem estar ali diante de alguém que já sabia do que se tratava, que estava a par dos detalhes de como se deu essa rotina, de tudo sobre o qual se estava falando, e não alguém alheio à corporação.

Essa proximidade trouxe afastamento e uma certa reserva para tratar de alguns temas, quando senti que algumas respostas eram mais pensadas e silenciadas. Em certas questões, senti que os profissionais realmente não queriam se aprofundar, houve pouca abertura e alguns buracos e digressões, “saídas fugazes ou clarezas enganadoras. Discurso marcado pela multidimensionalidade das significações expressas, pela sobredeterminação de algumas palavras ou fins de frases. Uma entrevista é, em muitos casos, polifônica” (BARDIN, 2016, p.48).

Um exemplo dessas saídas fugazes foi o assunto segurança do trabalho, quando perguntados se a política da empresa havia sido satisfatória quanto à segurança dos profissionais, “acho que depois que é alguns problemas iniciais foram corrigidos, eu diria que foi satisfatória sim”, “então, eu sempre ficava meio preocupado. Mas tínhamos álcool, né, o tempo inteiro pra higienizar os equipamentos” (E7). Para a diretora de jornalismo, Rosa Vasconcelos – única entrevistada que, em função do cargo ocupado, terá sua identidade revelada –, a empresa cumpriu os procedimentos que foram cabíveis, inicialmente com o afastamento dos profissionais com algum tipo de comorbidade, ou pela idade que tiveram que, a depender da função serem afastados ou trabalhar em home,

Então isso alterou sim a rotina da redação. Você tinha uma redação com muito menos gente. Assim como o adoecimento dos colegas que trabalhavam na externa também influenciava a rotina dos colegas que trabalhavam na redação. Lógico que todo mundo tem a responsabilidade de se cuidar mas você tem que estar em cima sim. Não deixar que faltasse, entendeu? Desde passar o álcool nas mesas, cadeiras, cobrar higienização do telefone, ao uso da máscara tá? Então acho que passa também por aí. O que mais a gente tentar o tempo todo alerta e vigilante. (E7)

Para o entrevistado 6, que desde o princípio trabalhou em *home office*, a grande angústia era lida com a dor das famílias e tratar o fato jornalístico diariamente como um número,

como mais uma manchete de jornal.

Teve(sic)momentos que eu fiquei muito ansioso, um pouco deprimido, porque assim, você contactar todo dia com familiar da pessoa que morreu e você convencer a falar... Teve exemplos mesmo que eu liguei pra viúva e a resposta dela foi: “Deixa eu enterrar meu marido, depois eu falo com você”. Isso eu como ser humano, como uma pessoa normal, o psicológico da gente vai lá embaixo, você tem mãe, tem pai, tem irmão. Ficava difícil, mas é natural de jornalista, jornalismo é isso mesmo, e aí eu compreendia mas teve momentos difíceis mesmo. (E6)

Para Muniz (2000), se o *home office* diminuiu o risco de contágio, aumentou o cansaço físico e mental, onde as obrigações costumam passar o horário da jornada convencional.

Em relação aos horários porque a gente começava de manhã cedo que é o meu horário normal seis hora da manhã só e por conta de tá em casa, os entrevistados geralmente não atendia e aí a gente fechava a pauta, a pauta era fechada, mas aí a confirmação de local, horário, ficava durante a manhã, entrava tarde vezes não definia e aí você ficava trabalhando. Eu entendia porque como era uma pandemia quem também seria entrevistado também tinha suas restrições. (E6)

O *home* se estabeleceu como uma ruptura repentina no modelo de trabalho presencial. Apesar de justificado, criou dificuldades iniciais para os entrevistados, especialmente no que se refere à conciliação das jornadas de trabalho. Esse novo modelo nunca foi utilizado pela empresa e foi adotado em um arranjo eventual, como forma de poder seguir com as rotinas de uma forma adaptada. Para os profissionais foi uma ruptura ainda mais profunda, pois derrubou a fronteira entre o pessoal e o profissional: não havia mais horário de casa nem horário de trabalho. A produção desde o começo da pandemia foi colocada em *home* e foi a última categoria a retornar de forma presencial, por ser em maior número de profissionais dentro da redação (cinco) e por ter condições de desenvolver o trabalho em casa.

Outro fator que se mostrou como uma ruptura e cabia ao produtor de reportagem foi a coleta de vídeos para composição de reportagens. Situações como o personagem ter que enviar o vídeo do enterro do marido, tal qual citado pelo entrevistado 6, foram algo nunca antes adotado, visto que o padrão era o envio da equipe de reportagem ao local. Mas a determinação de enterros com limitação de pessoas e proibição de presença da imprensa pelo governo estadual rompeu a rotina, tornando essa prática a nova rotina possível na cobertura jornalística. Essa interação já existia antes da pandemia, “mas era feita apenas por mensagens de bom dia, por vídeos que eram inseridos na volta dos intervalos comerciais”, segundo a entrevistada 3; então ganhou frequência diária no *Bom Dia Sergipe*, dando mais espaço a participação da audiência

no processo de comunicação. Formou-se assim um estreitamento na relação do telejornal com o público, que se sentiu ainda mais convidado a participar e ainda fazer parte do jornal.

Segundo a entrevistada 3, hoje praticamente há pelo 20 vezes mais participação de vídeos de telespectadores no telejornal do que em junho de 2019, seja em opiniões sobre assuntos exibidos no telejornal, fotos de amanhecer, elogios, críticas, flagrantes de trânsito, ou de condições do tempo.

No sentido de gerar cuidados adicionais à pesquisa, é preciso estabelecer procedimentos e critérios para ter um mínimo de distanciamento do objeto para que possa ter uma análise crítica da realidade e não ser afetado fortemente por questões subjetivas. Buscamos descrever a dinâmica da redação para auxiliar na documentação das rotinas nos períodos analisados:

**Tabela 2** – Equipe de jornalismo da *Tv Sergipe* antes e durante a pandemia

Tempo de duração do jornal	Junho-julho 2019	Junho -julho 2020	Junho-julho 2021	Junho-julho 2022
	1h30	02h30	02h30	02h30
Repórteres na rua	03	02	02	03
Produtores na redação	02	0	0	02 ou 03
Produtores em Home office	Não havia produção em <i>home office</i>	05	05	02 ou 03 (havia um revezamento semanal: enquanto uns ficavam em casa e outros na redação, na semana seguinte a ordem era trocada)
Editores na redação	03	02, 03	02	03
Repórter em <i>Home Office</i>	Não havia repórter em <i>home office</i>	1	2	1

**Fonte:** elaboração própria

É importante ressaltar que não é possível fechar um número fixo pra esse quadro, porque o número de profissionais variou semana a semana, às vezes dia a dia. Era uma escala que se dava conforme o adoecimento dos profissionais que eram imediatamente afastados. Vamos abrir um destaque para falar sobre a escala da equipe técnica que lidava diariamente com o

jornalismo como operadores de câmera, de teleprompter, técnicos de manutenção de equipamentos. Não tivemos acesso às escalas desses colaboradores, por serem de outro departamento, contudo, a realidade não foi muito diferente da do departamento de jornalismo. Algo a se destacar foi que a circulação pela emissora ficou condicionada somente ao seu setor, foi proibida a circulação em setores que não fosse sua área de trabalho, para evitar uma possível disseminação da doença.

Rosa Vasconcelos ressalta que turbulência na escala diária de reportagem não alterou o conteúdo do telejornal, porque os recursos do repórter em casa acabaram suprimindo essas lacunas.

Era basicamente o conteúdo de covid. Então assim, ficou muito voltado a tocar nessa questão de saúde. A gente criou até formas de adaptar: Laís (uma repórter), por exemplo, ficou um tempo de casa, que é quase como uma na rua falando de covid. Maior parte do noticiário era voltado pra saúde. (E7)

As escalas jornalísticas também compõem outra ruptura, porque normalmente são escalas mensais, que se dão por um acordo com o sindicato dos jornalistas e radialistas para possibilitar que os profissionais possam estabelecer sua programação de lazer, mas diante desse inesperado, sinalizando novas práticas.

Voltando à fala da diretora Rosa Vasconcelos sobre o conteúdo do *Bom Dia Sergipe*, aliada à análise das demais entrevistas foi possível perceber que a cobertura da pandemia foi intensificada a partir do mês de março, quando foi confirmado o primeiro caso da doença no dia 14 em Sergipe. As medidas sanitárias determinadas com o isolamento social pelo poder público fizeram com que o telejornal concentrasse as pautas em torno do assunto, abordando questões com aspectos de saúde, e de economia, explorando os impactos da crise sanitária em setores como o comércio, o turismo. Na fase de junho-julho/2020, já considerado o pico da doença em número de casos e mortes, as pautas do telejornal denotavam a expectativa em torno dos impactos para vários setores e as medidas de enfrentamento das autoridades. O telejornal tinha o tempo preenchido praticamente com *Skype de* especialistas em saúde sobre a doença. O telejornal deu um tom numa cobertura mais analítica, focada nos impactos e nos dramas das vítimas.

Na terceira fase, a produção do telejornal criou espaços de colaboração, para estimular o envolvimento do telespectador para o envio de vídeos e depoimentos. Surgiram quadros que mostravam como as pessoas estavam lidando com a quarentena, em um deles, um professor de educação física ensina ao vivo exercícios para serem feitos em casa, a partir de objetos

domésticos. Em outro quadro, as pessoas mostravam como buscavam uma solução criativa para reforçar a renda, após perder o emprego, como exemplos mostrava motorista de transporte escolar que entregava quentinhas feitas pela esposa. Enfim, pessoas que de algum jeito serviam de inspiração para o telespectador que buscava uma saída para a crise financeira instalada. As iniciativas mostravam como o *Bom Dia Sergipe* foi contornando as restrições de produzir conteúdo, reforçando o diálogo com o público e buscando alternativas para variar a temática da pauta, lembrando que mesmo após março de 2021, dois meses após o começo da vacinação a ocupação dos espaços na redação, a divisão de equipamentos, distanciamento, higienização dos equipamentos, uso de máscara prosseguiram como regras. Esses protocolos, especialmente a máscara, só vieram entrar em desuso após março de 2022 com a liberação do governo estadual<sup>20</sup>.

#### 5.4 Os processos de convergência jornalística com base na tecnologia

A tecnologia foi a chave pra levar e trazer a informação de interesse público através de seus diversos *softwares* e plataformas. Assumiu um papel central na pandemia da covid-19 com situações que de distanciamento social, vindo para diminuir essas distâncias e possibilitando novas reconfigurações nas dinâmicas das redações. Refletir sobre novas práticas nas redações e na rua com o uso das tecnologias digitais no fazer jornalístico contribui para o registro de novas práticas no telejornalismo.

Para os entrevistados que não viveram restrições, as redes sociais, sites institucionais e portais de notícia ajudaram nas pautas. As sugestões que em sua grande maioria chegavam na pandemia vinham através de *stories* de influenciadores digitais de bairros, pelo público que mandava vídeos para a redação por meio do *WhatsApp*, e pela disseminação das redes sociais digitais.

Na pior fase da pandemia, os profissionais passavam mais tempo apurando da redação, usando os smartphones, pedindo vídeos e apurando denúncias, indo ao local dos fatos, usando as ferramentas tecnológicas na apuração de notícias. Os *smartphones* também trouxeram outra aplicação, permitindo fazer entradas ao vivo seja em casa, em *home office* ou mesmo na rua, como relatou o entrevistado 2, quando o cinegrafista não foi trabalhar porque estava com covid-19 e ele precisou fazer a entrada ao vivo sozinho: “eu fui vídeo repórter, então no início foi muito difícil porque falar, filmar, pensar na pergunta e na imagem, isso era um

<sup>20</sup> <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/03/24/uso-de-mascara-deixa-de-ser-obrigatorio-em-sergipe-diz-governo.ghtml>

negócio na cabeça muito difícil, foi por uma situação específica porque alguém adoeceu, então a gente teve que se virar em dez mil pra tentar levar a informação”.

Essa prática de usar o aparelho celular como videorepórter foi outra forma de ruptura. Em outras emissoras, como a Afiliada Globo no Rio Grande do Norte, já é uma prática comum, assim como na *Globo News*. Outra situação como a apuração através de pedidos de vídeos aos entrevistados também foi um processo de ruptura, porque a prática usual na rotina cabia ao produtor. Essa rotina foi algo incorporada no trabalho da entrevistada 1:

Quando faltava algum complemento, depois eu pegava o *WhatsApp* da pessoa do aplicativo na mensagem pra obter mais informações e eu fiz muito isso, principalmente ao contar histórias pra tentar humanizar mais as matérias. Eu peguei muito contato pra poder tentar e não criar um laço mas pra tentar trazer um pouquinho mais de emoção da matéria pra depois tu complementar não é? Acho que isso ajuda muito, quanto mais a gente conversa com o entrevistado, mais a gente sente a capacidade de tentar humanizar a matéria, pelo menos foi isso que eu senti. (E1)

A tecnologia, a convergência digital, a diminuição de profissionais por causa dos afastamentos, a proibição de gravar em determinados locais, o aumento da demanda de assuntos, tudo provocou alterações na rotina profissional dos jornalistas. Mas uma ruptura das mais evidentes no telejornal para profissionais e público foi a suspensão das entrevistas de estúdio, que eram uma marca do telejornal.

**Figura 9** – Médica em entrevista por *Skype* alerta sobre a importância do acompanhamento cardiológico, durante pandemia



Fonte: Tv Sergipe, 03 ago. 2020)

**Figura 10** – especialista fala por *Skype* de saúde de adolescentes



Fonte: Globoplay<sup>21</sup>.

O uso do *Skype* para a entrevistada 6 trouxe desvantagens e vantagens:

Como entrevistadora é sempre melhor você estar frente a frente com o entrevistado. Por outro lado, isso proporcionou ao *Bom Dia Sergipe* que é o tradicional regional, que é feito ao vivo em Aracaju, a possibilidade de entrevistar pessoas de diversos lugares do mundo. Então a gente teve participação, só que eu me lembro, por exemplo, que falei em mais de uma oportunidade com pesquisadores de fora do estado sobre o assunto de relevância. Eu falei sobre economia com pessoas do Rio de Janeiro e de outros lugares, a gente conseguiu cobrir assuntos com entrevista que talvez realmente nós não conseguíssemos. (E6)

Ressalta-se que o *Skype* foi potencializado após a proibição da entrevista presencial no estúdio do telejornal. Esta foi abolida no segundo período em junho-julho de 2020 e retornou em novembro de 2022, voltando aos moldes adotados anteriormente à pandemia.

Outra mudança diz respeito às reportagens que precisavam do telespectador no envio de vídeos, entrevistas, imagens. Os apresentadores faziam os pedidos dessa participação, conclamando a população a enviar sua participação. O material em sua grande maioria era pedido pelos produtores que estavam em home e enviado pelo *WhatsApp* da emissora, separado pelo editor de texto. Algumas vezes o entrevistado mandava direto pra o produtor que já repassava para o repórter, ou então repassava pra o editor de texto da matéria; não havia um

<sup>21</sup> <https://globoplay.globo.com/v/10961705/?s=0s>. Acesso em: 23 set. 2022.

critério fixo quanto a esse protocolo. Os entrevistados eram orientados pelos produtores sobre como o vídeo deveria ser gravado – na forma horizontal, ter cuidado com o áudio, evitar barulho no local da gravação, não tremer muito. Porém, nem sempre essa resposta era correspondida e o material recebido era de qualidade duvidosa, mas precisava ir ao ar, porque era a única forma de contar a história.

Outra situação que pesou para a reportagem foram as falas que já chegavam prontas pra ser usadas na construção da reportagem, pelo repórter ou pelo editor.

O aspecto ruim é que por tantas vezes os produtores eles faziam os pedidos e encaminhavam algumas perguntas mas às vezes a pessoa ela responde o que quer. E a gente sabe que a força da reportagem ela está na entrevista. Ou seja a medida que a pessoa responde você dizia muitas vezes uma o que ela quer, você procura sondar um pouco mais, puxar e nós não tínhamos esse feedback. (E1)

E como você conseguia contornar isso? Algumas vezes não dava pra contornar. A grande verdade é essa. Às vezes não tinha como mudar porque tinha que se adaptar àquilo que foi dito, né. (E1)

Isso claro foi uma mudança muito grande de paradigma por quê até então eu sou uma pessoa alguns anos trabalhando na televisão até então a gente tinha uma priorização muito grande da nossa própria imagem que era captada com uma tecnologia melhor com uma qualidade profissional então existe uma diferença entre a imagem que você recebe do telespectador, do seu entrevistar, então essa imagem ela vinha sem o mesmo padrão técnico que se convencionou se aquilo que era importante que a gente considerava essencial pra colocar ele lá. Então a chance é mais importante ter o material a qualidade desse material. Isso foi uma grande mudança. (E6)

Perguntei à entrevistada 1 sobre que tipo de ferramentas tinham ajudado na rotina e ela afirmou: “usei muito o *WhatsApp* sim pra fazer, e até quando eu tinha o contato do entrevistado que mandava um vídeo e achava incompleto eu pedia pra refazer. Então me ajudou muito. É basicamente o *Skype* e *WhatsApp*”.

No período pré-pandêmico, tendo como base junho-julho de 2019, a rotina da redação do *Bom Dia Sergipe* era um trabalho feito em equipe, com participação de todos na redação as matérias. Estas começavam pelas pautas, passavam pelo olhar da equipe do produtor de reportagem, dos editores do editor-chefe, do repórter e do cinegrafista.

Havia duas reuniões presenciais para determinar o encaminhamento da pauta e de avaliação do telejornal, tratando quais seriam os pontos mais importantes a serem destacados e os pontos positivos; essas reuniões foram suspensas, para se evitar a proximidade. Houve revezamento de profissionais para outras equipes em virtude do adoecimento de colegas, ou de

parentes de colegas: determinado profissional do jornal matutino era deslocado para a equipe do jornal de meio-dia, ou vice-versa. Mesmo um apresentador, pela falta de outro apresentador, precisava apresentar dois jornais no mesmo dia, ou um repórter mais experiente precisava apresentar um telejornal para cobrir a ausência de um apresentador doente. As escalas passaram a ser diárias, ao contrário das de junho-julho-2019, que eram mensais. Foi preciso se adaptar a uma nova realidade, mas sem perder a qualidade do conteúdo transmitido, sendo esse o modelo de jornalismo possível ao longo de 2020.

O entrevistado 4 trabalhou quase dois anos em casa. Para ele, foi uma experiência interessante, pois evitava sair de casa e pegar trânsito, além das facilidades de se estar em casa. Porém, ele se ressentia da quantidade de horas trabalhadas:

a gente começava de manhã cedo que é o meu horário normal seis hora da manhã só e por conta de tá em casa, os entrevistados geralmente não atendia e aí a gente fechava a pauta, a pauta era fechada, mas aí a confirmação de local, horário, ficava durante a manhã, entrava tarde vezes não definia e aí você ficava trabalhando. Eu entendia porque como era uma pandemia quem também seria entrevistado também tinha suas restrições. Família, trabalho, *home office*, tudo isso.(E 4)

O entrevistado 2, que também passou uma temporada em *home*, relata sobre o excesso de horas a mais. “Trabalhamos apenas cinco horas, mas eu não tinha como desligar, então eu estava o tempo inteiro lendo, eu queria ajudar porque foi uma época difícil pra gente. Eu via o meu trabalho enquanto jornalista como alguém poderia ajudar também a salvar vidas”

### 5.5 O telejornalismo pós-pandemia do Bom Dia Sergipe

Em tempos normais, tendo como base junho-julho de 2019 a rotina da redação do *Bom Dia Sergipe* é um trabalho feito em equipe, com participação de todos na redação as matérias que começam pelas pautas passam pelo olhar da equipe do produtor de reportagem, dos editores do editor-chefe, do repórter do cinegrafista, mas ao longo dos quatro períodos analisados sofreu alterações pra se adaptar ao novo modelo de sociedade, vejamos o quadro a seguir:

**Quadro 6** – descrição das atividades diárias do telejornal nos períodos pesquisados

Atividade	Período 1	Período 2	Período 3	Período 4
-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

	(junho-julho 2019)	(junho-julho2020)	(junho-julho2021)	(junho-julho2022)
Reunião de Pauta	Feita em reunião de pauta conjunta entre todos os membros da equipe no meio da manhã	Feita em duas partes: a editora-chefe com a diretora na redação debatiam assuntos de entrevistas ao vivo . E em home a diretora fazia a reunião com os produtores do telejornal	Feita em duas partes: a editora-chefe com a diretora na redação debatiam assuntos de entrevistas ao vivo . E em home a diretora fazia a reunião com os produtores do telejornal	Mantido um certo distanciamento, o uso da máscara ficou a critério do jornalista, a reunião era feita entre todos os membros da equipe no meio da manhã
Saída de equipes para a rua	As três equipes desciam às 05:00 da manhã	As equipes desciam em horários separados para evitar aglomeração na sala de equipamentos, já que precisava haver a higienização de câmeras e microfones	As equipes desciam em horários separados para evitar aglomeração na sala de equipamentos, já que precisava haver a higienização de câmeras e microfones	As três equipes gravavam na rua de 05:00 da manhã, continuando com a higienização dos equipamentos
Edição de texto	Computadores um ao lado do outro	Computadores espaçados com higienização a cada uso, redução do número de profissionais	Computadores espaçados com higienização a cada uso, redução do número de profissionais	Computadores um ao lado do outro, sendo $\theta$ opcional o uso da máscara, com distribuição de álcool pela redação
Edição de áudio e vídeo	Ilhas posicionadas lateralmente	Ilhas espaçadas, com higienização permanente	Ilhas espaçadas, com higienização permanente	Ilhas posicionadas lateralmente, sendo opcional o uso da máscara, com distribuição de álcool pela redação
Entrevistas em estúdio	Sem alteração	Suspensas	Suspensas	Suspensas
Produção na redação	Sem alteração	Produtores em home	Produtores em home	Produtores trabalhando em

				esquema de revezamento entre <i>home</i> e redação
Segundo microfone	Não havia	Uso obrigatório	Uso obrigatório	Suspenso

**Fonte:** elaboração própria

A rotina de trabalho indica rupturas dos padrões ao longo das fases da pandemia, conforme a doença foi se potencializando em 2020. Novos fatores, como a vacinação a partir de 2021, os resultados mais positivos da diminuição das internações e do uso da máscara, a eficiência de medidas sanitárias tomadas pelo governo, foram impactando não só a sociedade como as empresas. Na *Tv Sergipe*, as alterações surgiam com flexibilizações de certas regras, como o não uso da máscara, mas sempre numa tentativa de manter a continuidade das rotinas de trabalho para que as principais tarefas fossem mantidas, ainda que com ajustes, como reuniões via *softwares* de *zoom*, apuração por telefone, edição de reportagens feitas apenas com vídeos amadores, que revelam uma forte continuidade das rotinas de trabalho, mesmo na gravidade da pandemia).

Os jornalistas entrevistados refletiram que algumas mudanças que vieram com a pandemia devem permanecer mesmo com o fim da emergência sanitária. Um dos pontos comuns aos entrevistados é a percepção do uso de recursos como o uso de vídeos enviados pelo telespectador e o uso do *Skype*:

Eu citei como exemplo a questão das imagens do uso das imagens da colaboração das pessoas telespectadores. Isso não vai deixar de acontecer na minha isso ficou e vai continuar fazendo parte da nossa rotina (E5)

O *Skype* a gente pode não ter necessidade e ainda usa. Eu acho que vai continuar usando. No dia a dia seja tanto no ao vivo, no durante o jornal. Vamos ouvir a mensagem. Eu acho que ele contém uma ou menor presença obviamente com menor força. (E7)

A entrevistada 4 aponta que o uso de vídeos aproximou o público do telejornal e afirma que hoje recebe e exhibe uma maior quantidade de material do telespectador. “Essa mudança na logística de produção fez a gente se aproximar um pouco mais do telespectador, dele se ver no ar, no jornal”.

Os entrevistados 1 e 4 apontam também a necessidade de os jornalistas se adaptarem ao novo formato de disseminação de informação, de aprenderem a lidar com a tecnologia onde hoje em dia, “todo mundo é emissor e receptor”.

O entendimento é que não cabe a superação de um suporte em detrimento ao que foi abolido, mas sim um incremento, uma complementação de suportes no jornalismo. É preciso estarmos atentos ao contexto social em que esse jornalismo está inserido, para se entender a ruptura, continuidade e potencialidade. Palacios (2004) entende o movimento de constituição de novos formatos midiáticos como uma articulação complexa e dinâmica de variados formatos jornalísticos e suportes, convivendo e complementando-se de forma que não necessariamente sejam ruptura com relação ao jornalismo praticado em suportes anteriores.

No telejornal estudado isso ocorre, por exemplo, através das entrevistas por *Skype*. Antes da pandemia era um suporte pouco usado, mas a covid-19 acelerou, potencializou a sua utilização, passando a se tornar diária, em lugar das entrevistas de estúdio. Existe uma situação de continuidade em relação ao formato pré-pandemia, pois o conteúdo a ser explorado é o mesmo, a função que ela cumpre ainda existe e da mesma forma. A ruptura, por outro lado, estaria na quebra de um certo padrão, que é a da entrevista ser conduzida pelo apresentador. O *Skype*, com as constantes oscilações de sinal, não permite interrupções na fala do entrevistado pelo apresentador; no entanto, a ferramenta permite, por exemplo, que uma pessoa em outro país seja entrevistada ao vivo, proporcionando um grau elevado da potencialização de seu uso e criando possibilidades.

Em 2020 a tendência de uso de material enviado pelo público para suprir a ausência de material gravado pelas equipes de reportagem foi potencializada, com volume de material exibido cada vez maior à medida que o contágio da doença aumentava e as regras sanitárias ficavam mais rígidas. Esse movimento provocou uma ruptura quanto à questão da qualidade desse material exibido. Até então, primava-se por um mínimo de qualidade de áudio e vídeo, preservando aspectos formais estéticos que foram sendo flexibilizados, marcando assim uma quebra no padrão adotado.

Entendemos esse movimento de novas rotinas nos processos do telejornal não como um processo de superação de suportes anteriores por suportes novos, mas como uma evolução, uma articulação complexa e dinâmica de diversos formatos jornalísticos, que em si fazem parte do próprio processo de uma redação, ao interagir, convivendo e complementando em diversos suportes.

As características das rotinas de um telejornal aparecem majoritariamente como continuidades e potencializações e não necessariamente como rupturas se comparados às

rotinas anteriores. Com efeito, é possível argumentarmos que características elencadas anteriormente, como as práticas pré-pandemia, podem ser encontradas atualmente de uma forma ou de outra.

Exemplificando, o uso de vídeos na reportagem é certamente uma potencialização revestida de continuidade, ao considerarmos que na Tv já ocorria essa junção de formatos midiáticos (imagem, som e texto). O uso do *Skype* igualmente potencializa essa característica, pois é facilitado pela *Web*, que conjuga os diferentes formatos.

Sendo assim, onde estariam as rupturas no jornalismo praticado nas rotinas do *Bom dia Sergipe*? Sugerimos que, para além das continuidades e potencializações, algumas rupturas efetivamente ocorreram. Em primeiro lugar, e como fato de maior impacto, o trabalho em *home office*; o efeito midiático mais importante foi no telejornal, onde os limites espaciais da redação acabaram sendo rompidos e transpostos para a casa do jornalista, onde dali se faziam diversas entradas ao vivo, mesmo que em condições técnicas precarizadas.

Trata-se da primeira vez que isso ocorre, uma vez que o jornalista convivia com rígidas limitações de espaço (sendo a rua ou a redação). Essa possibilidade de entrar ao vivo de forma ilimitada, da sala, do quarto, do escritório ou da varanda de casa para a transmissão da notícia, é, a nosso ver, a maior ruptura para o telejornal.

Para além dessas novas possibilidades de rotinas e de se fazer notícia, acredito que o telejornal encontra vantagens na combinação dessas mudanças, aproveitando os pontos positivos de cada nova introdução e gerando novos efeitos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como propósito compreender as rotinas produtivas do *Bom Dia Sergipe* durante a pandemia e qual alcance dessas práticas na construção das notícias. Enquanto novas regras sanitárias forçavam o distanciamento, como atuar distante fisicamente das fontes de notícia e como manter o processo de gravação das reportagens, da pauta, a partir de novos critérios de convivência social?

A intenção foi compreender de que forma a lógica dessa convivência com a pandemia de covid-19 em um novo espaço de trabalho cumpriu o papel do telejornal de informar à audiência, no momento em que o jornalismo se solidificou como fonte crível de informações.

Nesta pesquisa propomos analisar as mudanças relacionadas às intensas rotinas produtivas a partir de entrevistas com jornalistas que participavam do telejornal no período anterior e que até o momento permanecem em atividade. Nesse percurso, observamos que sentimentos como angústia e dúvidas perpassaram as falas dos entrevistados. Acreditamos ser um resultado do momento pandêmico de dor e perdas, além do sofrimento no trabalho que acaba por interferir também na vida pessoal, com todo o processo de lidar com o inesperado a cada dia.

Acreditamos no jornalismo como uma função socialmente preponderante, que serve ao coletivo. Voltamos ao início de nossa pesquisa para lembrar Fachine (2008), para quem a Tv produz uma relação que beira o pessoal, uma companhia quase pessoal. De tão íntima, confesso que posso em algum momento ter me perdido no papel de pesquisadora afinal, foram muitos processos que se sucederam na redação e eu pessoalmente vivenciei como jornalista, em alguns situações trabalhando para o Bom Dia Sergipe, nosso objeto-recorte, não havia como me conectar ao papel de pesquisadora. Eu apenas observava as complexas e dinâmicas relações, situações que sugeriram algumas pistas sobre o que virá desse telejornalismo, após o fim dessa pandemia, como as que já vivenciamos e já citamos aqui .

Chegamos ao fim da nossa pesquisa sem a decretação do fim da pandemia, apesar de seu arrefecimento e só após esse decreto pela Organização Mundial de Saúde (OMS) será possível precisar quais mudanças nas rotinas da redação permanecerão incorporadas , deixando de ser uma medida temporária e o que restará reconfigurado na gramática do telejornalismo do *Bom Dia Sergipe*.

O longo percurso para tentarmos compreender as rotinas produtivas geraram resultados que mostraram transformações significativas que ampliaram a produção da notícia e as dinâmicas da redação. A tecnologia fomentou o uso do *Skype* e de ferramentas como o *WhatsApp*, que continuam sendo recursos frequentes na realização de entrevistas e finalização de reportagens, mesmo passado quase três anos do começo da pandemia. Essas ferramentas não anulam as rotinas anteriores nas redações, a notícia ainda é apurada, editada e distribuída, seguindo toda uma sistemática fundamentada na organização dos fluxos de organização da notícia, corroborando com a Teoria *Newsmaking*. Surge mais um fluxo de informação, com o envio dos vídeos pela audiência e o jornalista ao mesmo tempo que apura, edita, acaba interagindo com público, seja o produtor na redação ou o repórter na rua. A primeira entrevistada nos relatou que chegava a conversar com o entrevistado por *WhatsApp*, depois da entrevista quando sentia falta de alguma informação para complementar a reportagem.

Sobre a ruptura, nos pareceu o processo mais intenso desta pesquisa. Assim é que pudemos elencar principalmente o *home office*, a suspensão temporária de contratos dos jornalistas, o uso da máscara e do segundo microfone, a queda do padrão de qualidade de áudio e som (o chamado “padrão *Globo* de jornalismo”), em vídeos grotescos, as entradas ao vivo de repórteres das salas das suas casas; foram através desses elementos que esta hipótese foi plenamente alcançada.

Nos parece também que, a partir de uma retrospectiva das mudanças de rotina ligadas principalmente às tecnologias e de logísticas vivenciadas no período avaliado ao longo das últimas décadas, as entrevistas dos jornalistas apontam para a manutenção da *illusio* (BOURDIEU, 1996 apud OLIVEIRA, 2011), uma espécie de crença em que o “jogo” merece ser “jogado”, apesar das adversidades.

As práticas nos sugerem falar em potencialização quanto ao uso do *software Skype* e do uso dos vídeos amadores dos telespectadores; antes usados com parcimônia, hoje são amplamente naturalizados como uma ferramenta incorporada à rotina, alterando o papel do jornalista, quando ao processo de *gatekeeping*, com a saturação de informação ele também atua no papel de mediador entre as notícias e sua audiência, como uma espécie de guia, escolhendo informações que julga merecerem ser lidas e validando.

A audiência se mostra mais envolvida em todos os quadros do telejornal. Manter esse compromisso se intensificou com a necessidade de oferecer mais conteúdo, como o aumento na duração do *Bom Dia Sergipe*. A conclusão dos jornalistas é de que quanto mais recursos e atividades realizarem dentro do espaço maior será o alcance que esperam junto à audiência. Não

coube mais exclusivamente ao jornalista decidir o que seria notícia naquele momento, quando na internet, só se falava em covid, a palavra era franqueada a todos.

Essa dinâmicas relações, sugerem algumas pistas sobre o futuro do telejornalismo. Não podemos esquecer que se trata de um campo mutável, com estruturas que se transformam rapidamente e o jornalismo deve sempre acompanhá-los. A continuidade em nossa avaliação foi a permanência do fazer jornalismo, que em nossa avaliação foi resumida na fala da entrevistada três ao afirmar que o jornalismo permaneceu dando a notícia e estando nos lugares, ainda que de outra forma.

A pesquisa mostrou ainda que a *Tv Sergipe*, afiliada à *Rede Globo*, de caráter regional, adotou nos níveis de mercado e modelo de negócio padrões tomando por base a própria Rede Globo e a orientação dada para as afiliadas. Nosso olhar se ateve, entretanto, sobre os impactos nas rotinas produtivas, que aqui estão relatados.

A experiência dos jornalistas entrevistados além de servir para o registro histórico do que foi vivido pela categoria e de como cada um e cada uma enfrentou o momento contribui para a compreensão das particularidades que impactam na construção diária da notícia. A pesquisa pretende contribuir para o ensino do telejornalismo, mas não prescinde de complementação com novas pesquisas sobre a permanência destas e outras práticas no telejornalismo que possam surgir a partir do fim pandemia da covid-19. O assunto não se esgota, é um ponto inicial.

## 7 REFERÊNCIAS

- A jornada de consumo do conteúdo do brasileiro.** Globo, 6 abr. 2020. Disponível em: <https://gente.globo.com/a-jornada-de-consumo-de-conteudo-do-brasileiro/>. Acesso em: 15 mai. 2021.
- AFFONSO, D. F. **Os impactos da pandemia da covid-19 no telejornalismo gaúcho:** adaptações na rotina de produção do Bom dia Rio Grande da RBS TV. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo), Universidade de Caxias do Sul. 2021. 181f.
- AGUIAR, Sônia. **Territórios do Jornalismo:** geografias da mídia local e regional no Brasil. Petrópolis: Vozes/Editora PUC Rio, 2016
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da Notícia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009 (Coleção Clássicos da Comunicação Social).
- ANDRADE, E.; SAAR, C. A. A pandemia de Covid-19 e as mudanças no telejornalismo na cidade de Macapá. **SOPCOM**, Estudos de Jornalismo, n. 13, 2021.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009, p.17.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. São Paulo: Cortez, 2009.
- APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa.** 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Cengage Learning, 2012. 226 p.
- ASSIS, F. O jornalismo além do lead: rotinas produtivas, anuências e condições para uma prática diferenciada. **Revista Comunicação Midiática**, v. 12, n. 3, p. 40-54, 2017.
- Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI). (2020). **Uberização no jornalismo:** desafios e perspectivas para os trabalhadores da imprensa no Brasil. Disponível em: [https://abraji.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Abraji\\_Uberizacao\\_2020](https://abraji.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Abraji_Uberizacao_2020).
- Atlas da Notícia - O mapa do jornalismo local no Brasil.** Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo. 09 dez. 2019. Disponível em: <[https://issuu.com/editoracasadaarvore/docs/atlas\\_da\\_noticia\\_-\\_versa\\_o\\_3.0\\_1](https://issuu.com/editoracasadaarvore/docs/atlas_da_noticia_-_versa_o_3.0_1)>. Acesso em: 11 out. 2020.
- AZAMBUJA, G. K. B. **Jornalismo 3G:** reconfigurações da produção jornalística na era da mobilidade. 2010. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2010. 179f.
- AZEVEDO, Bárbara; SIMÕES, Guilherme. A televisão e o streaming: um panorama do consumo de conteúdo audiovisual. **Revista Inteligência Empresarial**, vol. 9, no. 2, 2019, pp. 6-12.
- BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Edições Loyola, São Paulo, 1997

BARBOSA, S. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: CANAVILHAS, J. (Org). **Notícias e mobilidade: o Jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Covilhã, PT: Livros LabCOM, 2013. p. 33-54.

BARBOSA, T. V. **Reconfigurações de práticas no telejornalismo do Maranhão na pandemia da Covid-19**. 2022. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022. 115f.

BARBOSA, Anderson. **Secretaria de Estado da Saúde confirma primeiro caso de coronavírus em Sergipe**. G1 Sergipe, 14/03/2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia-da-saude-confirma-primeiro-caso-de-coronavirus-em-sergipe.ghtml>>. Acesso em 15 de out.de 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Zahar, 2003.

Bebber, F. F. (2017). **Precarização do trabalho no Brasil: uma análise da reforma trabalhista**. Revista de Ciências Gerenciais, 21(3), 1-12

BECERRA, Martín. **Uberização atinge também o jornalismo**. Carta Capital, 2019. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/economia/uberizacao-atinge-tambem-o-jornalismo/>. Acesso em 10 de fevereiro de 2023.

BELÉM, Vitor; et al. **Pandemia e informação: o que mudou na cobertura dos telejornais locais do Nordeste? 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2020**. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/>. Acesso em 01 de junho de 2020.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **O Conceito de Cultura em Celso Furtado**. Salvador: EDUFBA, 2015, 322 p.

BOLAÑO, Cesar Ricardo Siqueira. **TV Digital no Brasil: Tecnologia, Política e Sociedade**. São Paulo: Annablume, 2009.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, jan.-jul. 2005, p.68-80.

BONNER, William. **JN: 50 anos de telejornalismo**. São Paulo: Globo Livros, 2019.

BONNER, William. **Repórteres da Globo vão passar a usar máscara inclusive diante da câmera nas ruas**. Jornal Nacional – Rede Globo. Globo Play, 4 ago. 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8530733/>. Acesso em: 30 jul. 2022.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1996, pp. 122-144.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BREED, Warren. Controlo social na redacção: uma análise funcional. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

BRIDI, Sônia. Lugar de repórter é na rua. In: EMERIN, Cárilda Emerim; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. (Org.). **A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia**. 1 ed. Florianópolis: Insular, 2020, v. 10, p.205-208.

BUCCI, Eugênio . **A Imprensa e o Dever da Liberdade**. São Paulo. Cia das Letras, 2014.

BUCCI, Eugênio. **O Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 2000.

CAJAZEIRA, P. E.; SOUZA, J. J. G. **O Telejornalismo no Cariri Cearense: a Rotina de Trabalho dos Jornalistas no Contexto da Pandemia da Covid-19 (2020 a 2022)**. Comun. & Inf., v. 25, p. 78-92, 2022.

CAMPONEZ, Carlos. Jornalismo regional: proximidade e distanciamento. Linhas de Reflexão sobre uma ética da proximidade do jornalismo. In: CORREIA, João Carlos. **Ágora - Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades**. LabCom Books, 2012.

CAPOANO, E.; BARROS, V. Jovem, dedicado, confinado e prejudicado: perfis, rotinas e processos jornalísticos durante a pandemia de Covid-19. **Pauta Geral: Estudos em Jornalismo**, v. 7, p. 1-15, 2020.

CARROZA, Chiara. Re-conceptualizing social research in the “digital era”: Issues of scholarships, methods, and epistemologies. **Análise Social**, v. 228, n. 3, 2018, pp. 652-671.

CARROZA, R. **A Era da Precarização: Trabalho e Capitalismo Digital**. São Paulo: Boitempo, 2017.

CASTELLS, Manuel (2002). **A Sociedade em Rede**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Vol. 2: O Poder da Identidade. V. II. 5ª edição. Lisboa, 2006.

CERQUEIRA, Laerte; SILVA, Elaine Gomes. Telejornalismo remoto: o que pode se incorporar à rotina das redações e dos profissionais pós-pandemia? In: EMERIM, Cárilda, PEREIRA, Ariane, COUTINHO, Iluska (Org.). **A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia**. 1ª ed. Florianópolis: Insular, 2020, v. 10.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. 3ª ed. São Paulo, Summus, 2007.

CORCUFF, Philippe. **As novas sociologias: construções da realidade social**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

**Coronavírus:** Sindjorce oficia empresas sobre medidas para proteger jornalistas. Sindjorce (Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará), 2020. Disponível em: <http://www.sindjorce.org.br/coronavirus-sindjorce-oficia-empresas-sobre-medidas-para-proteger-jornalistas/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

COUTINHO, Iluska; MELLO, E.; FINGER, C. As telas da pandemia da Covid-19: desafios do Jornalismo e do Audiovisual. Juiz de Fora, **PPGCOM – UFJF**, v. 15, n. 3, p. 4-5, set./dez. 2021

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. **Dramaturgia do Telejornalismo Brasileiro: A estrutura narrativa das notícias em televisão**. 2003. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Comunicação Social), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo, **Anais eletrônicos**, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva; MATA, Jhonatan. Telejornalismo a serviço do público: a voz do povo em cena. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, 2010, p. 65-73.

**Covid-19:** impactos no consumo de mídia. Kantar Ibope Media. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/brasil-covid-19-19-3/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CULTURA AUDIOVISUAL E TECNOLOGIA (CAT); COMUNICAÇÃO, CULTURA E DISCURSO (GRUDI). **Comunicação e informação num contexto de pandemia e isolamento social**. Universidade Federal do Espírito Santo, 2020. Disponível em: [http://www.ufes.br/sites/default/files/anexo/comunicacao\\_coronavirus-ufes.pdf](http://www.ufes.br/sites/default/files/anexo/comunicacao_coronavirus-ufes.pdf). Acesso em: 09 jul. 2022.

CURADO, O. **A notícia na TV:** o dia-a-dia de quem faz telejornalismo. São Paulo: Alegro, 2002. p. 194

DAMASCENO, D. R. **Marcas da mediatização no jornalismo fact-checking:** um estudo sobre a cobertura da pandemia de covid-19 realizada por agência lupa e aos fatos. 2022. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia. 2022. 164f.

DENZIN, Normam K.; LINCOLN, Yvonna S. (Eds.). **The Sage Handbook of Qualitative Research**. Fifth Edition. Los Angeles: Sage, 2018

DUARTE, Jorge. Estudo de Caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

EMERIM, Cárlica.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. (Orgs.). **Telejornalismo 70 anos:** o sentido das e nas telas. Florianópolis: Insular, v. 9, 2020. 334.

EMERIM, Cárlica; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane (Org.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular. 2018.

EMERIM, Cárlica ; M. D. **Jornalismo e pandemia:** as novas rotinas na produção de notícias. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXIII Encontro Anual da Compós. São Paulo, 2020.

**Estimativas da população.** Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa (IBGE). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativasde-populacao.ht/view/1374/834>. Acesso em 14 de março de 2023

FECHINE, Yvana. **Elogio à programação:** repensando a televisão que não desapareceu. XXXVII Congresso brasileiro de ciências da comunicação. 2014. Anais... Foz do Iguaçu, 2014. Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2014.

FECHINE, Yvana. **Televisão e presença:** uma abordagem da transmissão direta. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FECHINE, Yvana. **TV Social:** contribuição para a delimitação do conceito. *Contracampo*, Niterói, v. 36, n. 01, pp. 84-98, abr. 2017 / jul. 2017. DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v36i1.965>. Acesso em: 03 de junho de 2023

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DOS JORNALISTAS. **Uberização do trabalho jornalístico:** tendências e desafios. 2018. Disponível em: <https://www.ifj.org/media-centre/news/detail/article/ifj-report-exposes-impact-of-gig-economy-on-journalism.html>. Acesso em: 14 mar. 2023

FELIX, Emilia Morena Silva; et al. A Mídia e a Construção de Novas Realidades. In: ARAÚJO, Vanbasten Noronha de; et al. **Permitir (ser):** empoderamento e interculturalidade no cenário político global. Brasília : Simulação das Nações Unidas para Secundaristas (SiNUS), 2016, p. 20-45.

FENAJ. **Federação Nacional dos Jornalistas.** Portal. Brasília: FENAJ, 2021. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

FÍGARO, R. C. C. (Coord.). **Os Impactos da Pandemia de Covid-19 no Jornalismo Brasileiro: resultados preliminares.** São Paulo: Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003067089.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.

FIGARO, R.; et al. Como trabalham os comunicadores na pandemia do Covid-19? **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, v. 3, 3 jul. 2020

FIGARO, R.; et al. **Como trabalham os comunicadores na pandemia do Covid-19?**. *Revista Jurídica Trabalho E Desenvolvimento Humano*, 3. Disponível em: <http://revistatdh.org/index.php/Revista-TDH/article/view/76>. Acesso em: 2022

FIGARO, Roseli (Coord.). **Relatório dos resultados da pesquisa:** como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19? São Paulo: ECA-USP, 2020. Disponível em: <[http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/publicacoes\\_cpct/relatorio-de-pesquisa-como-trabalham-os-comunicadores-em-tempos-de-pandemia-da-covid-19/](http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/publicacoes_cpct/relatorio-de-pesquisa-como-trabalham-os-comunicadores-em-tempos-de-pandemia-da-covid-19/)>. Acesso em: 07 out. 2022.

FRANCISCATO Carlos Eduardo. As novas configurações do jornalismo no suporte on-line. **EPTIC Online**, v. VI, n. 03, set-dez 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6056/1/Carlos-Eduardo-Franciscato.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2022.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo:** bases para sua delimitação teórica. (Tese de Doutorado 2016) UFBA. Salvador, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6056/1/Carlos-Eduardo-Franciscato.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2022.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo.. A inovação metodológica como problema na pesquisa em jornalismo digital. **Contemporânea.** *Comunicação e Cultura*, v.15, n.01, jan-abr 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/21513>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A segmentação como estratégia de comunicação em ambientes digitais. **Revista Eptic**, v. 17, n. 1, p. 1-16, jan./jun. 2015

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A Temporalidade Múltipla no Webjornalismo**. In: Anais do IX Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação. Intercom - XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2009. <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/1857/1/TemporalidadeMultiplaWebjornalismo.pdf>

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 200 p.

**Globo altera programação e aumenta cobertura jornalística da Covid-19**. Rede Globo, 16 mar. 2020. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/mudancas-na-globo-em-funcao-do-covid-19.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2021

GOMES, Itânia Maria Mota. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **Revista Compós**, p. 3, 2007.

GUERRA, Josenildo Luiz. **O percurso interpretativo na produção da notícia**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

GURGEL, Luciana. **Perda de confiança e fadiga de notícia, as grandes ameaças do jornalismo no mundo**. Portal Comunique-se, 28 jun. 2022. Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/as-grandes-ameacas-do-jornalismo-no-mundo/>. Acesso em: 10 de julho de 2023

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. São Paulo : Loyola, 1992, p-135-162

INTERNET LAB 2021 . Disponível em <https://.org.br/pt/noticias/internetlab-lanca-relatorio-anual-de-2021/>. Acesso em 05 de maio de 2022

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 4ª reimpressão – São Paulo: Aleph, 2013.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008

**JN: 50 anos de telejornalismo**. São Paulo: Globo Livros, 2019.

JORGE, Thais de Mendonça. **Mutação no jornalismo: como a notícia chega à internet**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013. In SQUIRRA, Sebastião. **Aprender Telejornalismo: Produção e Técnica**. Ed. Brasiliense, 1989.

JORNAL NACIONAL. **Repórteres da Globo vão passar a usar máscara inclusive diante da câmera nas ruas**. G1, 04 mai 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal->

[nacional/noticia/2020/05/04/reporteres-da-globo-vaio-passar-a-usar-mascara-inclusive-diante-da-camera-nas-ruas.ghtml](https://g1.globo.com/nacional/noticia/2020/05/04/reporteres-da-globo-vaio-passar-a-usar-mascara-inclusive-diante-da-camera-nas-ruas.ghtml). Acesso em: 19 mar. 2023.

**Jornalistas da Globo News relembram desafios do home office na pandemia.** Globo News, 04 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/video/jornalistas-da-globonews-relembram-desafios-do-home-office-na-pandemia-9847815.ghtml>. Acesso em: 04 jun. 2023.

**KANTAR IBOPE MEDIA.** 2021. Disponível em : [Kantar IBOPE Media Brazil - Kantar IBOPE Media](#). Acesso em 05 de dezembro de 2022

KISCHINHEVSKY, M. Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico. In: Carla. Rodrigues (Org.). **Jornalismo online: modos de fazer.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Porto Alegre: Sulina, 2009.

KOVACH; Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir.** Porto: Porto Editora, 2004.

LEMOS, André. **As estruturas antropológicas do cyberspaço.** Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cvber/lemos/estrcv1%20.html>>. Acesso em: 07 out. 2022.

LEMOS, André. Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Revista Matrizes**, n.1, out. 2007.

LÉVY, Pierre. **A esfera pública do século XXI.** Techyredes, 2011. Disponível em: [https://techyredes.files.wordpress.com/2011/08/techyredes\\_artigo-pierrelevy1.pdf](https://techyredes.files.wordpress.com/2011/08/techyredes_artigo-pierrelevy1.pdf). Acesso em: 17 out. 2020.

LIMA, Helder. **Jornadas ininterruptas e cada um por si: o ‘novo normal’ do trabalho na imprensa sob pandemia.** Rede Brasil Atual, 28 set. 2021. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/jornadas-ininterruptas-trabalho-imprensa-pandemia/> Acesso em: 10 de setembro 2022

Lima, V. F. Teletrabalho: origem, conceitos, benefícios e desafios. **Revista de Ciências Gerenciais**, v. 22, n.1, 2018, p. 1-13.

MACHADO, Alfredo. **Televisão: programação e produção.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

MANZINI, Eduardo José. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada.** In: MARQUEZINE, Maria Cristina; ALMEIDA, Maria Amélia; OMOTE, Sadao (orgs). **Colóquios sobre pesquisa em educação especial.** Londrina. Eduel, 2003, p 11-24.

MARANHA, E. R. **Precarização do trabalho: uma abordagem crítica.** São Paulo: Annablume, 2003.

MARANHA, E. R. **A precarização do trabalho no Brasil: um estudo sobre o mercado informal de trabalho na década de 2000.** Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

MARIANO, Julinho Bittencourt. **Jornadas ininterruptas: o trabalho da imprensa em tempos de pandemia.** Rede Brasil Atual, São Paulo, 19 ago. 2020. Disponível em:

<https://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/jornadas-ininterruptas-trabalho-imprensa-pandemia/>. Acesso em: 02 abr. 2023.

MARQUES, Ana Flávia; et al. **Relatório de pesquisa:** como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19. ECA-USP, 2020. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/publicacoes\\_cpct/relatorio-de-pesquisa-como-trabalham-os-comunicadores-em-tempos-de-pandemia-da-covid-19/](http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/publicacoes_cpct/relatorio-de-pesquisa-como-trabalham-os-comunicadores-em-tempos-de-pandemia-da-covid-19/). Acesso em: 09 out. 2022.

MARQUES, José. **TVs e jornais lideram índice de confiança em informações sobre Coronavírus, diz Datafolha.** Folha de São Paulo, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/tvs-e-jornais-lideram-indice-de-confianca-em-informacoes-sobre-coronavirus-diz-datafolha.shtml>>. Acesso em: 17 out. 2020.

MARTIN-BARBERO, Jesús.: **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia,** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e pesquisa para o jornalismo que está por vir.** Florianópolis: Insular, 2012

MELO, C. P.; et al. As estratégias de combate à desinformação do Fato ou Fake no programa Combate ao Coronavírus. In: SIQUEIRA, F.; MONTEIRO, P. **Jornalismo em tempos de pandemia:** reconfigurações na TV e na Internet. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

MELO, José Marques de. **Jornalismo:** compreensão e reinvenção. Editora Saraiva, 2009.

MELO, José Marques de. **Telejornalismo:** a alma da notícia. Petrópolis: Vozes, 2008.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional** – História. 11 jan. 2022. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/>. Acesso em: 09 jul. 2022.

MENDES, E.; RUIZ, R. L.; SANTOS, S. L. Rotinas produtivas flexíveis: as tendências e perspectivas do telejornalismo em redes televisivas no contexto de convergência no Brasil. In: SIQUEIRA, F. C.; MONTEIRO, P. (Org.). **Jornalismo em tempos de pandemia:** reconfigurações na TV e na Internet. Editora UFPB, João Pessoa, 2020, e-book. p. 197-212.

MESQUITA, Giovana . **Intervenho, logo existo:** a Audiência Potente e as novas relações no jornalismo. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

MESQUITA, Giovana ; VIZEU, A. Em tempo de coronavírus nos telejornais: o “lugar de referência” e a “audiência potente” na produção da notícia. In: EMERIM, C; PEREIRA, A; COUTINHO, I. (org.). **A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia.** 1. ed. Florianópolis: Insular, 2020

MESQUITA , Giovana. Televisão e internet: uma relação complexa. **Revista Comunicação & Inovação**, vol. 18, no. 35, 2017, pp. 49-64

MIELNICZUK, Luciana. Webjornalismo de terceira geração: continuidades e rupturas no jornalismo desenvolvido para a web. **Anais do 27º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/33239839420892013900619660266793099419.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2023.

MONTEIRO, P.; et al. Recolha, seleção e apresentação: reprodução das rotinas produtivas do jornalismo nos podcasts. **NAMID/UFPB**, Ano XVII, n. 10, p. 83-93, 2021.

MONTEIRO, R. M.; SIQUEIRA, A. L. M. Jornalismo na pandemia: desafios, rotinas e ética profissional. **Revista FAMECOS**, v. 27, n. 2, 2020, p. 119-130.

MORAES, Adriano; ROSSONI, Luciano. Streaming de vídeo: como a internet está mudando o consumo de televisão. **Revista Comunicação & Inovação**, vol. 16, no. 32, 2019, pp. 1-13.

MORAES, Ana Luiza Coiro. Estudos culturais aplicados a pesquisas em telejornalismo: paradigmas investigativo e metodológico no Jornal do Almoço. In: GOMES, I. (org.). **Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MORAES, M. Produtos interativos para consumidores multimídia. **Revista PreTextos**, 25 nov. 1998. Disponível em: <  
<https://www.google.com/search?q=%3Chttp%3A%2F%2Fwww.facom+.ufba.br%2Fpretextos%2Fm+aira.htm+1&sourceid=chrome&ie=UTF-8> Acesso em: 14 maio 1999>. Acesso em: 07 out. 2022.

MORAIS W. P.; BEZ A. C. L. Rotinas produtivas e suas interferências. **Observatório da imprensa** ano 23, n. 1229, 2004. Disponível em <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/rotinas-produtivas-e-suas-interferencias/>. Acesso em 12 mar. 2023.

MORETZHON, Sylvia. **Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002. 189 p.

MOTA, Joanne Santos; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **Mercado sergipano de televisão: TV Sergipe 40 anos**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus-AM, 2013.

MUNIZ, H. Trabalho em casa: vantagens e desvantagens. **Revista de Administração de Empresas**, v. 40, n. 3, 2000, p. 70-76.

NEGRINI, M.; REDÜ, N. Telejornalismo e Covid-19: como a pandemia ressignificou as rotinas produtivas do Jornal Nacional. **Linguagens. Revista de Letras, Artes e Comunicação**, v. 16, n. 2, p. 004-021, 2022.

OLIVEIRA, Elane Gomes da Silva. **Os dispositivos de temporalidade nas rotinas da redação do telejornal: o caso do jornal do almoço, da RBS TV e do NE 1, da Globo Nordeste**. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. Illusio: aquém e além de Bourdieu. **Mana**, v. 11, n. 2, 2005, p. 529-543.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 1996.  
 PALACIOS, M. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. In: MACHADO, E.; PALACIOS, M. (Orgs.). **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador: GJOL e Calandra, 2003.

PALACIOS, Marcos. Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate. **Revista PJ:BR**, nº. 4, 2004. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4\\_f.htm](http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm). Acesso em: 17 set. 2022.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **Texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PEIXOTO, Francisco José. Jornalismo em tempos de precarização: entre a liberdade de expressão e a exploração dos trabalhadores. *Revista FAMECOS*, v. 26, n. 2, p. 1-16, maio-ago. 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/30315/19187>. Acesso em: 16 mar. 2023.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Os jornalistas-intelectuais no Brasil: Identidade, práticas e transformações no mundo social**. 2008. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2008.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. *Intexto*, Porto Alegre, v. 1, n. 24, p. 38-57, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/19208>. Acesso em: 17 set. 2022.

PEREIRA, Livia Cirne de Azevêdo. As renovações nas formas narrativas e de apresentação dos telejornais como lógicas de aproximação com os telespectadores. *Âncora - Revista latino-americana de Jornalismo*, v. 02, 2015, p. 25-50.

PEREIRA, Livia Cirne de Azevêdo. **Os avanços tecnológicos no telejornalismo brasileiro: de 1950 à Era digital**. 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-livia-avancos-tecnologicos.pdf> Acesso em: 15 mar. 2023.

PEREIRA, Livia Cirne de Azevêdo. **Repensando o telejornalismo a partir da digitalização da TV: em busca de formatos interativos**. 2014. 279 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/13978?locale=en>. Acesso em: 15 mar.2023

PEREIRA, Livia Cirne de Azevêdo. **Telejornalismo e Digitalização**. In:\_\_\_\_\_. (Org.). *Práticas Jornalísticas na Era Digital*. (pp. 125-146). São Paulo: Editora Senac São Paulo. 2014.

PEREIRA, Livia Cirne de Azevêdo; BELÉM, Vitor; SIQUEIRA, Fabiana; MESQUITA, Giovana. A serviço do povo? Um olhar sobre telejornalismo comunitário no SE1, JPB1 e RN1. **Contracampo**. Niterói, v. 40, n. 1, jan./abr. 2021.

**Perspectivas Sociais e de Emprego no Mundo 2021: O papel das plataformas digitais na transformação do mundo do trabalho**. Organização Internacional do Trabalho. Genebra, 2021. Disponível em: [https://www.ilo.org/lisbon/publica%20A7%20B5es/WCMS\\_830697/lang--pt/index.htm](https://www.ilo.org/lisbon/publica%20A7%20B5es/WCMS_830697/lang--pt/index.htm) <>. Acesso em: 09 de outubro de 2023.

PERUZZO, Cicília. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 28, p. 24-33, dez. 2005. Disponível em: <http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/wp-content/uploads/2018/09/Mídia-regional.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2023.

**Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) TIC 2018**. Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa. (IBGE). Disponível em:

[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/10d5c0576ff8d726467f1d4571dd8e62.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/10d5c0576ff8d726467f1d4571dd8e62.pdf). Acesso em: 20 out. 2020.

PRATA, Nair; JACONI, Sônia; NASCIMENTO, Gênio (Org.). **Desafios da comunicação em tempo de pandemia: um mundo e muitas vozes**. Intercom, 1ª ed. Ebook.

**Primeiro caso confirmado de Covid-10 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses nesta quarta.** G1 SP, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/26/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quarta.ghtml>>. Acesso em: 15 de out. 2020.

**Princípios Editoriais.** Grupo Globo, 2015. Disponível em: <[http://grupoglobo.globo.com/atributos\\_informacao\\_de\\_qualidade\\_isencao.php](http://grupoglobo.globo.com/atributos_informacao_de_qualidade_isencao.php)>. Acesso em: 17 jun. 2022.

**RECORD TV divulga medidas para preservar a saúde dos colaboradores.** Record, 20 mar. 2020. Disponível em: <<https://recordtv.r7.com/record-tv-divulga-medidas-para-preservar-a-saude-dos-colaboradores-20032020>> Acessado em 16 mar. 2023.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura)

RENÓ, Denis Porto. Movilidad y producción audiovisual: cambios en la nueva ecología de os medios. *In: SCOLARI, Carlos A. (Ed.). Ecología de los medios: entornos, evoluciones e interpretaciones*. Gedisa, 2015, p. 247- 263.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

ROCHA, Vinícius Oliveira. **Geografias dos grupos de mídia na região Nordeste: o local e o regional nas TVs Sergipe e Atalaia**. Plano de Trabalho: O local e o regional na TV Sergipe: peculiaridades nos contextos estadual e nordestino. Relatório PIBIC. Universidade Federal de Sergipe, 2019.

RODRIGUES, Gustavo; FRANÇA, Jéssica. **Um ano de pandemia em Sergipe**. G1 Sergipe, 14 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2021/03/14/um-ano-de-pandemia-em-sergipe-drama-de-familias-e-a-exaustao-dos-profissionais-da-saude.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2021.

SANTANA, Fábio Prado Dos Santos. **Análise comparativa da gestão das empresas de televisão aberta de Sergipe**. 2014. Dissertação (Mestrado em Economia), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão SE, 2014.

SCOLARI, Carlos A. Ecología de los medios: de la metáfora a la teoría (y más allá). *In: SCOLARI, Carlos A. (Org.). Ecología de los medios: entornos, evoluciones e interpretaciones*. Gedisa, 2015, p. 15-40.

SIFUENTES, L.; et al. **Transformações nas rotinas produtivas na televisão pública: o trabalho dos jornalistas da TVE-RS durante a pandemia de Covid-19**. Juiz de Fora, PPGCOM – UFJF, v. 15, n. 3, p. 128-145, 2021.

SILVA, Edna de Mello. Fases do Telejornalismo: uma proposta epistemológica. *In: ROCHA, L.V.; SOARES, S.R. (org.). Comunicação, jornalismo e transformações convergentes*. Palmas: EDUFT, 2019. 136p.

SILVA, Edna de Mello. **As fases do telejornalismo: uma proposta epistemológica.** In: SILVA, Edna de Mello. **Epistemologias do telejornalismo brasileiro.** Florianópolis : Insular, 2018, p. 19-35.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. **UFSC**, Florianópolis, 4. ed. v. 123, 2005. 138 p.

SILVA, G. **Para pensar critérios de noticiabilidade.** **Estudos em Jornalismo e Mídia**, 2005, p. 95-107

SILVA, L. C. B.; et al. Pandemia e precarização no trabalho: um catalisador de vulnerabilidades. In: MORAES, J. R. de; NUNES, R. (Orgs.). **Pandemia: reflexões plurais.** São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2020. p. 65-76. Disponível em: <https://ojs.unesp.br/index.php/flaborativa/article/view/3488/pdf>.. Acesso em: 14 mar. 2023

SILVA, Terezinha; FRANÇA, Vera. Jornalismo, noticiabilidade e valores sociais. **Ecompos**, Brasília, v. 20, n. 3, p.1-21, set. 2017.

SILVEIRA, Daniel. **Home office atinge 11% dos trabalhadores no Brasil diante da pandemia em 2020, aponta IPEA.** G1, Rio de Janeiro, 15 jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/07/15/home-office-atinge-11percent-dos-trabalhadores-no-brasil-diante-da-pandemia-aponta-ipea.ghtml>. Acesso em: 05 jun 2023

SIQUEIRA, F.; DIAS, G. A rotina dos produtores de TV na pandemia: a atuação das fontes na coprodução de conteúdo jornalístico. **Novos olhares**, v. 10 n.2, 2021

SIQUEIRA, F.; DIAS, G.; BANDEIRA, J. Telejornalismo e pandemia: as mudanças nas rotinas produtivas na redação da TV Correio. In: SIQUEIRA, F.; MONTEIRO, P. (org.). **Jornalismo em tempos de pandemia reconfigurações na TV e na Internet.** João Pessoa, Editora UFPB, 2020, p. 144-186.

SIQUEIRA, F.; MONTEIRO, P. **Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na Internet.** Joao Pessoa, Editora UFPB, 2020. 224p.

SOARES, Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes. Comunicação Comunitária e Identidade Cultural. **Revista da Faculdade de Letras**, Porto, n.6, pág.155-174, 2012

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a televisão.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”.** Lisboa: Vega, 1999.

SOUSA, Vítor de; et al. Riscos, dilemas e oportunidades: atuação jornalística em tempos de pandemia. **Estudos em Comunicação**, n. 31, 2020, p. 1-33. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/68692/1/881-2670-1-PB.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2023.

SOUZA, A. F. (2018). O mito da libertação: a crítica de Ursula Huws ao teletrabalho. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, n. 64, 2018, p. 87-97.

SOUZA, Sarah Rebecka Rêgo de. **Papel da Audiência Potente na construção da notícia nos telejornais AB2 e TV Jornal Notícias durante a pandemia da Covid-19.** Trabalho de

Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social), Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2021, 60 p.

SQUIRRA, Sebastião. **Aprender telejornalismo**: produção e técnica. Ed. Brasiliense, 1989.

STANDING, Guy. **O Precariado**: A Nova Classe Perigosa. Tradução de Patricia Barbosa e Eduardo Francisco Alves. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

THOMÉ C.; et al. A cobertura da Covid-19 no Rio de Janeiro: aspectos da rotina produtiva do Telejornalismo Local. **Âmbitos. Revista Internacional de Comunicación**, n. 52, 2021, p. 71-86.

THOMÉ C.; REIS, M. A. **Reconfiguração do telejornalismo regional mineiro frente à pandemia do Covid-19**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2020 (online).

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2011.

**TIC DOMICÍLIOS** – 2022. Cetic, 2022. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores/>. Acesso em: 20 mai. 2023.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999b. p. 167-176.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999a.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003

TRAQUINA, Nelson. **O que é jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo** – A tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** - porque as notícias são como são. 2ª ed. Florianópolis : Insular, 2005.

TRÄSEL, Marcelo. Continuidades e rupturas: relendo um texto fundamental sobre ciberjornalismo. **Dossiê Ciberjornalismo: desafios, dilemas e potencialidades**, n. 17, 2020, p. 27-36. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/11300>. Acesso em 18 set. 2022.

TUCHMAN, Gaye. As notícias como uma realidade construída. In: ESTEVES, João Pissarra. **Comunicação e Sociedade**. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 94-104.

TUCHMAN, Gaye. **Making News**: A Study in the Construction of Reality. New York: The Free Press, 1978

TV SERGIPE. **Na nossa TV seguimos você**. Aracaju, 28 jul. 2021. Instagram: @tvsergipe. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CR33zvssVuY/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>>. Acesso em: 05 out. 2022.

TV SERGIPE. **Na Nossa TV seguimos você.** Aracaju, 9 ago. 2021. Instagram: @tvsergipe. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CSXh\\_5QNMt9/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D](https://www.instagram.com/p/CSXh_5QNMt9/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D). Acesso em: 05 out. 2022.

VAZ, A. L. **Jornalismo na correnteza:** senso comum e autonomia na prática jornalística. Ed. Senac Departamento Nacional, 2013. 207p.

VIANNA, Ruth. **Informatização da imprensa brasileira.** São Paulo: Edições Loyola, 1992. p. 24

VIZEU, Alfredo Pereira. (2014). **História da televisão no Brasil.** Editora Ática.

VIZEU, Alfredo Pereira; CERQUEIRA, L. “O lugar de referência” do telejornalismo local: o papel dos saberes, dos dispositivos didáticos e da temporalidade. *In:* COUTINHO, I.; EMERIM, C. **Telejornalismo Local: Teorias e Conceitos.** Florianópolis: Insular, 2019. p. 41-60.

VIZEU, Alfredo Pereira . **Jornalismo em tempos de pandemia:** tecnologia, rotinas e formação profissional. *In:* Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXIII Encontro Anual da Compós. São Paulo, 2020

VIZEU, Alfredo Pereira; CERQUEIRA DA SILVA, Laerte José. **65 Anos de Televisão: o Conhecimento do Telejornalismo e a Função Pedagógica.** Revista Famecos, mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 23, n. 3, set.-dez./2016. Volume 15, Número 3, set./dez. de 2021, p. 217.

VIZEU, Alfredo Pereira. A produção de sentidos no jornalismo: da teoria da enunciação à enunciação jornalística. Revista **FAMECOS**, Porto Alegre, v. 1, n. 22, p.107-116, dez. 2003.

VIZEU, Alfredo Pereira. A transição da televisão para a internet. *In:* Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39., 2016, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R13-1855-1.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2023.

VIZEU, Alfredo Pereira. O lugar de referência e a fragilidade das instituições no caso do Nordeste. *In:* SILVA, Francirosy Campos Barbosa da (org.). **Os Lugares de Referência.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013. p. 49-70

Vizeu, Alfredo Pereira. **Televisão: A Vida pelo Vídeo.** São Paulo: Contexto, 2008

VIZEU, Alfredo Pereira ; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. *In:* VIZEU, Alfredo (Org.). **A sociedade do telejornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2008. p. 11-28.

VIZEU, Alfredo Pereira ; LEITE, Flora. Decidindo o que é notícia: 20 anos depois. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 4, p. 284-307, jul-set. 2018.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa.** São Paulo: Martins Fontes, 2003. 295 p.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Lisboa: editora Presença, 1994.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2010.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO

#### Entrevista semiestruturada

**Tema:** rotinas produtivas na redação do *Bom dia Sergipe* na pandemia

**Universo:** equipe de jornalistas que trabalhavam na redação e na externa do telejornal durante o período analisado

**Equipe:** Um entrevistador

**Número de entrevistados :** 10

**Tempo de cada entrevista:** limite de 30 minutos

#### Perguntas para diretora de jornalismo e editor-chefe

- 1) Do seu ponto de vista, quais as características mais marcantes da pandemia que alteraram a rotina da redação do *Bom dia Sergipe*? Você identifica qual a principal?
- 2) Você considera que o telejornal antes da pandemia era diferente do que é hoje? Por exemplo?
- 3) Você identifica qual etapa (reportagem, edição, produção, apresentação) teve maiores mudanças? E por quê?
- 4) Como foi sua atuação na pandemia ?
- 5) Pelo que você percebe houve algum grupo de trabalho na equipe mais afetado pela pandemia. quanto aos impactos na rotina?
- 6) Pelo que você percebe, esses impactos, de alguma forma alteraram o conteúdo do telejornal?
- 7) Em sua opinião, quais mudanças nas rotinas que vieram com a pandemia ficarão e quais serão abolidas?

#### Perguntas para editores-assistentes

- 1) Para você, houve alterações significativas na rotina do seu trabalho ?
- 2) Quais os desafios enfrentados na sua rotina ?
- 3) Você acredita que esses desafios de alguma forma te ajudaram profissionalmente ? de que forma?

- 4) Sua rotina de trabalho foi intensificada ? De que forma?
- 5) Em sua opinião, a política da empresa ao tratar da segurança dos profissionais foi satisfatória ou não? Em que aspectos ?
- 6) Houve alteração na forma de trabalhar presencialmente ? De que forma e qual sua avaliação?
- 7) Em sua opinião, quais mudanças nas rotinas que vieram com a pandemia ficarão e quais serão abolidas?

### **Perguntas para comentaristas**

- 1) Para você, houve alterações significativas nas rotinas do seu trabalho ?
- 2) Quais os desafios enfrentados no seu trabalho ?
- 3) Você acredita que esses desafios de alguma forma te ajudaram profissionalmente ? de que forma?
- 4) Sua rotina de trabalho foi intensificada ?
- 5) Em sua opinião, a política da empresa ao tratar da segurança dos profissionais foi satisfatória ou não? Em que aspectos ?
- 6) Considerando que seu trabalho na maior parte é interno, quais fatores foram mais difíceis de lidar na rotina?
- 7) Em sua opinião, que outros fatores foram mais importantes para as mudanças nas rotinas ?
- 8) Em sua opinião, quais mudanças nas rotinas que vieram com a pandemia ficarão e quais serão abolidas?

### **Perguntas para produtor e repórteres:**

- 1) Seu trabalho sofreu alguma alteração na pandemia? de que forma?
- 2) Você recebeu equipamento de segurança para o trabalho externo?
- 3) Você se sentiu ameaçado pela covid? E como conseguiu lidar com isso?
- 4) Sofreu algum tipo de violência ou ameaça na rua durante a pandemia?
- 5) Como foi o seu trabalho na pandemia ? houve mudanças?
- 6) Que tipo de ferramentas ajudou no trabalho?
- 7) Como você coletava as informações com as fontes durante a pandemia?
- 8) Em sua opinião, a política da empresa ao tratar da segurança dos profissionais foi satisfatória ou não? Em que aspectos?
- 9) Houve alteração na forma de trabalhar presencialmente? De que forma e qual sua avaliação?

10) Em sua opinião, quais mudanças nas rotinas que vieram com a pandemia ficarão e quais serão abolidas?

## **APÊNDICE B : TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO**

Este documento visa solicitar sua participação na pesquisa de mestrado de Anna Paula Correia Ferreira e Cardoso que tem como objetivo avaliar os impactos da pandemia nas rotinas produtivas do Bom dia Sergipe. Por intermédio deste Termo lhes são garantidos os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta Pesquisa; (2) sigilo absoluto sobre nomes, apelidos, datas de nascimento, local de trabalho, bem como quaisquer outras informações que possam levar à identificação pessoal; (3) ampla possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social; (4) opção de solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial, o que será prontamente atendido; (5) desistir, a qualquer tempo, de participar da Pesquisa. “Declaro estar ciente das informações constantes neste ‘Termo de Consentimento Livre e Esclarecido’, e entender que serei resguardado pelo sigilo absoluto de meus dados pessoais e de minha participação na Pesquisa. Poderei pedir, a qualquer tempo, esclarecimentos sobre esta Pesquisa; recusar a dar informações que julgue prejudiciais a minha pessoa, solicitar a não inclusão em documentos de quaisquer informações que já tenha fornecido e desistir, a qualquer momento, de participar da Pesquisa. Fico ciente também de que uma cópia deste termo permanecerá arquivada com o Pesquisador do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFS responsável por esta Pesquisa.”

Aracaju, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2023

Participante: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Endereço Eletrônico: \_\_\_\_\_

Pesquisador Responsável: \_\_\_\_\_

Anna Paula Correia Ferreira e Cardoso